

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

**CLAUDIMEIRE NOGUEIRA VIEIRA**

**GERENCIAMENTO DE RELAÇÃO E DE EMOÇÃO: A ESTRATÉGIA DE  
ARREGIMENTAÇÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

**CAMPO GRANDE – MS 2010**

**CLAUDIMEIRE NOGUEIRA VIEIRA**

**GERENCIAMENTO DE RELAÇÃO E DE EMOÇÃO: A ESTRATÉGIA DE  
ARREGIMENTAÇÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do professor Dr. José Genésio Fernandes.

Área de concentração: Linguística e Semiótica.

Campo Grande MS  
Agosto de 2010

**CLAUDIMEIRE NOGUEIRA VIEIRA**

**GERENCIAMENTO DE RELAÇÃO E DE EMOÇÃO: A ESTRATÉGIA DE  
ARREGIMENTAÇÃO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

Aprovado por:

\_\_\_\_\_  
JOSÉ GENÉSIO FERNANDES, DOUTOR (UFMS)

\_\_\_\_\_  
DAVID VICTOR-EMMANUEL TAURO, DOUTOR (UFMS)

\_\_\_\_\_  
MARIA EMÍLIA BORGES DANIEL, DOUTORA (UFMS)

Campo Grande, MS \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.

Dedico este trabalho a três pessoas queridas: ao meu marido Altair, pelo incentivo e pela colaboração, ainda que de forma indireta; à minha mãe pelo apoio; e à minha filha Isabela, que como eu, vê no conhecimento, o fascínio da vida.

## **AGRADECIMENTOS**

As metas que desejamos alcançar nem sempre estão à mão. O caminho é tortuoso, difícil, de muitos desafios. Sabemos que a busca de um sonho não é nada fácil. Exige persistência, esforço, trabalho dedicação, suor... mas que também tem o lado do encantamento, do prazer, das alegrias. Nessa caminhada, muitas pessoas contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Agradeço muito ao programa do mestrado por ter me propiciado esse privilégio de poder estudar nessa instituição especialmente à professora Maria Adélia, à professora Rosana e ao professor Nolasco, à secretária Daniela, ao professor David pelo carinho com que leu meu trabalho sugerindo modificações, ao professor Geraldo pelas sugestões e atenção que sempre dispensou a mim.

Agradeço muito aos professores que contribuíram para minha formação ministrando as aulas: à professora Cida Negri sempre exigente, ao professor Derci com suas piadas sem deixar, no entanto, de cumprir sua missão de nos mostrar o caminho do saber, à professora Carol pela sua dedicação e seriedade com que nos apresentou a AD – Análise do Discurso, à professora Maria Emilia que nos encantava com seus conhecimentos, com o domínio que possui na sua área de atuação, além de sua generosidade.

Sou grata também ao professor Vicente Pietroforte. Suas aulas sempre foram um deleite que deixava no ar um aroma de encantamento.

A professora Rita Limberti também foi outra presença marcante para minha formação. Suas aulas de semiótica eram sempre preenchidas por belos textos, daqueles que fascinam e que mexem com as nossas certezas, que nos revelam outros mundos.

Por fim, agradeço muito a um professor muito especial para mim, José Genésio Fernandes. Não digo isso pelo fato de ele ser meu orientador – o que já seria um bom motivo, mas por muitos outros motivos que descreverei aqui. Meu primeiro contato com Genésio foi ainda na graduação. Suas aulas sempre muito bem elaboradas nos enchiam de vontade de saber cada vez mais. Trazia a cada aula, novos textos, novos assuntos. Lembro-me do assombro com que alguns alunos novatos - que nunca haviam tido contato com a semiótica, assistiam às suas

aulas, pois a semiótica não é uma teoria de fácil assimilação, porém com as aulas do professor Genésio tudo se tornava mais leve. Não porque ele abrandava a teoria, mas porque ele tem esse poder dos grandes mestres que é saber conduzir uma aula de maneira saborosa e por consequência, proveitosa.

Falar do professor Genésio é gratificante, porque seu exemplo nos mostra que na vida as barreiras e dificuldades existem, mas que podem ser vencidas. De origem humilde, menino da roça, mostrou que podemos ser sujeitos de nossa própria história. Sempre viveu em busca do objeto-valor *conhecimento* e nunca encerrou seu *programa narrativo* de busca. E mais que isso, consegue manipular por *contágio* aqueles que estão à sua volta, pois seu exemplo contagia. Alma generosa que é, encanta a todos pela maneira graciosa de contar a vida com suas palavras bem colocadas no papel, além de fazer poemas lindíssimos. Na pintura, não faz diferente, deixa na tela, o traço elegante e poético de sua arte.

Depois de tudo que eu disse, falta-me ainda dizer que como orientador, foi de uma importância fundamental. Sempre muito atencioso, mostrou-me os caminhos a ser percorrido. Jamais deixou de trazer idéias novas, de indicar um novo texto, uma passagem em alguma obra, enfim, tudo aquilo que podia contribuir para o enriquecimento do trabalho.

Muito presente, nunca deixou que o trabalho seguisse sem o seu olhar minucioso e exigente, sem a sua contribuição e com o senso de responsabilidade que nunca faltou com seus alunos.

Agradeço também muito à minha família, minha filha, meus irmãos, minha mãe que sempre me apoiaram e acreditaram em mim. Agradeço também ao meu companheiro de vida, meu marido Altair, que mesmo de maneira indireta, contribuiu para que eu chegasse até aqui, me ajudando em tudo aquilo que podia, para tornar o desafio menos difícil, compreendendo a falta de tempo, os estresses e todos os problemas que surgem quando nos embrenhamos por esses caminhos. Minha gratidão às minhas amigas e companheiras de aula Renata e Jussara, pela parceria, pela troca de informações, sugestões etc, à minha amiga Genir pela amizade e pelo material emprestado para a pesquisa.

Enfim, minha gratidão se estende a todos aqueles que contribuíram ainda que de forma indireta para que eu pudesse encerrar mais essa etapa. A todos, meu muito obrigado.

VIEIRA, Claudimeire Nogueira. Gerenciamento de relação e de emoção: a estratégia de arregimentação da Igreja Universal do Reino de Deus. Campo Grande: UFMS, 2010. (Dissertação de Mestrado em Linguística e Semiótica). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2010.

## RESUMO

O trabalho tem como objeto dois programas de tv levados ao ar pela tv Record em 2008. O aparato teórico-metodológico utilizado é o da semiótica francesa. O objetivo do trabalho é compreender as formas de gerenciamento de relação e de emoção, construídas no discurso iurdiano, como estratégias persuasivas, para fazer do telespectador hesitante, um fiel convicto e apaixonado pelos valores que a igreja propõe, partindo das seguintes hipóteses: a) o discurso da IURD emprega estratégias de manipulação do telespectador que passam pelo gerenciamento de relação e de emoção; b) a IURD empenha-se em construir um simulacro de si mesma como um destinador competente; c) a IURD instaura o fiel como um *não-sujeito, tal como concebido por Coquet*, um sujeito que, no discurso, age dentro da programação que lhe é imposta, sem fazer uso da razão para instaurar outra via de busca de valores. O trabalho comprova que a rede Record de televisão elabora um discurso cuja estratégia de persuasão está alicerçada em dois aspectos: no gerenciamento de relação e no gerenciamento de emoção. No que diz respeito ao gerenciamento de relação, observamos a relação do fiel com Deus, do fiel com os valores e do fiel com a igreja e seus pastores. A relação do fiel com Deus é reproposta pelo discurso iurdiano, em confronto com a relação estipulada por outros credos. Para a IURD, Deus não é um ator distante, Deus é o destinador transcendente e poderoso, mas que o fiel pode interpelar veementemente e exigir os valores que busca. No que diz respeito à relação do fiel com os valores, ela é refeita no sentido de que aqueles valores que, em outros credos, são facultados a poucos (valores de absoluto), riqueza, sucesso, felicidade plena, ou que em outros credos são valores de busca de pecadores –, passam a ser valores destinados a todos os fieis (valores de universo), aqueles santificados na e pela igreja.

Outro tipo de manipulação utilizado pela IURD é o gerenciamento de emoção, por meio do que a igreja manipula o telespectador, apelando aos seus sentimentos, passionalizando-o. O cântico, as vinhetas, as falas dos apresentadores e dos pastores, os testemunhos dos fieis – tudo tem como fim último conseguir a adesão do telespectador, transformar o estado modal do sujeito que vive um *não querer fazer* ou que crê ser um sujeito do *não poder fazer* em um sujeito do *querer* e do *crer poder fazer*. Nos relatos, há um esquema fixo: um sujeito em estado juntivo disjuntivo de valores que almeja e vivendo paixões tristes, realiza uma performance de busca da igreja e, por fim, uma transformação estupenda da qual resulta um sujeito em estado juntivo conjuntivo com os valores desejados e vivendo paixões alegres. Tudo, pois, visa a fazer do telespectador neutro ou descrente, em relação aos valores da igreja, um sujeito do *querer* e do *crer poder fazer*. A IURD constrói um simulacro de si mesma como um destinador poderoso, como representante de Deus. Empenha-se em afirmar e fazer crer que todo aquele que segue a igreja e que

tem fé deve exigir de Deus uma vida próspera com aquisição de riquezas e felicidade e a resolução de quaisquer problemas. Ela mostra, por meio de sua própria imagem colossal, que aquilo que enuncia para os fieis é possível. Extasiado com tantos artifícios, o fiel iurdiano não busca alternativas. Ele não possui outra visão do mundo para buscar soluções. Nesse sentido, o fiel iurdiano adquire o estatuto de *não sujeito*, como concebido por Coquet, à medida que ele só cumpre a programação imposta pela igreja, ele não é capaz de julgamento crítico e se sujeita à programação de vida dado pela IURD.

*Palavras-chave: igreja universal, discurso religioso, semiótica francesa.*

VIEIRA, Claudimeire Nogueira. Gerenciamento de relação e de emoção: a estratégia de arregimentação da Igreja Universal do Reino de Deus. Campo Grande: UFMS, 2010. (Dissertação de Mestrado em Linguística e Semiótica). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2010.

## RESUMEN

El trabajo tiene como objeto dos programas de televisión llevados al aire por la red Record de televisión en 2008. El aparato teórico-metodológico utilizado es lo de la semiótica francesa. El objetivo de este es entender las formas de administración de relación y de emoción, construidas en el discurso iurdiano, como estrategias persuasivas, para hacer del telespectador hesitante, un fiel convicto y apasionado por los valores que la iglesia propone, partiendo de las siguientes hipótesis: a) el discurso de la IURD emplea estrategias de manipulación del telespectador que pasan por la administración de relación y de emoción; b) la IURD empeñase en construir un simulacro de sí misma como un destinador competente; c) la IURD instauro el fiel como no-sujeto, tal como he concebido por Coquet, un sujeto que, en lo discurso actúa dentro de la programación que le es imposta, sin hacer uso de la razón para instaurar otra vía de busca de valores. El trabajo comprueba que la red Record de televisión elabora un discurso cuya estrategia de persuasión está basada en dos aspectos: en la administración de relación y en la administración de emoción. En lo que dice respecto a la administración de relación, observamos la relación del fiel con Dio, del fiel con los valores y del fiel con la iglesia y sus pastores. La relación del fiel con Dio es repropuesta por lo discurso iurdiano en confronto con la relación estipulado por otros credos. Para la IURD, Dio non es un atore distante, Dio es un destinador transcendente y poderoso, pero que el fiel puede interpelar con rigor y exigir los valores que busca. En lo que dice respecto a la relación del fiel con los valores, ella es refeta en lo sentido de que aquellos valores, que, en otros credos son facultados a pocos (valores de absoluto), riqueza, suceso, felicidad plena, lo que en otros credos son valores de busca de pecadores, - pasan a ser valores destinados a todos los fiéis (valores de universo), aquellos santificados en la e por la iglesia. Otro tipo de manipulación empelado por la IURD, es la administración de emoción, por lo medio do que la iglesia manipula el telespectador, apelando a los sentimientos, pasionalisandolo. El cántico, las viñetas, las hablas de los presentadores y pastores, los testimonios de los fieles – todo tiene como finalidad conseguir la adhesión del telespectador, transformar el estado modal del sujeto que vive un no querer hacer o que cree ser un sujeto do no poder hacer en un sujeto do querer y do creer hacer. En los relatos, hay un esquema fijo: un sujeto en estado juntivo disyuntivo de los valores que almeja y viviendo pasiones tristes, realiza una performance de busca de la iglesia y, finalmente, una transformación estupenda de la cual resulta un sujeto en estado juntivo conjuntivo de los valores almenados y viviendo pasiones alegres. Todo, pues,

visa a hacer del telespectador neutro y no creyente de los valores de la iglesia, un sujeto de lo querer y de lo creer poder hacer. La IURD construye un simulacro de si misma como un destinador poderoso, como representante de Dio. Empeñase en afirmar y hacer creer que todo aquello que sigue la iglesia y que tiene fe, debe exigir de Dio una vida próspera con adquisición de riquezas y felicidad y la resolución de cualquier problema. Ella muestra por medio de su propia imagen colosal que aquello que enuncia para los fieles es posible. Extasiado con tantos artificios, el fiel iurdiano no busca alternativas. El no posee otra visión de mundo para buscar soluciones. En ese sentido, el fiel iurdiano toma o estatuto de no-sujeto como he concebido por Coquet, a la medida que el cumple solamente la programación imposta por la iglesia; él no es capaz de juzgamiento crítico y se sujeta a la programación de vida dado por la IURD.

***Palabras-clave:*** iglesia universal, discurso religioso, semiótica francesa.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Imagem da Catedral Mundial da fé (parte externa).....	70
<b>Figura 2</b> - Imagem da Catedral Mundial da fé (parte interna).....	71
<b>Figura 3</b> - Imagem do Templo Maior em Campo Grande/ MS.....	72
<b>Figura 4</b> - Imagem do programa.....	130
<b>Figura 5</b> - Imagem do programa .....	131
<b>Figura 6</b> - Imagem de vinheta	133
<b>Figura 7</b> - Imagem da vinheta .....	137

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Ilustração do esquema de Blikstein .....	29
Quadro 2- Ilustração do esquema de Zilberberg .....	120
Quadro 3- Tabela de posicionamento de câmera .....	127
Quadro 4- Ilustração do semissimbolismo .....	135
Quadro 5- Ilustração do semissimbolismo .....	138

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1- MUNDO, SIGNIFICAÇÃO E LINGUAGEM</b> .....	23
1.1 A linguagem como reconstrução do mundo .....	23
1.2 A semiótica francesa .....	42
1.2.1 As dimensões que regem o texto .....	42
1.2.2 Narrativa .....	46
1.2.3 Paixões .....	47
1.2.4 Figuratividade .....	49
1.2.5 Enunciação .....	51
<b>2 - O DISCURSO DA IURD E SUA DELIMITAÇÃO COMO OBJETO DE PESQUISA</b>	62
2.1 O objeto da pesquisa.....	62
2.2 Breve histórico da IURD .....	65
2.3 A IURD e a retórica do sucesso .....	77
<b>3 - O GERENCIAMENTO DE RELAÇÃO E DE EMOÇÃO NO DISCURSO IURDIANO</b>	88
3.1 Gerenciando relação e emoção .....	88
3.2 Tematização e figurativização .....	92
3.3 Vida vs morte: as categorias de base do discurso iurdiano .....	98
3.4 A enunciação e os simulacros no discurso da IURD .....	100
3.5 Manipulação: arte que move homem e mundo.....	113
3.6 A oralidade e os significados subentendidos.....	139
3.7 Paixão: motor que move a fé.....	141

3.8 Apropriação da cultura popular: o espetáculo como forma de fazer- crer.....	146
--	-----

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	151
-----------------------------	-----

<b>REFERÊNCIAS</b>	161
--------------------	-----

**Apêndice** – Transcrição do programa

## INTRODUÇÃO

Nosso trabalho tem como objeto de pesquisa 2 programas<sup>1</sup> de TV de teor religioso da Igreja Universal do Reino de Deus. Os programas foram exibidos no dia 20 de setembro de 2008, às 02h00min da madrugada, na tv Record. O primeiro programa, com duração de 17 minutos, é constituído de 13 testemunhos editados que representam, se assim podemos dizer, o núcleo duro da programação religiosa da emissora. Compõem também o programa: as vinhetas; uma apresentação do tipo telejornalismo; e um cântico. O segundo, com duração de 37 minutos, é constituído dos seguintes elementos: 4 testemunhos; pregação<sup>2</sup> entre dois pastores que se revezam entre si; e vinhetas .

Entre os dois programas, há uma diferença no que concerne à duração (do tempo) dos testemunhos. No primeiro, os testemunhos são em número maior, porém de menor duração e tem como temática a questão financeira e a superação de enfermidades. No segundo, os testemunhos são em número menor, apenas 4, entretanto são bem mais longos e relatam somente histórias de sucesso na vida financeira. Considerando que os dois programas investigados possuem elementos da mesma natureza, as análises serão realizadas de forma a não separar o estudo de um programa do outro. Sendo assim, para analisar, por exemplo, a manipulação por tentação, poderão ser utilizados tanto os testemunhos do programa 1 quanto os do programa 2 – procedimento esse a ser adotado com relação aos demais elementos.

Para a análise dos textos escolhidos, utilizaremos a teoria semiótica francesa. Escolhemos esse aparato teórico por acreditarmos que seus pressupostos poderão contemplar os aspectos que queremos pesquisar no discurso. A semiótica francesa tem como objeto o texto e propõe-se a dar conta de seu estudo, da análise da arquitetura do texto enquanto produtor de significação. Isso quer dizer que a semiótica francesa procura elucidar como o

---

<sup>1</sup> Os dois programas parecem formar um contínuo, pois possuem os mesmos elementos em sua constituição. Entretanto, apesar das similaridades entre si, são distintos um do outro, o primeiro de menor duração tem o nome de Corrente dos 318, o segundo, de duração mais longa, chama-se SOS Espiritual.

<sup>2</sup> Usa-se esse termo para referir-se aos pronunciamentos de sermões.

significado é construído, isto é, de acordo com Barros (1990, p. 7), procura saber *como o texto diz e como faz para dizer o que diz*, porquanto não se trata de uma teoria hermenêutica<sup>3</sup> que busca compreender *o que o texto diz*, mas de uma teoria que busca apreender a construção do sentido e a relação entre as partes que gera significados.

Se existe uma palavra-chave que perpassa toda a teoria semiótica, esta palavra é *relação*. Sua origem tem raízes na linguística de Saussure na conhecida obra *Curso de linguística geral* (1974) que, entre tantos postulados que marcaram uma nova e bem construída teoria da linguagem, ficou conhecida pelo postulado do valor do signo lingüístico, isto é, o de que um signo se define menos pelo que há em si mesmo, e, mais pelo que há ao seu redor. Isso quer dizer que um signo ganha sentido quando se relaciona com outros signos. E mais, Saussure (1974, p.139) afirma que a *relação* não é um elo que se coloca entre dois termos preexistentes, mas é a relação que preexiste ao signo, ou seja, a *relação* é a condição primeira para que um signo ganhe sentido.

Essa remissão ao conceito de relação advindo da teoria saussuriana concernente ao signo foi, de certa forma, mantida na teorização da semiótica, porém não se trata mais de relação entre signos, mas da relação da tessitura que amarra *o todo de sentido*, o texto.

Para tornar este postulado mais operacional, Greimás elaborou um modelo metodológico que permite compreender como essas relações são estabelecidas no texto, e como podem ser reconstituídas no sentido de apreender o todo. É importante frisar que o sentido do texto, não se dá pela soma de suas partes, mas por relações que são constituídas formando uma rede fundamental de relações. Esse instrumental metodológico foi denominado por Greimás *Percurso Gerativo de Sentido*.

---

<sup>3</sup> Segundo o dicionário Houaiss, Hermenêutica significa: 1.Sf Ciência, técnica que tem por objeto a interpretação de textos religiosos ou filosóficos, especialmente das Escrituras Sagradas 2. interpretação dos textos, do sentido das palavras 3. SEMIO teoria, ciência voltada à interpretação dos signos e de seu valor simbólico. Cf. Semiologia 4 JUR conj. de regras e princípios us. na interpretação do texto legal. ETM gr. hermeneutikê (SC. tékhné) 'arte de interpretar' < hermeneutikós) é, ón 'relativo à interpretação, próprio para fazer compreender', prov. por inflexão do fr. herméneutique (1777) (subs.) 'arte de descobrir o sentido exato de um texto'. (1803) 'interpretação em sentido teológico'; (1890) 'interpretação do que é simbólico'; há quem prefira considerar fem. subst. de hermenêutico, ver her (o).

O PGS<sup>4</sup> é um modelo que permite abarcar de forma didática o modo como o sentido está construído no texto e está dividido em três patamares que vai de um nível considerado mais geral e abstrato (fundamental), passando pelo intermediário (narrativo) em que ganha um pouco mais de concretude até chegar ao nível de superfície (discursivo) considerado o mais concreto, quando o discurso é assumido pelo sujeito da enunciação e passa a ser representado pelas figuras do mundo.

O que torna este modelo eficiente deve-se à forma como seu objeto é concebido: o texto para a semiótica se define como qualquer objeto que se apresenta como *um todo de sentido* e, dessa forma, o texto pode ser uma fotografia, uma revista em quadrinhos, uma escultura, uma praça etc. A definição de texto não se limita, pois, à produção verbal ou escrita, nem mesmo somente às práticas significantes das demais linguagens (cinema, rádio, teatro etc). O universo é para a semiótica um grande texto do mundo natural, que se apresenta como um conjunto signifiante e não como *massa amorfa* ou um *continuo* sem sentido. Assim, todo o sentido produzido no texto, pode ser apreendido por meio do PGS.

Entretanto, o PGS, como afirma Fiorin (2008, p.21), não pode ser concebido como uma camisa de força pela qual todos os textos estariam fadados a ser enformados no e pelo modelo. O modelo resulta de um empenho de compreensão total da produtividade da prática narrativa e discursiva, enquanto os textos são realizações concretas, particulares e, muitas vezes, bastante inovadoras e, assim, cada um deles pode apresentar, em sua tessitura, um nível mais desenvolvido que outro, neste ou naquele aspecto previsto pelo modelo. Assim, o PGS não é aquela fórmula exata em que se poderia encaixar todo tipo de texto. Destarte, o PGS é um modelo de previsibilidade dos textos, um empenho teórico de compreensão – e que sabe-se sempre precário, diante da riqueza constante da criatividade do homem na e pela linguagem.

Buscamos, com este trabalho, contemplar as estratégias de gerenciamento de relação e de emoção no discurso da igreja. A pesquisa

---

<sup>4</sup> Sigla da expressão *Percurso Gerativo de Sentido* - que será assim designado toda vez que for mencionado ao longo do trabalho.

procura elucidar como a IURD<sup>5</sup> constrói seu discurso de modo a persuadir o seu telespectador, buscando compreender os mecanismos e as estratégias utilizadas pela igreja na captura de seu auditório, os telespectadores.

O gerenciamento de relação e de emoção está ligado, de forma muito estreita, ao conceito semiótico de manipulação<sup>6</sup>. A semiótica francesa postula que todo o ato de comunicação de valores encerra alguma forma de manipulação. Entretanto, o conceito não pode ser entendido no sentido pejorativo, pois não se trata da postura de um sujeito que visa ao ardil ou ao engano, mas ao fato de que toda comunicação tem como fim último o de convencer, persuadir, fazer com que o destinatário creia nos valores que o destinador comunica. Assim, podemos encontrar a manipulação nas intervenções do pastor no momento da narração do testemunho, nos planos de conteúdo e de expressão das *vinhentas*, no cântico, na falas dos pastores.

O motivo que nos moveu para a escolha do objeto de pesquisa foi a grande notoriedade que a IURD tem alcançado nos últimos anos. Chama à atenção os seus templos grandiosos e luxuosos, as incursões que faz na mídia, a multidão de seguidores que consegue arregimentar, o crescimento do patrimônio que comanda, as incursões na política, as polêmicas que motiva. Outro fator que faz da IURD um objeto instigante para ser pesquisado diz respeito ao teor de seu discurso. Propondo novos valores na tematização do bem e do mal, da vida espiritual e terrena, ao relacionar homem/Deus/dinheiro, a IURD tem como foco principal, a teologia da prosperidade, mostrando-se para o fiel como uma porta de entrada para a salvação de um mundo duro e hostil.

---

<sup>5</sup> No decorrer desta dissertação ao nos referirmos à igreja Universal do Reino de Deus, esta será representada pela sigla IURD que é uma convenção da própria igreja e não criação nossa.

<sup>6</sup> Manipulação, uma das quatro fases canônicas que compõe o programa narrativo e se define pela ação de um sujeito que age sobre um outro sujeito com vistas a levá-lo a querer, dever, poder e saber fazer. Existem quatro formas de manipulação: *tentação*: quando são oferecidos objetos de valor positivo ao manipulado. *Sedução*: ocorre quando o manipulador faz uma imagem positiva do manipulado. *Provocação*: neste tipo de manipulação há a projeção de uma imagem negativa sobre a competência do manipulado e *intimidação* quando o manipulado age por meio de ameaças. Entretanto, há outras formas de manipulação que não ocorrem por uma ação deliberada de um sujeito que visa uma transformação de outro sujeito. Há outros tipos: o contágio, a programação, entre outros, conforme tratado por LANDOWSKI, Eric. Aquém e além das estratégias, a presença contagiosa. *Documento de estudo do Centro de Pesquisa Sociossemiótica* – 3. São Paulo.

A busca por uma fórmula mágica para tratar dos males da vida se mostra evidente quando lançamos um olhar para alguns acontecimentos que vem acontecendo nos últimos anos. O comércio e a publicação de livros de literatura de autoajuda e de filosofias de autoconhecimento, a competitividade no mundo do trabalho, o incentivo ao consumismo estão entre os caminhos procurados para se alcançar a felicidade.

A IURD segue nessa mesma direção, defendendo a idéia de que todo aquele que segue a Deus e faz parte da igreja, tem o direito de exigir de Deus uma vida economicamente abastada. E mais que isso, a igreja promete resolver todo e qualquer tipo de problema de quem a procura, prometendo uma vida feliz, livre dos problemas os mais diversos – amorosos, de saúde, profissional, entre outros.

A pesquisa tem como *objetivo principal* apontar no discurso quais as formas de gerenciamento de relação e de emoção utilizadas pelos pastores da IURD para comover e persuadir seu auditório. Atingir as pessoas emocionalmente tem sido estratégia de persuasão nos mais diversos segmentos sociais, inclusive no âmbito religioso, como é o caso da IURD. Convencer o telespectador de que existe uma saída para os problemas que o aflige depende, em grande parte, das estratégias que o enunciador utiliza. Na IURD, as estratégias são definidas a partir das formas de relacionamento dos pastores com o telespectador. Dependendo dos efeitos que deseja criar no enunciatário, o pastor ou o apresentador pode mostrar-se como um sujeito sereno e tranquilo ou como um sujeito enérgico e ativo. Gerenciando relação, a IURD estreita laços com o seu público, gerando uma atmosfera de confiança e cumplicidade. Dessa forma, podemos perceber que o gerenciamento de emoção está atrelado ao gerenciamento de relação. É a partir da confiança depositada no enunciador, conquistada pela forma com a qual essa relação foi estabelecida, que o telespectador se predisporá a um envolvimento emocional com a igreja.

A pesquisa tem como objetivos específicos:

1) *Descrever os estados de alma dos fieis e indicar como o discurso iurdiano<sup>7</sup> manipula sentimentos e paixões com o intuito de persuadir o telespectador.*

As paixões ou estados de alma dos fieis são aspectos relevantes para a análise do discurso da IURD. Partindo do pressuposto de que um destinador, para manipular alguém, só o consegue sob a condição de o destinatário ser um sujeito movido por paixões, será analisado o aspecto da passionalidade do fiel com os valores que a igreja oferece. As estratégias persuasivas passam também – sobretudo em alguns discursos - por um corpo que sente e não somente por uma cognição dele abstraída. Assim, as estratégias de persuasão deverão ser definidas dentro dessa perspectiva. Desse modo, construir discursos exige do destinador um conhecimento prévio daquilo que poderá ser o motor que impulsionará o seu destinatário, ou seja, a força que fará com que o destinatário, no caso, o telespectador, venha a *crer querer, poder, saber e dever fazer* aquilo que a igreja deseja. Nesse sentido, essas modalidades serão adquiridas pelo telespectador que, impulsionados pelas estratégias do discurso, poderão ter ou não ter os estados de alma modificados.

2) *Compreender como o discurso da IURD se afirma como aquele que representa a verdade, ou seja, como é construído o discurso da igreja enquanto aquele que diz dizer a verdade.*

Se constituir como sujeito que diz a verdade e que tem sua conduta pautada nos princípios morais em que pesam o valor da verdade tem sido uma busca constante da IURD. A semiótica postula que a verdade no discurso só pode existir enquanto efeitos de sentido. Sendo assim, o sucesso do discurso, só depende da astúcia de seu enunciador quanto aos efeitos que deseja construir. Apesar de a igreja sofrer pesadas críticas, ela consegue se impor e sustentar seu objetivo de arregimentar mais fieis. Há uma guerra declarada

---

<sup>7</sup> Esse termo, um neologismo presente em matérias jornalísticas e pesquisas acadêmicas (dissertações e teses) designa o crente que faz parte da Igreja Universal do Reino de Deus. Sendo assim, *iurdiano*, deriva da sigla da igreja – IURD.

contra seus detratores no seu discurso. Se o discurso iurdiano está pautado nos valores de verdade, o discurso que o nega também está pautado em valores de verdade. Decidir por um deles, elegendo-o como verdadeiro, está ligado às *modalidades veridictórias*, ao jogo resultante entre o *ser* e o *parecer* e a crença assumida dependerá, pois, desses efeitos de sentido espalhados no discurso pelo enunciador, aquele que se mostrar mais persuasivo para seu enunciatário - o que demonstra que a linguagem é um jogo como qualquer outro e exige de seus jogadores o conhecimento das regras, além de uma certa perspicácia, inclusive para esconder que também joga.

3) *Descrever como o enunciador constrói o simulacro do telespectador do programa assim como constrói o simulacro de si próprio enquanto representante de Deus.*

A construção da imagem (simulacro) da IURD enquanto enunciador, assim como de qualquer um, está fundamentada no simulacro de seu enunciatário e ancorado nas modalidades veridictórias entre o *ser* e o *parecer*. É preciso saber quem é o enunciatário para o qual se dirige, para que o enunciador possa construir o seu simulacro. Assim, a IURD, tendo em vista os possíveis simulacros de seus seguidores, pode com mais chance de sucesso construir o seu.

O programa que a IURD apresenta, está voltado especialmente para um tipo de telespectador: aquele que crê em Deus, que é cristão e que está em estado de falta. Essa antevisão do telespectador é possível pelo simulacro que o enunciador encena: o programa apresenta a IURD – religião cristã que tem sua doutrina pautada nos ensinamentos bíblicos - como aquela que resolve os problemas do telespectador, exibindo, entre outras coisas, testemunhos de fieis que foram agraciados por Deus, pelo fato de participarem das correntes<sup>8</sup> que a igreja promove. Entretanto, a igreja busca não somente o tipo de telespectador descrito acima, mas outros tipos como aqueles que já são fieis, com o intuito de torná-los cativos; aqueles que professam outra fé; aqueles que já se encontram

---

<sup>8</sup> Trata-se de uma nomenclatura dada pela IURD para designar uma espécie de ritual religioso no qual o participante deve também contribuir com dinheiro. Nesse ritual, há um contrato no qual o pastor se coloca como mediador entre Deus e o fiel e assim o acordo é estabelecido: o pastor garante que mediante fé e contribuição em dinheiro o fiel obterá a graça que deseja.

sem esperanças, ou seja, a IURD deseja persuadir todo tipo de telespectador, das mais diversas classes sociais, irmanados por viver um mesmo estado de falta e um mesmo simulacro imaginário de que um outro fará por eles o que julgam não poder fazer.

A partir desses simulacros, a IURD constrói o seu simulacro que precisa harmonizar-se com as expectativas de seu enunciatário coletivo. Assim, ela constrói sua imagem como: a) um destinador bondoso, porque se importa com o sofrimento das pessoas, b) um destinador poderoso, porque possui um poder delegado por Deus - destinador maior, sujeito transcendental c) um destinador merecedor de crédito porque dado como intérprete verdadeiro das escrituras sagradas no que diz respeito à recategorização dos valores de absoluto de outras religiões como valores de universo da IURD. Assim, se para as igrejas católica e do protestantismo tradicional a riqueza é vista com reservas como se pode confirmar nas diversas passagens bíblicas, para a IURD a riqueza é possível a todos, já que possui uma visão diferente sobre o assunto. Nesse sentido podemos dizer que para a IURD o valor riqueza é visto como valor possível a todos, por isso se configura como valores de universo já que existe numa grande extensão, enquanto que para o protestantismo tradicional e o catolicismo a riqueza vista com reservas está entre os valores de absoluto, pois não pode ser de todos, mas de poucos, já que é considerada como um desrespeito aos princípios divinos.

Para realizar a pesquisa, partimos das seguintes hipóteses: a) O discurso da IURD emprega estratégias que visam à manipulação do telespectador que passam pelo *gerenciamento de relação* e de *emoção*. Essas estratégias têm como meta criar no enunciatário um sentimento de confiança e de satisfação com a igreja; b) A IURD empenha-se em construir um simulacro de si mesma como um destinador competente à medida que ostenta com acinte o poder que possui pelos seus templos grandiosos e luxuosos, pelas incursões na mídia, pelo número de templos espalhados ao redor do mundo, pelas multidões que reúne em estádios e ginásios esportivos, e, principalmente pelo império empresarial que comanda, do qual, aliás, faz questão de anunciar-se como proprietária. Assim, a igreja confirma aquilo que pretende: mostrar-se para seu enunciatário que, da mesma forma que ela (igreja), o fiel pode

conquistar valores facultados a poucos em muitos credos (valores de absoluto), mas que Deus destina a todos (valores de universo): uma vida de abundância, riquezas e regalos além de poder viver livre dos problemas que o torna infeliz como enfermidades, vícios e problemas espirituais, uma vez que ela própria traduz a imagem da prosperidade e do sucesso; c) A IURD instaura o fiel como um *não-sujeito*. Instaurado dessa forma, o fiel age seguindo os percursos preestabelecidos pela igreja, na medida em que ele acredita que o sucesso financeiro/profissional ou qualquer outra graça virá somente sob a condição de sua participação nos rituais que a igreja promove, cumprindo a programação que a igreja propõe o que implica a doação de dinheiro para a IURD. Quanto maior for o valor doado, maior será a recompensa.

A dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro, faremos uma discussão acerca da natureza da linguagem. Apesar de a questão remontar aos tempos mais longínquos, ela se mostra ainda um tanto polêmica. Assim, esse capítulo será reservado para uma reflexão acerca dessa questão.

Outro aspecto a ser tratado ainda nesse capítulo é o da ordem da apresentação da semiótica francesa. No entanto não faremos uma exposição exaustiva da teoria com todos os seus pormenores, uma vez que não ambicionamos utilizar toda a ferramentaria do modelo metodológico. Desse modo, o que será dito sobre a teoria se limitará aos contornos de nosso objeto, ou seja, faremos uma retomada dos pontos teóricos que utilizaremos em nossa pesquisa, não deixando de mencionar uma preocupação que a semiótica teve desde seu início: o fato de se colocar como um projeto em construção e não como uma teoria pronta e acabada, o que veio a ocorrer e ainda ocorre.

Destarte, apresentaremos um pouco da história da constituição da teoria, suas reconsiderações, que não foram poucas ao longo do tempo, suas adaptações, seus avanços. Nesta retrospectiva, vamos nos referir somente a pontos que julgamos relevantes para a constituição do nosso trabalho. Por isso, não faremos uma exposição exaustiva da teoria uma vez que isso não seria enriquecedor e nem cabível aqui, considerando que o objetivo do trabalho não se resume na descrição pura e simples da teoria. Achamos mais proveitoso uma referência que contemple os passos dados na constituição do projeto e que de alguma forma está de maneira muito próxima relacionada com

nosso objeto, já que iremos tratar de transformação de estados dos sujeitos (narrativa) dos temas e figuras (figuratividade) das paixões e da relação entre enunciador e enunciatário no discurso (enunciação).

Contudo, o fato de a semiótica francesa se colocar como projeto aberto às contribuições não significa que ela não apresente consistência científica, ao contrário, o dogmatismo muitas vezes pode levar aquilo que se apresentava como um grande salto no conhecimento ao declínio e ao descrédito. Estar aberto às contribuições, inovações e adaptações é o que permite que uma teoria ganhe respeito e credibilidade e assim possa se sustentar num terreno cada vez mais firme.

Voltemos à estrutura do trabalho. O segundo capítulo será reservado para a apresentação de algumas considerações sobre o discurso da IURD: como é constituído, quais valores defende, como se apresenta ao público, além da apresentação do histórico da igreja, mostrando seu trajeto desde sua fundação até os dias de hoje. Não se trata de uma exposição completa da história da IURD, mas da apresentação de seus principais momentos, além da exposição da metodologia empregada na pesquisa.

O terceiro capítulo será o espaço destinado às análises. Nele, o discurso será analisado a partir dos pressupostos da semiótica francesa, demonstrando como a teoria pode ser utilizada para o entendimento das significações que se constroem no discurso da IURD.

Não queremos afirmar que a semiótica seja a única ferramenta que permite o acesso à compreensão das significações dadas pelo homem ao mundo, mas apenas como uma possibilidade aventada. Afinal de contas, a própria semiótica já nos alertou sobre a apreensão do mundo: não temos acesso à imanência do mundo, mas a um *parecer* do mundo. Sendo assim, a semiótica, como toda e qualquer teoria que se arrisque a afirmar alguma pretensa verdade sobre as coisas do mundo, se revela primeiramente apenas como uma das versões que se pode dar ao mundo, já que a realidade do mundo pode ser apreendida pelo homem de diversos modos.

Enfim, resumidamente, buscamos com essa pesquisa, algumas respostas acerca do discurso da IURD. Pretendemos demonstrar por meio da análise semiótica como a Igreja Universal emprega os recursos

discursivos/argumentativos para gerenciar o lado emocional/passional do auditório (telespectadores do programa) com o intuito de persuadi-los e levá-los a crer convictamente nos valores que IURD recategoriza e propaga.

## 1 - MUNDO, SIGNIFICAÇÃO E LINGUAGEM

*O indivíduo e a sociedade num jogo interminável de gestos simbólicos constroem a estrutura piramidal chamada civilização. Nessa estrutura muitos poucos tijolos tocam o chão.*

(SAPIR, 1948, p. 19).

### 1. A linguagem como reconstrução do mundo

A epígrafe acima nos convida a pensar de forma mais demorada sobre as questões que versam sobre as representações criadas pelo homem para mover-se no mundo, representações estas dentre as quais se inclui a língua. Mesmo que algumas teorias já se considerem auto-suficientes para a explicação dos fenômenos na construção da significação, as discussões ainda sugerem que o caminho para se chegar a um consenso permanece aberto e polêmico.

Sapir (1948, p. 19) ao dizer que na construção das representações sociais poucos tijolos tocam o chão, aponta para o caráter não especular das representações sociais, o que quer dizer que na constituição dos códigos sociais como a língua, o caráter especular que daria às representações uma relação estreita com o mundo físico, não ocorre. Lévi-Strauss (1965, p. 131) nos estudos antropológicos ao responder o argumento da corrente funcionalista de que as espécies naturais eram escolhidas para representar porque eram boas para serem comidas, rebate afirmando que elas foram escolhidas para comer porque antes, foram consideradas boas para pensar.

Dessa forma, o autor responde aos funcionalistas nos estudos sobre totemismo, que as espécies tinham valor social não pelo seu valor econômico, mas porque eram boas para serem pensadas, por alguma razão implícita percebida pelos povos. Assim, Lévi-Strauss afasta uma visão instrumentalista ou utilitarista das representações sociais, o que, de certa forma, lhes daria um aspecto mais colado às coisas do mundo. Com isso, o antropólogo que

representa o grande nome do estruturalismo na antropologia e que teve seus estudos baseados no lingüista estruturalista R. Jakobson pretende mostrar que, apesar da diversidade (nível da manifestação) cultural dos povos, subjaz nessas manifestações algo que seria comum (estrutura) a todos os povos justamente porque o homem possui em comum as mesmas condições sensoriais para ter acesso ao mundo ao mesmo tempo em que afirma o caráter não especular das representações humanas. Assim, segundo o autor, não se deve procurar o sentido das coisas na superfície, mas, nas profundezas das estruturas. Essa ideia possui uma grande semelhança com o Percurso Gerativo de Sentido e seus patamares na geração do sentido: há uma estrutura invariável comum a todos os textos e um nível em que há a variação (manifestação, nível discursivo).

Atrelada a essa forma de conceber o mundo, a semiótica francesa da mesma forma entende que o “mundo real” que conhecemos não existe de forma objetiva, mas se apresenta como um produto da linguagem. É a linguagem que permite a discretização e a categorização do mundo – *massa amorfa* para Hjelmslev (1975, p. 57) ou *nebulosa* para Saussure (1974, p. 130). Antes de prosseguirmos a discussão, abrimos um parêntese para explicar a diferença entre Língua e Linguagem, segundo Saussure:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao meso tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (1974, p. 17).

E prossegue na definição de língua:

A língua, ao contrário é um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. (1974, p. 17).

Vimos que segundo Saussure, a linguagem é uma faculdade conferida à espécie humana para construir sistemas simbólicos e por meio deles comunicar-se e construir significações. Já a língua é uma parte dessa

faculdade de linguagem – e ocupa o primeiro lugar entre os fatos de linguagem, além de se caracterizar por ser um produto da coletividade, portanto, social.

Voltemos à nossa discussão. O projeto da semiótica francesa surgiu com o intuito de fornecer uma possibilidade de apreensão do significado do mundo. Entretanto, esse significado, não está nas coisas do mundo por si só. O significado é antes de tudo, um produto da intervenção humana no mundo. Não é sem razão que quando Lévi-Strauss (1989, 194) diz que *tudo oferece um sentido, senão nada tem sentido* resume dessa forma, uma questão inerente ao homem: o fato de não conseguir viver em um mundo de maneira apática e indiferente: é preciso dotá-lo de significação.

Essa proposição, ainda que de forma meio enviesada, vem ao encontro de uma afirmação de Greimás (1981, p.117) que dizia que o significado não está nas coisas em si mesmas, mas no homem, *é o homem o significado de todas as linguagens* e, de igual maneira a mesma ideia já existia na filosofia da Grécia antiga, pois Protágoras<sup>1</sup> já dizia que o homem é a medida de todas as coisas. Havia uma guerra declarada entre os filósofos metafísicos (Platão, Aristóteles) que defendiam a existência de uma verdade, de uma essência, do absoluto e a posição dos sofistas que afirmavam ser a *verdade*, uma construção, um ponto de vista de uma cultura, de um povo<sup>2</sup>. Essa guerra persiste ainda nos dias atuais entre *metafísica* e *retórica* e os pontos polêmicos também são os mesmos.

Discordando da perspectiva metafísica e tributária da perspectiva sofista, a semiótica francesa tem como objetivo apreender essa significação construída pelo homem. Tudo que nos rodeia, nos fala alguma coisa. Nada escapa aos nossos julgamentos, seja de ordem estética, de ordem moral, de ordem afetiva etc. Quando viajamos para um lugar, para uma cidade diferente, emitimos opinião sobre tal cidade ou lugar, quando conhecemos alguém novo no nosso círculo de convivência também julgamos, se nos deparamos com algo

---

<sup>1</sup> REALE, G & ANTISERI, D. *História da Filosofia*. 10ª ed. Vol. 01. São Paulo: Paulus, 2007. p 76.

<sup>2</sup> Para aqueles que quiserem argumentar que tantos os metafísicos quanto os sofistas não deixavam de expressar suas idéias como verdades, é preciso dizer que havia, sim, diferença no modo de cada um deles pensar essa questão. A diferença entre a “verdade” dos Metafísicos e a “verdade” dos Sofistas consiste na crença de que a “verdade” existe, para os metafísicos, fora do sujeito, externa ao ser; enquanto que, para os Sofistas, a “verdade” é imanente ao sujeito, é interna ao ser, produzida nele e por ele – construída, enfim.

novo, como uma descoberta tecnológica que irá penetrar no nosso cotidiano, da mesma forma, lançamos juízo de valor. Essa atitude é inerente a nós humanos. Não podemos viver em um mundo de forma apática, somos antes, dotados da capacidade de dar significado ao mundo que nos rodeia.

Contudo é necessário dizer que o mundo percebido já é uma interpretação que fazemos dele. Ao classificarmos e ordenarmos o mundo, estamos dando uma das muitas versões possíveis que poderíamos fazer. Nessa construção, a língua é tida por muitos estudiosos como a principal interpretante do mundo. Com o estruturalismo saussuriano essa posição prevaleceu nos estudos de linguagem. Assim, a língua se tornou o palco privilegiado onde o mundo surge, ou melhor, onde o mundo é recortado, reconstruído.

Essa posição suscita hoje como nos tempos mais longínquos como na Grécia antiga, onde os filósofos especulavam sobre a natureza da língua, acaloradas discussões. Seria a língua um reflexo da realidade ou seria ela uma convenção? Outorgar à língua o poder de interpretar o mundo provocaria dissonâncias entre os estudiosos seja da linguagem ou não, principalmente pela posição que assumem os estruturalistas que em sua concepção de língua, exclui o extralingüístico. Aos olhos destes críticos, desconsiderar o referente é dar à língua um poder que ela parece não possuir.

Se para os estruturalistas seguidores de Saussure (1974, p.79-80) não há no signo nenhuma relação com as coisas do mundo, isto é, se palavras se resolvem com palavras e não com as coisas do mundo, se a linguagem modela o pensamento, para muitos as coisas não são bem assim.

A discordância para alguns estudiosos como Blikstein (1990, p. 39), quanto a esse aspecto, está na não aceitação do primado da língua na produção do sentido, do evento semântico. Desconsiderar o referente para este, significa expulsar a dimensão perceptivo-cognitivo da teorização linguística.

Se ao contrário, o referente for tomado como elemento que permite a eclosão do significado, a língua passa a ter um papel, pelo menos um pouco menos preponderante na construção do significado. Entretanto, isso não significa dizer que a dimensão perceptivo-cognitiva por si só vá dar forma ao mundo, mas funciona como base que permitirá uma primeira apreensão do

mundo, e, nessa apreensão um primeiro passo na origem da construção da significação. Sobre a exclusão do referente na constituição do signo, Blikstein (1990, p. 39) diz:

Todos esses impasses parecem decorrer de um equívoco fundamental: o fato de o referente ser extralingüístico não significa que deva ficar *atrás* ou *antes* da linguagem, como um evento cognitivo, produto de nossa percepção. Qualquer que seja o nome de tal "produto", seja *referente, objeto mental ou unidade cultural*, fica reconhecida a necessidade do recurso a uma necessidade anterior à própria experiência verbal para a detecção da gênese do significado. Tal dimensão que não será a realidade "tout court", é a *percepção-cognição*, onde justamente se fabricam os referentes/objetos mentais/unidades culturais; estes é que, embora desprovidos de um estatuto lingüístico propriamente dito, condicionarão o evento semântico.

A partir dessa citação o que podemos depreender é que o que está sendo discutido é o estatuto da dimensão perceptiva na constituição da significação que será retomado mais à frente. Por um lado, o referente é tido como extralingüístico, mas paradoxalmente o referente de algum modo não é uma realidade extralingüística, pois se apresenta como um produto da língua, uma vez que representa uma versão, um recorte do *continuum*, da *massa amorfa* que é o mundo antes da língua. Essa transformação que começa na *massa amorfa* ainda não discretizada até a fabricação de referentes já é construção possibilitada pela língua. Tanto é, que os outros nomes que são dados como sinônimos para designar a mesma coisa: objeto mental, unidade cultural indicam que se trata de construção cultural.

Voltando à discussão sobre a questão da necessidade de uma experiência anterior ao evento verbal, que possibilita a emergência da significação do mundo, Blikstein na mesma obra, não nega em nenhum momento o princípio imanente da língua. O que ele propõe na verdade é uma forma diferente de considerar a dimensão perceptiva na constituição da significação, sem, no entanto modificar o entendimento que se tem de língua e *mundo real*.

A novidade trazida por Blikstein está em primeiro lugar em afirmar que há um processo de semiose anterior ao verbal e depois, em conceber a dimensão perceptiva a partir da orientação que a práxis social engendra. Para confirmar sua tese, Blikstein (1990, p. 54) evoca alguns conceitos: *corredores*

*isotópicos, estereótipos, cinésica*<sup>3</sup> e *proxêmica*<sup>4</sup> como elementos constitutivos da práxis social.

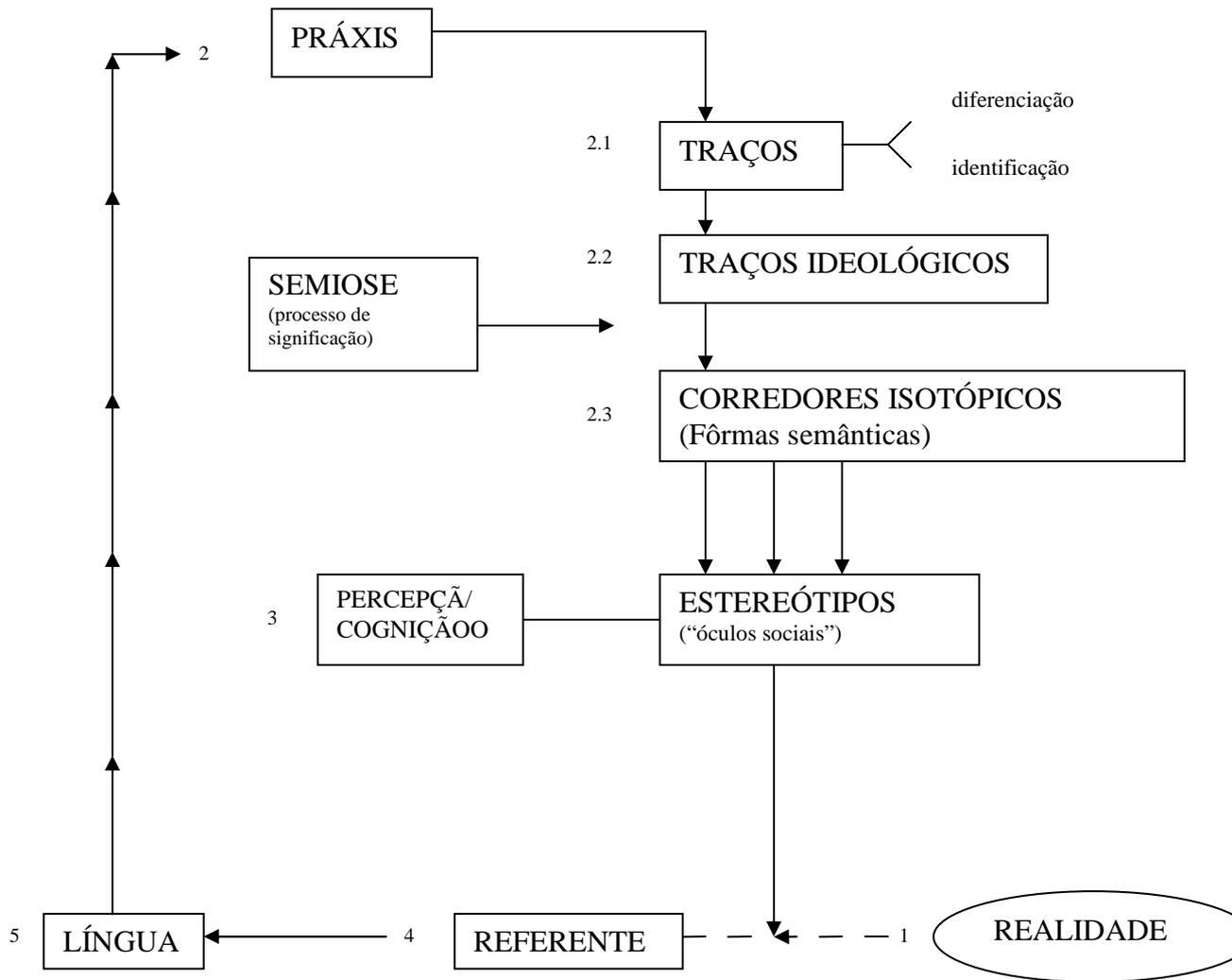
A partir do conceito de *práxis social*, isto é, a partir de “um conjunto de atividades humanas que engendram não só as condições de produção, mas, de um modo geral, as condições de existência de uma sociedade”, Blikstein, (1990, p.54), afirma que a percepção humana ocorre de certa forma orientada pela práxis social. Assim, o homem em contato com o mundo exterior, age de forma a desenvolver mecanismos não-verbais de diferenciação e identificação com os quais passa a discriminar, reconhecer e selecionar por entre os estímulos do universo amorfo e contínuo do ‘real’, as cores, as formas, as funções, os espaços e tempos necessários à sua sobrevivência”.

A partir desse contato com o mundo, o homem discrimina e seleciona os traços experimentados no mundo pelos canais sensoriais e os classificam em valores positivos e em valores negativos os quais darão origem aos valores ideológicos, que fornecerão os elementos constitutivos das culturas os quais o autor chama de *corredores isotópicos*. Os corredores isotópicos por sua vez, criam padrões perceptivos ou estereótipos que possibilitam a fabricação de referentes a partir do “real”. Vejamos o esquema proposto por Blikstein (1990, p.81) para exemplificar a eclosão do significado antes da linguagem.

---

<sup>3</sup> “A cinésica, enquanto metodologia, ocupa-se, com os aspectos do comportamento corporal padronizado e aprendido”. (RECTOR, 1986, p. 56).

<sup>4</sup> Segundo Kreps (1995, p. 29), o termo proxêmica concerne ao “ estudo da distância entre as pessoas e os objetos, incluindo as estabelecidas nas relações interpessoais, no desenho dos espaços e nas reuniões de grupo. Assim, o autor apresenta o sistema proxémico considerando três aspectos: o espaço pessoal, a territorialidade e a ecologia de grupo.



Quadro 1 – Esquema de Blikstein

Esse posicionamento permite sustentar que sentir o mundo e categorizá-lo pela língua exige que antes a *práxis social* oriente a percepção, assim há um partilhar de experiências que condiciona que o mundo seja percebido de um mesmo modo pela comunidade linguística e também partilhável pela *práxis social*.

Entretanto, ao final de sua reflexão Blikstein não nega que para se explicar o processo de semiose não-verbal é preciso que entre em cena a linguagem. O que podemos depreender a partir das considerações de Blikstein é que mesmo que haja na dimensão da percepção um processo não-verbal de semiose, não conseguimos trilhar outro caminho para dar significado ao mundo, que não passe antes pela língua.

A semiótica americana ou peirciana, segundo Fontanille (2007, p. 38) vai mais longe ainda e defende a introdução do “real” o que ela chama de objeto, como a base que possibilita a construção da significação do mundo. Para a semiótica peirciana, não pode haver nada na mente humana e por consequência na língua, que antes não tenha passado pelos nossos sentidos. Dessa forma, a língua funciona como se fosse uma máquina fotográfica a registrar o mundo, ainda que se exclua os exageros que a metáfora traz em si. Decorre deste posicionamento, a afirmação de que os nossos sentidos são afetados pelos objetos do mundo, mesmo que neste processo, ocorra uma filtragem desse mundo, como demonstra o conceito de signo proposto por Peirce<sup>5</sup>.

A semiótica francesa não nega a atuação da dimensão perceptiva na construção do sentido, contudo se diferencia da semiótica peirciana porque dá à linguagem a função fundadora do sentido. O “mundo real”, o mundo sensível<sup>6</sup> existe para a semiótica de Greimás (1973, p. 18) como podemos

---

<sup>5</sup> Um signo, ou *representâmen* é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes denominei *fundamento* do *representâmen*.

<sup>6</sup> Ao introduzir a dimensão perceptiva (visual, auditiva, tátil etc) na construção da significação, Greimás faz a seguinte consideração: Tal classificação, utilizada constantemente, é em geral considerada não-linguística. Entretanto, a partir daí, podemos notar que as qualidades - significantes, que situamos fora do homem, não devem ser confundidas com as qualidades-significados: de fato, os elementos constitutivos das diferentes ordens sensoriais podem, por

averiguar em *Semântica Estrutural*, assim como considera também a percepção na constituição do sentido, porém o que a coloca em posição polêmica com a semiótica americana é que ela considera o *mundo real* da semiótica americana como produto da linguagem enquanto que esta última considera o *mundo real* como uma realidade objetiva que serve como base para construção da linguagem. É importante dizer que há uma diferença entre a semiótica americana e francesa, no que diz respeito à natureza de cada uma: a primeira é de natureza lógico-filosófica enquanto que a semiótica francesa tem base na linguística.

Entre os semioticistas de linha francesa, a proposição de que a língua modela o pensamento e recorta o mundo vem desde Saussure (1974, p.130) que dizia:

Psicologicamente, abstração feita de sua expressão por meio de palavras, nosso pensamento não passa de massa amorfa e indistinta. Filósofos e lingüistas sempre concordaram em reconhecer que, sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas ideias de modo claro e constante. Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua.

Percebe-se que o poder dado à língua pelos estruturalistas na constituição do significado teve tanta força que se tornou o entendimento dominante nos estudos linguísticos. Os linguistas defensores do primado da língua na constituição da significação demonstram essa função modelar da língua, apontando para o fato de não existirem conteúdos universais, já que cada língua recorta de maneira diversa a realidade do mundo. Como se cada uma visse o mundo por meio de uma lente própria. Se o referente exercesse alguma influência na construção do significado, as línguas não seriam plurais, mas, universal. Assim, para o estruturalismo não há relação entre signo e as coisas do mundo, a língua é arbitrária, convencional. Por isso, há diferenças entre as línguas não somente no aspecto fonológico (plano de expressão), mas principalmente no que concerne ao plano de conteúdo. Por exemplo, consideremos a língua portuguesa e o inglês. O signo *carneiro* em português designa tanto o animal no pasto quanto sua carne preparada para consumo numa mesa, já no inglês, temos dois signos diferentes para designar o nosso

---

sua vez, ser captados como significados e instituir o mundo sensível enquanto significação. (1973, p. 18).

*carneiro* do português: usa-se *sheep* para designar o animal e *mutton* para carne de carneiro.

Outro exemplo: entre os esquimós, há uma preocupação em segmentar de forma mais pormenorizada, as nuances da cor cinza. Se para nós falantes da língua portuguesa, entre o branco e o preto existe apenas o cinza, para os esquimós entre esses dois extremos há uma denominação para cada tonalidade do gradiente que está entre o branco e o preto. Isso não quer dizer que há somente o cinza para nós falantes do português, mas achamos necessário fazer este recorte apenas. Esse exemplo serve para nos chamar a atenção para um outro aspecto da linguagem: um povo organiza sua língua a partir das necessidades exigidas pelo ambiente. Ao organizar um gradiente de nuances do cinza, o esquimó consegue fazer uma análise mais minuciosa da neve para que possa viver e caçar naquele ambiente de maneira mais segura. A partir desses exemplos é que podemos entender e nos encantar com a frase do escritor Vergílio Ferreira na qual ele diz que *“Uma língua é um lugar donde se vê o mundo e em que se traçam os limites de nosso pensar e sentir”*.

Tendo-se em vista que as línguas organizam o mundo cada uma à sua maneira, a certa altura chegou-se à conclusão de que seria impossível uma decodificação de uma língua por um outra, numa metalinguagem, isto é, uma tradução pontual entre duas línguas. Entretanto, R. Jakobson (1974, p.69), de maneira muito perspicaz, encontrou uma forma de resolver um problema que parecia sem solução e postulou que um idioma se define menos pelo que ele *permite* dizer, do que por aquilo que ele *obriga* a dizer, em outras palavras, todas as línguas podem dizer tudo que querem dizer, porém há aquelas que nos obrigam a dizer certas coisas. Assim, se no português posso dizer *carneiro* sem maiores especificações, no inglês sou obrigado especificar o que quero dizer quando me refiro a uma realidade extralinguística.

As discussões que seguem em torno da questão da interferência ou não das coisas do *mundo real* na constituição da língua continuam acaloradas e ainda não se chegou a um consenso.

Entretanto, adotamos o posicionamento do primado da língua na construção da realidade, uma vez que acreditamos por todos os motivos descritos acima, ser ela o instrumento que possibilita a apreensão do mundo.

Quando Blikstein diz que antes da linguagem é necessário que haja um contato com o mundo extralingüístico e assim a experiência da percepção-cognição para a emergência da significação, isso não anula o postulado do princípio imanentista da língua, mas indica um outro posicionamento acerca do papel atribuído à percepção na construção da significação, pois como vimos, o autor propõe que o acesso ao mundo pelo nosso “equipamento sensorial” não ocorre de forma isolada e individual pelos membros da comunidade linguística, mas somente sob a condição de uma partilha pela da comunidade linguística possibilitada pela práxis social que assim faz surgir um julgamento coletivo de valor nos modos de sentir e experimentar o mundo.

Já vimos que para a semiótica francesa a língua é que categoriza, discretiza e orienta a significação dada ao mundo, sem a necessidade de incluir nesse processo outros elementos que não seja a dimensão perceptiva tal qual como ela a concebe.

Encerrada essas poucas considerações acerca das concepções polêmicas que emergem em torno da língua, podemos prosseguir agora de maneira mais direcionada sobre a concepção que a semiótica francesa possui da linguagem.

A semiótica francesa não é uma teoria de signos, isto é, não se preocupa com a relação de um signo com outro, mas está voltada para os processos de construção da significação. Por se ocupar dos processos de significação, não quer dizer que a semiótica, como já dissemos antes, seja uma teoria da hermenêutica, mas uma teoria da arquitetura do texto, uma vez que procura mostrar como um texto é construído e quais são as relações que nele se estabelecem para formar o sentido. A significação que se busca está ancorada no princípio imanentista da lingüística saussuriana, ou seja, de que o significado está na linguagem e não no mundo extralingüístico. Um dos mais contundentes aforismos de Greimás (1979, p. 12) sobre o caráter imanentista da língua diz: “*Fora do texto não há salvação. Todo o texto, nada senão o texto e nada fora do texto*”. Traduzindo num sentido mais adequado ao nosso idioma, o que Greimás quis dizer é que fora da linguagem a apreensão do mundo seria impossível.

Os neopositivistas defendem uma concepção de linguagem que consideram construções do tipo *lagartixa peluda* como anômalas já que não designa um referente do mundo real. Sobre o posicionamento dos neopositivistas que veem a linguagem apenas como uma ferramenta que tem como função designar uma realidade preexistente, isto é, aquela ideia de que tudo que a língua venha designar deva ter um correspondente no mundo natural de forma objetiva e não como construção da linguagem, Greimás (1974, p. 3) assevera de forma austera:

Então tudo que é poesia, literatura, tudo que é conceito filosófico, tudo que é idiomatismo na linguagem, tudo isso são anomalias semânticas. Tudo que representa verdadeiramente o coração da linguagem é expurgado como anomalia. Por quê? Justamente porque existe esse encaminhamento primeiro que é o neopositivismo, que postula a existência de coisas anteriores à linguagem, e onde a linguagem não serve senão para denominar e para dizer um número infinito de frases sobre o mundo. Frases como pássaros têm asas isso, sim, é correto, mas borboletas têm orelhas, isso não cabe. E por quê? Porque não há orelhas nas borboletas. Eu não quero continuar neste caminho, quero somente lhes dizer que aí há algo que deriva da escolha, das pressuposições filosóficas, no fundo, que a lógica não é inocente em si.

Assim, o autor numa profunda lucidez de espírito, demonstra que a linguagem não está para a função de etiquetar as coisas do mundo. Sua natureza se mostra outra, e não de nomeação do mundo. Demonstra também que a assunção de uma postura epistemológica ocorre por uma questão de opção de cada sujeito, entretanto não deixa de lançar seu juízo acerca da postura neopositivista, que considera ingênua.

O que seria anomalia para os neopositivistas, Greimás considera como elevação da função da linguagem. Dizer que *uma raposa conversou com um pavão*, por exemplo, só significa que a linguagem pode se manifestar de diversas maneiras. Essa construção semântica seria apenas um modo de ser da linguagem, o que vem provar a sua eficácia, já que a língua não é decalque do mundo, pois ela está muito além dessa função especular/representativa que os neopositivistas querem lhe atribuir.

Nesse sentido, podemos perceber que o núcleo duro do conceito de linguagem é essa propriedade de se constituir na sua imanência, ou seja, a linguagem se constitui muito mais num sentido conotativo, inventivo, fictício à medida em que não representa as coisas do mundo, não fala de um mundo

objetivo, denotativo o chamado grau zero de linguagem <sup>7</sup> mas vai além e possibilita assim, construir mundos outros, que não aquele que nos rodeia, mesmo que este já seja um produto da nossa percepção e portanto, de linguagem, como demonstrou Blikstein no esquema acima.

Assim, Greimás (1974, p.3) justifica sua posição diante da concepção que possui de linguagem dando ênfase àquilo que considera primordial na sua constituição.

A linguagem é polissêmica, ambígua, um instrumento imperfeito, mas não direi que é justamente essa sua beleza, mas sua eficácia. Por ser polissêmica, justamente por isso é inventiva, essa linguagem, há nela algo que distingue o homem do animal e não porque diz coisas verdadeiras, estabelecendo correspondências.

Tendo a linguagem esse estatuto, isso nos leva a pensar que tudo no mundo da linguagem é possível. Assim, não pode haver espaço para discussões sobre se o que foi construído discursivamente reflete o mundo ou não. Vista dessa forma, a linguagem perderia muito de sua eficácia. Por isso, é possível por meio do discurso, criar cidades, seres, pessoas que não existem e jamais existiram ou existirão no *mundo real*. Aí está como disse Greimás, o *coração* da linguagem e que nos diferencia dos animais, pois a linguagem, por seu aspecto criativo, permite a fantasia, a quimera, a imaginação.

Entretanto, a semiótica francesa não nega obviamente a existência do mundo real e tampouco a dimensão perceptiva. O que se postula nesta teoria é que o significado que damos ao mundo está ancorado na linguagem. É ela que orienta o sentido daquilo que chamamos de “mundo real”. Percebemos o mundo com os nossos sentidos, porém essa percepção servirá de alicerce para a construção do sentido que damos ao mundo. O *mundo real* seria como uma espécie de matéria-prima do qual nos servimos para construir singulares *mundinhos* com a lente de nossa língua/cultura. Esses *mundinhos* são os diversos recortes da *massa amorfa*, isto é, o mundo visto pela lente de nossa língua. Nesse sentido Barthes (1980, p. 14) diz que a língua possui um caráter fascista, pelo fato de ela nos obrigar a enxergar, pensar e falar um mundo tal qual ela nos permite conceber, nos tornando assim prisioneiros da sua estrutura.

---

<sup>7</sup> FIORIN, José Luiz.(Org). Introdução à lingüística. II Princípios de análise. p.125. São Paulo: Contexto, 2003.

Essa afirmação pode até provocar discordâncias, pois sabe-se que a língua é terreno fértil para a inovação e criação como veremos mais à frente. Queremos apenas abrir um parêntese para alertar ao leitor que esse fascismo ao qual Barthes se refere diz respeito à forma como a língua nos impõe uma visão de mundo, por isso, Pietroforte em certa aula disse que a cultura emana da língua e não o contrário. Nesse sentido, a afirmação de Barthes confirma essa constatação: a língua nos obriga a ver um mundo que ela nos impõe, como uma lente. Para ilustrarmos tal proposição, um exemplo: os lexemas *motorista* e *condutor* podem ser concebidas na língua portuguesa como sinônimos para se referir àquele *profissional que põe um veículo em movimento*. Entretanto, ao dizermos *condutor* estamos colocando a ênfase em determinado ponto da tarefa que é por um veículo em movimento no caso, na habilidade de conduzir, guiar por um caminho; se dizemos *motorista*, a ênfase recai em outro ponto (aquele que sabe operar uma máquina motorizada, o profissional que opera com a máquina motorizada) mesmo que a ação seja a mesma. Dessa forma, a língua impõe um olhar sobre o mundo por meio das palavras, por isso, Hjelmslev fala sobre a relação entre forma de conteúdo e substância de conteúdo. Ou seja, há uma zona de sentido comum à todas as línguas – a chamada substância de conteúdo, mas o recorte (forma de conteúdo) que cada língua faz sobre essa zona de sentido varia de uma para outra, pois cada uma estabelece o seu alcance, pondo o acento e a ênfase onde deseja conforme pudemos ver no exemplo citado.

Por outro lado, a criatividade na língua existe em larga escala, porém essa escala possui seus limites dentro daquilo que a língua permite. Seja o neologismo iurdiano. Essa palavra não deixa de ser uma invenção, uma inovação, porém ela foi criada dentro dos limites da língua portuguesa, que permite a criação levando-se em consideração uma das dicotomias saussuriana comum a toda e qualquer língua: *sintagma vs paradigma*. Como sabemos, o sintagma é o eixo da combinação e da redundância; o paradigma o eixo da seleção. Assim, o paradigma é o eixo da escolha, da substituição em que os usuários de uma língua pode se utilizar dos elementos que o compõe como se utiliza um dicionário. Por exemplo, na frase *Maria foi ao cinema*, eu posso substituir Maria por Alice, Júlia, Isabel etc. Da mesma forma, posso substituir *cinema* por *feira, supermercado, loja* etc, ou seja, os elementos

podem ser substituídos por outros da mesma natureza desde que cumpram a mesma função no sintagma: no exemplo, trata-se de nome próprio de pessoa do sexo feminino. Os critérios para a seleção são muitos, pois podemos escolher segundo a similaridade com outro signo, com o significado e com o significante. Seja o termo *iurdiano*. Trata-se de um adjetivo que provém do substantivo IURD ainda que seja uma sigla. Assim, o neologismo não foge ao padrão imposto pela língua, já que não difere em nada do termo *corintiano*, por exemplo, que se originou dentro das mesmas condições do termo *iurdiano*. É um adjetivo advindo de um substantivo e ainda possui similaridade com o significante como acontece com *napolitano*, *goiano*, *nietzschiano*, *saussuriano* etc. Poderia ser *brasiliense*, *pantaneiro*, *pasteleiro*, que apesar de não possuir similaridade no significante, seguem um mesmo caminho: são derivados e adjetivos de um substantivo. Por isso, o termo *iurdiano* não deixa de ser uma inovação, mas essa inovação ocorre dentro dos limites impostos pela língua.

Voltando à discussão acerca do imanentismo da língua, o que percebemos como um pretense mundo pré-existente e objetivo, já é produto da linguagem. É uma elaboração cultural, filtrada pela língua. As coisas do mundo não estão aí para serem descobertas e nomeadas. O que pensamos ser real é antes de tudo uma construção da língua.

Sobre essa discussão acerca de se considerar ou não o referente na constituição da língua, Bertrand (2003, p. 159) chama atenção para o problema, e diz que ao invés de se falar de exclusão do referente, deveria antes se falar de *problematização*. Dessa forma, evoca uma abordagem fenomenológica entre discurso e o mundo da percepção:

O mundo natural do senso comum na medida em que é logo de saída instruído pela percepção, constitui em si mesmo um universo significante, ou seja, uma semiótica. Ver não é apenas identificar objetos do mundo, é simultaneamente apreender relações entre tais objetos, para construir significações. As percepções fazem sentido na medida em que os objetos percebidos se inserem em cadeias inferenciais que os solidarizam, como se infere o fogo a partir da fumaça.

Partindo dessa proposição, o que podemos perceber é que há uma correlação entre duas semióticas, na medida em que o plano de conteúdo da língua natural é constituído de figuras advindas de uma outra semiótica, a do mundo natural. Sobre essa questão, (GREIMÁS, 1973, p. 157-158) fornece um

importante esclarecimento a partir da proposição da categoria metassêmica *exteroceptividade vs. interoceptividade*.

Assim, a partir da *exteroceptividade*, o mundo natural enquanto uma semiótica do mundo sensível oferece elementos sensoriais – táteis, gustativos, visuais etc, a outros sistemas semióticos como a língua, que constituirão o conteúdo figurativo desses sistemas. Por meio da *interoceptividade*, ocorre o inverso, uma vez que o mundo ganha sentido a partir dos sistemas semióticos. É nesse sentido que a semiótica concebe a língua como uma estrutura imanente, isto é, uma concepção de que a língua não é reflexo do mundo, mas uma versão do mundo.

Com base nessas proposições, podemos entrever um movimento dialético subjacente entre as duas forças (*exteroceptividade vs interoceptividade*) na constituição da língua enquanto sistema semiótico, na medida em que é na dimensão do mundo sensível que encontramos os elementos que fornecerão as bases (aspectos sensoriais) para a construção do sentido que daremos a esse mundo – que não será mais o mesmo, já que ele (mundo real), só existe como estoque de matéria-prima, do qual as comunidades lingüísticas se servem para elaborar a sua língua e por consequência, os seus mundos.

A partir dessas considerações percebe-se que a significação surge da percepção das coisas do mundo e das relações que existem entre elas. O ato de ver um mundo instruído pela percepção gera o processo de semiose. O mundo do senso comum se apresenta como uma semiótica, já que como afirma Bertrand, *ver* permite não só identificar as coisas do mundo, mas perceber as relações que existem entre as coisas do mundo. O mundo se apresenta como uma tessitura, onde todos os objetos que dele fazem parte estão dispostos de maneira que permite certo grau de previsibilidade do sujeito diante do mundo que o rodeia.

Assim percebido, o mundo se realiza por meio de uma figuratividade: as coisas do mundo se apresentam a partir de nossa percepção, por meio de nossos canais sensoriais e que se estabelece na discursividade. Entretanto, essas figuras do mundo se apresentam para o sujeito de forma particular e fragmentária, isso ocorre porque a nossa percepção não apreende o todo.

Sobre este aspecto o psicólogo Ervin Straus (1989, p. 364) que trabalha as relações entre percepção e sujeito traz algumas considerações interessantes sobre as relações entre os significados da percepção e as da linguagem empregadas para comunicá-las.

Para Straus, a apreensão do mundo ocorre fundamentalmente de maneira imperfeita na medida em que este mundo percebido é descoberto por meio de uma discursividade da experiência vivida no contato com o mundo. A partir dessa forma de conceber a linguagem Straus mostra que a experiência sensível organiza o mundo numa sequência onde os elementos de uma “totalidade” são atualizados e limitados de forma fragmentária nos processos de percepção.

Para demonstrar como ocorre esse processo, emprega o conceito de *perspectiva*. Por exemplo, seja a pedra um objeto da percepção de um sujeito: ela se mostra *grande e escura, áspera e de forma irregular*. Estas propriedades são as diferentes *perspectivas* apreendidas pelo sujeito no processo fenomenológico. Dizer que a pedra *é grande e escura, áspera e de forma irregular* significa que essas propriedades só podem aparecer para nós de forma segmentada. Percebe-se que o sujeito enuncia as qualidades sensoriais do objeto de forma segmentada, apresentando uma característica por vez, o que já indica que no processo fenomenológico, as propriedades do objeto também se apresentam de forma fragmentária, assinalando assim, que o mundo nunca se manifesta de maneira completa aos nossos sentidos. Vemos o mundo por meio de perspectivas e estas se apresentam de forma fragmentária e da mesma forma, são discursivizadas.

Um outro posicionamento acerca das questões em torno do estatuto da linguagem é proposto por Bernardo Krause (2004, p. 22-23). Ao discutir as propriedades das construções tidas como verdades ou como realidade na linguagem, o autor propõe uma outra leitura do que seja “real” ou ficção e nos convida a uma reflexão: se o conceito que se tem de *mundo real* é tido como uma construção que possui no mínimo uma existência provisória até que uma outra elaboração chegue e a substitua, não podemos dizer que este mundo apresente uma estabilidade.

Toda e qualquer coisa do mundo que seja considerada como real, como verdade, como, por exemplo, um dado da ciência que afirma que certo tipo de alimento faz mal para diabéticos, só sustenta essa “verdade” provisoriamente. Essa proposição é tida como verdade até o momento em que não se descobre coisas novas acerca desse assunto. Assim que algo novo é descoberto, suplanta aquilo que era tido como verdade, e assim, o que era real cai por terra. Dessa forma, o estatuto de “real” fica comprometido.

Bernardo Krause faz então uma comparação entre o que é considerado real e o que é considerado ficção na linguagem e a fragilidade decorrente desse posicionamento. A ficção nos mostra uma dimensão em que o mundo criado dentro dela não é passível de mudança. Assim, se na historinha infantil o lobo-mau comeu a vovozinha e o caçador matou o lobo-mau, isto não poderá ser colocado em dúvida. Jamais alguém poderá mudar os fatos da ficção dentro daquela história. O lobo-mau aparecerá sempre como aquele que comeu a vovozinha, e o caçador aparecerá sempre como o herói, aquele que matou o lobo-mau e salvou a vovozinha e Chapeuzinho Vermelho. Se houver alguma mudança, certamente a história será outra.

Dessa forma o autor nos chama atenção para a estabilidade das coisas entre os dois mundos. Qual deles nos oferece maiores certezas? O “real” ou o ficcional? E nos convida a pensar:

[...] o real não existe, mas a ficção existe. É isso? Não exatamente: seria melhor afirmar que o real não se sabe, enquanto que a ficção é consabida. [...] Na verdade, é preciso ter a capacidade de discernir, naquilo que percebemos como ficção, o núcleo duro do Real que só conseguimos suportar se o transformamos em ficção; é preciso ter a capacidade de distinguir qual parte da realidade é reorganizada pela fantasia: “muito mais difícil do que denunciar ou desmascarar como ficção (o que parece ser) a realidade é reconhecer a parte da ficção na realidade ‘real’”. (ZIZEK, ano de publ. p. 34, apud KRAUSE, 2004, p.23).

Assim, Krause nos perturba e coloca em xeque nossos saberes acerca do “real” e da ficção e inverte a situação: a ficção é mais real que a realidade, uma vez que ela se mostra mais estável e mais certa quando comparada à realidade e revela o estatuto da linguagem diante do mundo. Se a linguagem fosse reflexo da realidade, a ficção não teria nenhuma importância e nem necessidade de existir, já que é justamente por desconfiar da realidade que a ficção surge como realidade. Dessa forma, o autor mostra toda sua lucidez de

espírito ao dizer que a existência do discurso ficcional nos mostra o quão incrédulos ficamos diante da realidade *da realidade*, e por desconfiar do real a ficção surge como uma possibilidade de fornecer ao “real”, uma nova perspectiva, e assim uma outra realidade. Aí está o espaço no qual emerge a linguagem, onde “o mundo real” parece apresentar um menor grau de realidade quando comparado à ficção, isto é, a ficção se mostra mais real por apresentar uma constituição mais estável.

A partir dessas considerações surge a indagação: como o sentido surge na linguagem, uma vez que é a linguagem a fonte do sentido; como se dá a emergência do significado para o sujeito sem cair numa metalinguística do sentido sem fim?

Para a semiótica, esse problema se resolve na enunciação. Destarte, a significação surge no espaço da discursividade entre enunciador e enunciatário. Nesse processo a linguagem surge numa situação dialógica introduzindo enunciador e enunciatário como atores na construção da significação. Nessa concepção, o sentido não pode ser tido como algo estável, definido, mas tido como um devir, uma vez que se reconstitui no discurso, em cada ato de enunciação. É nesse sentido que a *Linguística Textual* nega a ideia difundida por aí de que o mundo da linguagem nada mais é do que um amontoado de repetições, ou como dizia Foucault, que o enunciado é raro. As coisas ganham novos sentidos, ou seja, nova existência quando renovadas a cada enunciação, não pelo fato é claro, de ser enunciada repetidas vezes, mas por se inserir em novos contextos definidos entre enunciador e enunciatário.

Essa forma de conceber a construção do sentido vem ao encontro das considerações de Krause: o sentido do “mundo real” não se apresenta de forma estável, imutável, há nele uma instabilidade.

Assim, ao se falar em *referentes*, devemos estar atentos para o fato de que não se trata de coisas que possuem um sentido estável e definido, mas de coisas que tem seu significado construído à medida que o sujeito falante os introduz e os modifica nos processos discursivos. Nesse sentido, podemos evocar aqui o entendimento que a Linguística Textual tem sobre o *referente* e a

substituição que faz do termo *referente* por *referenciação*,<sup>8</sup> uma vez que é na enunciação que as coisas ganham sentido, ou seja, não se trata de um referente que preexiste à enunciação, mas de uma construção de *objetos de discurso*, de um processo de construção desses objetos no e pelo discurso.

Assim, a língua se mostra como algo que pode até guardar alguma estabilidade semântica enquanto *sistema (langue)*, entretanto, quando se fala em *discurso*, há uma infinidade de maneiras desse *sistema/discurso* se manifestar, uma vez que se inserem em singulares contextos de uso onde seus usuários a reinventam a cada apropriação.

## 1.2 - A semiótica francesa

### 1.2.1 As dimensões que regem o texto

A semiótica francesa, é uma teoria extensa, possui muitos conceitos, muitas ferramentas e uma exposição completa da teoria, se tornaria cansativa além de improdutiva. Por esse motivo, não faremos nesse trabalho uma exposição completa dela, mas traremos somente os aspectos com os quais trabalharemos em nossas análises. Sabemos que a teoria não é fácil e exige muito empenho para o seu domínio, como preparação para o doutorado, contudo não é supérfluo uma exposição do seu arcabouço teórico ainda que parcial, como demonstração *de empenho formativo de uma mestrandia*. Entretanto, os aspectos escolhidos, coincidentemente representam os pontos mais importantes da construção da teoria: narrativa, paixões, figuratividade, enunciação

A semiótica francesa desde seu surgimento apresentou-se como uma teoria não acabada, como um projeto a ser construído aos poucos. Pautada

---

<sup>8</sup> A linguística textual tem o seguinte posicionamento sobre a questão do referente: [...] não se entende aqui a referência no sentido que lhe é mais tradicionalmente atribuído, como simples representação extensional de referentes do mundo extramental, mas sim como aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são representadas como *objetos de discurso* e não como *objetos do mundo*. (KOCH, 2004, p. 57)

nesse princípio, a teoria foi ganhando novos contornos, muitos aspectos foram sendo incorporados e assim ela foi sendo constituída.

É bem verdade que a semiótica recebeu muitas críticas dentre elas, no que diz respeito ao núcleo duro de sua constituição teórica, o seu caráter imanente. Acusada de reducionista por desconsiderar a história e os fatos “exteriores”, isto é, das coisas que estão fora do discurso enunciado, a semiótica tem conseguido demonstrar que as críticas que recebeu e ainda recebe, quanto a esse aspecto, não tem pertinência.

Destarte, para a semiótica francesa, não é preciso sair do texto para buscar o “mundo exterior”, pois tudo pode ser encontrado no texto. Assim, o conceito de “exterioridade” pode variar segundo o ponto de vista adotado. Para a semiótica a “exterioridade” do mundo está presente no discurso, no texto. Não é preciso uma remissão ao “mundo lá fora” para que se tenha acesso a ele. As coisas do mundo estão presentes no texto como ensina Barros (2009, p. 1-16) de três formas:

- pela análise da organização linguístico-discursiva dos textos, em especial da semântica do discurso, isto é, de seus percursos temáticos e figurativos, que revelam, de alguma forma, as determinações sócio-históricas inconscientes;
- pelo exame das relações intertextuais e interdiscursivas que os textos e os discursos mantêm com aqueles com que dialogam;
- pela relação entre duas semióticas, a do mundo natural e a das línguas naturais (ou mesmo outros sistemas semióticos), que, no dizer de Greimás (1970, p.52-56), deve ser observada não no nível das palavras e das coisas, mas no das unidades elementares de constituição dos dois sistemas de significação.

Essas três formas são responsáveis pelo acesso às coisas do mundo, isto é, à “exterioridade”, sem, no entanto, precisar sair do texto considerado, como muitos críticos desejam ou, como certos analistas de texto fazem ao ponto de esquecer o texto considerado. Vejamos como a autora demonstra a possibilidade de acesso à “exterioridade” por meio dos mecanismos citados.

#### 1) Análise linguístico-discursiva: temas e figuras.

Um texto é constituído de temas e figuras. O primeiro concerne aos aspectos abstratos do texto, o segundo, constitui ao investimento semântico-sensorial do tema. Fiorin (1988b, p. 1-19) ensina que a semântica discursiva está ligada aos fatores sociais e que é no discurso que a determinação ideológica ocorre de forma inconsciente. Dessa forma, no discurso é que se

pode perceber as determinações sócio-históricas e ideológicas que se manifestam nos temas e figuras presentes no texto. Uma matéria de jornal por exemplo, que fale sobre a questão de terras no Brasil, pode apresentar o “mundo exterior” por meio das figuras presentes no texto. Assim, figuras como *reforma - agrária, MST<sup>9</sup>, invasão, assentamento, sem-terra, bancada ruralista, latifúndio etc*, são “coisas do mundo”, externas ao texto presentes no texto.

Assim, ocorre com os temas que se manifestam nas figuras. Por meio delas, sabemos de que se trata o texto se é de uma questão política, econômica etc e pode afunilar mais o sentido dizendo se se trata de uma disputa pessoal entre duas pessoas, ou de uma questão social como é o caso do MST. Da mesma maneira, podemos perceber os posicionamentos ideológicos que os discursos deixam apreender por meio dos temas e figuras.

Se em um discurso constar figuras como *invasores, produtor rural, bancada ruralista* pode-se inferir que se trata de alguém que partilha de um posicionamento político-ideológico favorável aos grandes proprietários de terras. Se ao contrário, no discurso aparecer figuras como *reforma - agrária, assentamento, terra para quem precisa, agricultura familiar, MST etc*, logo nos remeterá a um enunciador que compartilha com a realização de uma reforma – agrária, pois as figuras presentes no texto deixam apreender a visão de mundo de que enuncia.

## 2) Intertextualidade e Interdiscursividade.

Por meio dessas duas formas de constituição do discurso também se pode ter acesso ao mundo exterior.

Vejamos os exemplos: *Luz, câmera, bisturi*. Essa frase, título de uma matéria da revista *Veja*, mostra de maneira simples como a intertextualidade permite alcançar mundos outros, neste caso, a matéria fala sobre um programa de tv que exibirá imagens feitas de dentro de um centro cirúrgico para o público, mas ao dizer *luz, câmera, bisturi* traz por meio da

---

<sup>9</sup> MST – Sigla do movimento social intitulado Movimento dos Sem-Terra que luta pela reforma agrária no Brasil .

intertextualidade, o mundo do cinema para o texto já que esta frase diz respeito aos preparativos que indicam o início de uma filmagem ao mesmo tempo em que diz a natureza do programa que irá ao ar na tv.

### 3) Relação mundo natural vs línguas naturais.

Sabe-se que uma língua natural ou qualquer outro sistema semiótico tem como base de sua constituição, o mundo natural. Nosso “equipamento sensorial” é experimentado no mundo natural. Assim, o mundo natural tido como uma semiótica se apresenta como plano de expressão na constituição do conteúdo das línguas naturais. O mundo sensível *quente, alto, áspero, cheiroso etc* são expressões do mundo natural que reveste a figuratividade do texto.

A partir desses exemplos, fica constatado que a *teoria* semiótica possui ferramentas que possibilita dar conta da história, do mundo exterior no texto sem precisar sair dele. Entretanto, toda teoria tem seu alcance e não pode ter a pretensão de abarcar o todo. Mas, antes de pronunciar mais uma vez a palavra teoria, procede defini-la bem como diferenciá-la de metodologia.

Segundo Fiorin (2002, p. 39), uma teoria é “um conjunto coerente de hipóteses, suscetíveis de serem submetidas à verificação”.

Assim, todo o conhecimento formulado precisa de uma linguagem de descrição que o possibilite manifestar-se e confrontar-se com o real. Por outro lado, a *metodologia* ensina Fiorin (2002, p. 39), “é uma sequência de operações que visam a obter um resultado adequado às exigências da teoria”. Portanto, uma teoria que queira demonstrar suas proposições precisa dispor de uma metodologia, “um jeito de fazer”. Assim é a Semiótica, a AD<sup>10</sup>, ou qualquer outra teoria. A escolha por uma determinada metodologia implica o surgimento de coerções, o que limitará a pesquisa.

A ciência se constitui de processo, de etapas, de recortes, de pontos de vista o que pressupõe que toda escolha traz implicitamente uma visão de mundo, uma ideologia, já que todo sujeito pensa o mundo e age nele, a partir do lugar que ocupa numa sociedade heterogênea, dividida em classes.

---

<sup>10</sup> Análise do discurso de linha francesa.

A pesar das críticas que tem recebido – muitas vezes injustas como pudemos perceber pelo exemplo acima, ainda hoje a semiótica francesa se apresenta como um projeto e não como um produto acabado. Muitos de seus pressupostos foram revistos, reelaborados, assim como o acréscimo de novos elementos. A tensividade foi uma dessas novidades que chegou à semiótica como uma reelaboração de um ponto que até então parecia pacífico no seu corpo teórico: o postulado de que a significação se apresenta sob forma de unidades discretas. A tensividade veio para mostrar que estas unidades discretizadas operam num contínuo que constitui uma potencialidade de sentido. Introduzindo o contínuo em sua teorização, a semiótica poderá compreender a presença das gradações e do contínuo no fenômeno lingüístico.

Entretanto, a semiótica tensiva representa as incursões mais atuais na construção do projeto semiótico. Antes dela, muitas outras foram introduzidas compondo assim o corpo teórico da semiótica francesa

Durante esse caminhar, a semiótica francesa foi se dando diferentes objetos e foi construindo seu arcabouço teórico entre os quais estão: *a dimensão narrativa, a dimensão passional, a dimensão figurativa e a dimensão enunciativa*. Vamos a elas.

### **1.2.2 – Narrativa**

A dimensão narrativa é que apresenta maior solidez. Nela, o foco está na ação. É a ação que rege a narrativa. Destarte, o conceito de narratividade se define pela ação do sujeito que transforma a si mesmo e o mundo e se relaciona com outros sujeitos em busca de valores investidos em objetos. A narratividade é o simulacro do fazer do homem no mundo, que se realiza pelo que a semiótica chama de *programa narrativo*, isto é, a busca do sujeito por algo, isso porque o homem sempre é um sujeito desejoso, que busca por meio de ações um sentido para a sua vida. Se esse desejo e essa busca um dia vier a cessar, a vida perderá o sentido. Essa afirmação só vem confirmar a forma com a qual a humanidade se coloca no mundo: o homem é a única espécie entre os seres vivos que faz história, que transforma o mundo e a si mesmo, por meio de guerras, de revoluções, da política, da ciência, da filosofia, da arte,

do trabalho, enfim, está sempre em busca de valores - uma busca sempre mediada pela linguagem, conforme esclarecemos acima.

A narratividade é o palco onde se instala aquele que *quer, pode, deve e sabe ser ou fazer*. Nele, o sujeito age em busca de objetos e assim põe em cena todas as possibilidades que ação pode determinar: aquisição, renúncia, privação, espoliação, troca, doação dos objetos que circulam entre sujeitos. Há assim, transformação de estados, ou seja, um estado anterior à ação e um estado final transformado pela ação.

Interessante é que essa estrutura organizadora da narrativa não é uma composição que serve apenas aos contos, lendas e mitos consagrados pelas diversas culturas como percebeu Vladimir Propp (1984, p.26), mas serve a qualquer tipo de texto que traz a história de sujeitos que agem no mundo. Lembramos enquanto aluna, da época da graduação, do que a professora de história dizia ao mesmo tempo em que desenhava um gráfico na lousa para explicar genericamente a história como disciplina curricular: *Homens se relacionando com outros homens e transformando a natureza*. Isso para nós ficou marcado. Como, em poucas palavras, toda a história da humanidade poderia ser resumida! Para nós enquanto aluna recém ingressada na graduação do curso de Ciências Sociais era incrível pensar que conteúdos de obras imensas poderiam ser resumidos naquelas poucas palavras!

Descobrimos então, nas aulas de semiótica, que a definição da *sintaxe narrativa* veio corroborar o sentido daquelas poucas palavras que a professora de história empregava para ilustrar a história toda da humanidade. O mover-se do homem no mundo se resume na concepção da *sintaxe narrativa*: um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo. (BARROS, 1990, p. 16). Por isso, a estrutura que organiza a narrativa, não contempla apenas os contos fantásticos das mais diversas culturas, ela pode dar conta também do fazer ordinário de qualquer sujeito do mundo real.

### 1.2.3 - Paixões

A segunda dimensão, a passional, tem como base a ação do sujeito. Se antes se acreditava num sujeito que agia mecanicamente, neste momento a semiótica volta-se para o excedente resultante do fazer do sujeito. Esse excedente surge quando se considera que os valores inscritos nos objetos não são sempre estáveis.

Voltada para as relações entre sujeito e objeto, a semiótica se empenha em dar conta não mais das relações intencionais do sujeito em relação ao objeto, mas das relações *existenciais* do sujeito. Não se trata mais de dizer se um objeto é desejável ou não para um sujeito, mas de descrever a existência modal do sujeito com seu objeto tendo em vista uma orientação axiológica.

Vimos, portanto que o sujeito possui uma *existência modal* que pode a qualquer momento ser modificada. Essas modificações podem advir do próprio sujeito em relação aos valores investidos no objeto, quanto por outros atores.

As paixões na semiótica são antes de tudo, os sucessivos estados de alma do sujeito encontrados no discurso, uma vez que ao longo do discurso o sujeito vai modificando sua existência modal em relação ao seu objeto. Assim, um valor em que em um primeiro momento se apresentava como desejável, pode ao final do discurso, ser tido como repulsivo para o mesmo sujeito, o que faz eco à afirmação de Bertrand (2003, p.369): “A *existência modal* coloca, portanto, o valor em movimento e em jogo”.

A semiótica descreve o sujeito apaixonado a partir das modalidades do *ser* com as quatro modalidades principais: o *querer ser*, o *dever ser*, o *saber ser* e o *poder ser*. Assim, a paixão surge com o estabelecimento do *ser* com uma das modalidades básicas, como por exemplo, o *ser* e o *querer*: *querer ser*, *querer não ser*, *não querer ser*, *não querer não ser*. A partir da combinação entre o *ser* e as modalidades, pode-se analisar as compatibilidades e incompatibilidades modais: o sujeito que *quer* e *pode ser* é o sujeito que deseja o que é possível, da mesma forma, pode desejar o impossível como aquele que *quer ser*, mas não *pode ser*. A partir desse jogo de combinação entre o *ser* e as modalidades citadas acima se configura as paixões como por exemplo, a frustração ( o sujeito quer ter o objeto desejado e não poder ter) a felicidade pela posse do objeto ( o sujeito quer e pode ter) e assim por diante.

As paixões definidas como a variação de estado de alma do sujeito que ao longo do discurso vai ganhando novas configurações, são lexicalizadas pela cultura, a partir de então, há uma categorização das paixões que tem como base a axiologização. Assim, as paixões são classificadas segundo o valor que lhe são dados pela cultura. Bertrand (2003, p. 370) traz um exemplo elucidativo sobre a axiologização das paixões dizendo que o *econômico* e o *avaro* se definem pelas mesmas relações modais: ambos são sujeitos que querem /devem estar conjuntos dos objetos valor, entretanto, existe uma diferença, pois há um aumento de intensidade afetiva conjugada com a moralização na transformação da primeira para a segunda paixão.

Quando lexicalizadas, as paixões são axiologizadas na cultura, uma vez que a coletividade na constituição do seu código moral elege uma infinidade de boas e más paixões que variam segundo o tempo e o espaço em que se encontram inseridas.

#### **1.2.4- Figuratividade**

A figuratividade na semiótica está ligada à dimensão do sensível. Entretanto, isso não implica um ingresso no universo extralinguístico, pois tem a ver com a forma como interpretamos o mundo que nos afeta pelos canais sensoriais por meio da linguagem. Diz-se de figuratividade quando um conteúdo de uma língua natural possui um correspondente no mundo natural, assim como também todo conteúdo de uma língua natural que tenha um correspondente no plano significante do mundo natural.

Dizer que um texto é figurativo significa dizer que podemos reconhecer nele, figuras do mundo: beleza, árvores, pássaros, alegria, casas, ruas, estrelas etc. Entretanto, todo texto mescla o abstrato e o figurativo. Classificar um texto como figurativo ou abstrato, equivale a dizer que nele predomina uma ou outra categoria. Contudo, quando classificado nessas duas formas, há uma abertura que permite que uma forma atravesse a outra.

Seja um discurso científico, por exemplo. Dificilmente um discurso científico poderia ser enunciado apenas por conceitos abstratos, sem a menção

de figuras. Numa aula de economia em que um professor deseja explicar como funciona a balança comercial de um país, certamente obterá uma melhor compreensão dos alunos se recorrer às metáforas. Da mesma forma, um texto que se apresenta figurativamente, compreenderá uma profundidade que só será possível apreender se o considerarmos sob um aspecto mais abstrato.

Podemos perceber a partir dessas considerações, que o texto pode ser compreendido tanto numa forma como na outra, sempre haverá lugar para que no texto abstrato, ocorra o figurativo e vice-versa.

Dessa forma, um texto pode ser descrito semanticamente a partir do figurativo e do temático. Há entre esses dois pólos uma gradação que se estende para os dois sentidos. Um tema que se apresenta de forma muito imprecisa pode muitas vezes se referir a uma variedade de possibilidades que poderá ser limitado quando se apresenta por meio da figuratividade.

Dessa forma, *tema* e *figura* são formas que se complementam num movimento de reciprocidade: se o *tema* para se tornar mais preciso, necessita de um suporte figurativo, este por sua vez só poderá oferecer sentido quando representa um tema.

Entretanto, um discurso figurativo pode, por si só, dar conta da significação que deseja construir, sem recorrer a uma abstração. Assim, ensina Bertrand (2003, p. 216) que as próprias figuras do discurso cumprem a função de constituir sentido, denominado raciocínio figurativo na semiótica, uma vez que chamado a significar, está embasado em termos concretos e sensíveis e não em termos abstratos funcionando por analogia direta. Exemplos desse tipo de discurso são as parábolas, no qual o sentido é compreendido a partir da literalidade que as figuras do discurso põem em cena e não pelo domínio da razão.

Sobre esse poder dado à figuratividade na linguagem, trazemos uma outra abordagem. Nietzsche (1997, p.16), apud Bertrand (2003, p. 217-218) aponta para as ilusões de verdade que os conceitos estabilizados em figuras trazem. Porém, essa estabilidade é ilusória, pois a língua tem por missão trazer uma pretensa identidade das coisas que ocorrem no mundo que invariavelmente jamais serão idênticas. Diante dessa imensidão de coisas que

nos surgem, só resta a tarefa de torná-las menos estranhas e mais estabilizadas pelo contrato social que a língua representa.

Assim, para Nietzsche, a verdade sobre as coisas do mundo tem origem no nascimento da língua, uma vez que um conceito criado para designar uma ocorrência situada em algum momento na experiência vivida servirá para designar todas as outras ocorrências da mesma natureza que jamais serão idênticas àquela primeira a que deu origem. Assim, Nietzsche (1997, p. 14 -15) responde a questão sobre o que ele entende sobre o conceito de *verdade*:

Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim um compósito de correlações humanas poética e retoricamente amplificadas, transpostas, ornamentadas e, que, ao cabo de muito uso, apresentam-se aos olhos de um povo como canônicas e obrigatórias.

O que podemos perceber a partir dessa consideração de Nietzsche é que diante da vastidão do mundo, só podemos assumir a nossa incapacidade de operar com o pluralismo de coisas que ocorrem na experiência da vida. Se podemos buscar alguma estabilidade, isso só se torna possível pela generalização que fazemos de cada ocorrência que é por si mesma, única, passando de um caso particular à uma generalização. Essa generalização dos conceitos perde a força figurativa à medida que se adaptam às novas ocorrências em que são chamadas a significar perdendo assim, a força sensível a que deu origem, o que vem confirmar o postulado saussuriano de que a língua não é reflexo do mundo e, portanto a separação entre palavras e coisas.

### **1.2.5 – Enunciação**

A enunciação é a dimensão que talvez tenha trazido maior instabilidade na edificação da teoria semiótica mesmo depois de passada a tempestade que a colocou em xeque, ela sobreviveu apesar das novas concepções surgidas sobre o assunto.

Construída sob a forte autoridade imanentista, a semiótica não podia deixar de lado a questão da enunciação. Como conceber a enunciação sem abandonar o postulado imanentista? Os estruturalistas não queriam e nem podiam jogar por terra, todo o seu labor intelectual já edificado, e inserir o universo extralinguístico nos pressupostos semióticos. Isso seria jogar fora todo um trabalho que já apresentava uma solidez.

Inserir o sujeito falante, um sujeito ontológico não caberia no constructo semiótico. Voltar às indagações que versavam sobre uma concepção objetiva do sujeito da enunciação seria um retrocesso.

Para resolver esse impasse, Greimás (1974, p. 4), encontrou uma maneira de sair desse embaraço. Assim, considerou que a enunciação só poderia ser concebida dentro dos princípios imanentistas de forma pressuposta. Destarte, a enunciação assim concebida dentro dos limites linguísticos, só poderia ser apreendida pelas marcas deixadas no enunciado. Dessa forma, todo o enunciado traz automaticamente uma enunciação pressuposta, nunca apreendida em si mesma, a não ser pelas marcas deixadas no texto.

Para isso, Greimás (1974) delimitou e elaborou de forma bem definida os limites entre as duas dimensões. Enunciação e enunciado seriam definidos, portanto, a partir de uma perspectiva que apresenta uma estrutura que comporta dois níveis: o nível da enunciação e o nível do enunciado e a enunciação estaria no próprio enunciado.

Se a enunciação é o próprio enunciado, como então distinguir um e outro? Greimás (1974, p. 1-5) defende que todo o enunciado deve ser concebido não como algo solto, mas como um encadeamento discursivo no qual se encontra, pressuposta, a enunciação. Para se fazer a distinção entre enunciado e enunciação, deve-se considerar o enunciado como uma estrutura onde o enunciado é um actante-objeto, ou seja, o enunciado é apenas um dos termos que formam a totalidade da estrutura, ao passo que a enunciação seria a totalidade dessa estrutura. Partindo desse pressuposto, compreendemos melhor a definição proposta por Fontanille (2007, p. 270): “a enunciação é uma metalinguagem ‘descritiva’, pois, predicando o enunciado, explicita sua própria atividade, codifica-a, fazendo dela um acontecimento sensível ou observável”.

Destarte, podemos entender o caráter metalinguístico da enunciação, ao nos voltarmos para a cadeia discursiva prevista na teorização de enunciação proposta por Greimás do *eu digo que eu digo, que eu digo...*

Estabelecida nesses termos, a enunciação é uma instância do discurso da qual não podemos ter acesso senão pelas marcas deixadas no enunciado. Assim, o enunciado ganha um estatuto polissêmico na manifestação de sua materialidade já que inclui a enunciação em sua estrutura. Como podemos observar nas palavras de Greimás (1974, p. 2): “a enunciação é um enunciado no qual apenas o actante-objeto é manifestado”.

A enunciação no texto pode ser apreendida de duas formas: por meio da embreagem e por meio da debreagem. Estes conceitos têm origem no linguista russo Jakobson. A semiótica ao apresentar esses conceitos, quer identificar as formas de projeção no discurso das categorias de pessoa, espaço e tempo que a instância enunciativa emprega. Essas categorias projetadas no discurso, não se confundem com as categorias do nível da enunciação. Assim, existe a pessoa, o espaço e o tempo da enunciação e a pessoa, o espaço e tempo do enunciado.

Vista dessa forma, a enunciação aparece sempre pressuposta e quando aparece em um enunciado, já aparece debreada em forma de simulacros. Voltemos às questões de debreagem e embreagem.

Para Greimás (1974, p.8) a debreagem representa aquilo que a linguagem possui de mais essencial, uma vez que esse mecanismo permite uma ultrapassagem dos limites inerentes ao sujeito enunciante. Vejamos porque o autor considera a debreagem como a essência da linguagem. A debreagem se define pela ejeção das categorias de pessoa, espaço e tempo da instância enunciativa e sua projeção no discurso. Esse procedimento permite ao mesmo tempo, construir uma disjunção entre a instância da enunciação e enunciado. Como assevera Fontanille (2007, p.99), “A debreagem tem orientação disjuntiva. Graças a ela, o mundo do discurso separa-se do simples” vivido “indizível da presença”.

A projeção dessas categorias no discurso são criações discursivas que não se referem à instância da enunciação e permite àquele que enuncia, sair

de si mesmo e produzir por meio da linguagem o discurso partilhável numa dimensão objetivante do mundo. Sair do *eu*, do *aqui* e do *agora*, isto é, da inerência de si mesmo (do sujeito enunciador) e poder por meio da linguagem se referir a uma pessoa que não seja um *eu*, a um espaço do *não-aqui* e de um tempo de *não-agora* é para Greimás, o fato mais fundamental da linguagem. Isso permite ao homem romper a barreira do *eu/aqui/agora* e falar de coisas que não estejam em situação de comunicação. Assim, se em um enunciado aparece um *eu*, esse *eu*, não é exatamente o *eu* enunciante, que permanece inacessível quase que em toda a sua integridade, mas um simulacro, uma *mentirinha*. E se formos mais longe ainda, esse *eu*, equivale a um *ele*, na medida em que esse *ele* corresponde a um *eu* ejetado para fora de sua fonte enunciante em direção ao mundo, o que nos revela aquilo que a linguagem possui de mais essencial, que é esse manifestar-se ao outro, tornando o mundo introspectivo e subjetivo do *eu*, um mundo objetivo e partilhável com *outro*. É nesse sentido que Fontanille (2007, p.270) chama a atenção para o conceito de enunciação dizendo que “Na verdade, a enunciação não é o próprio ato de linguagem, mas a propriedade da linguagem que consiste em manifestar essa atividade”.

Sobre essa propriedade que linguagem possui de representar um mundo objetivado por meio da debreagem, Fiorin (2008, p. 31) diz que “Com as debreagens enunciativa e enunciva, criamos a ilusão de que as pessoas, espaços e tempos inscritos na linguagem são decalques das pessoas, espaços e tempos do mundo”.

A embreagem por seu turno surge a partir das formas debreadas. Assim, a partir da debreagem, o enunciador retorna ao nível da enunciação para em seguida colocar em discurso o mecanismo da embreagem, projetando as categorias dêiticas *eu*, *aqui*, *agora* no discurso. Esse retorno à enunciação para depois se colocar no enunciado ocorre somente na medida em que se considera uma debreagem anterior à operação. A embreagem consiste, pois, em substituir a *pessoa*, o *tempo* e o *espaço* da enunciação numa forma debreada. Explicando melhor: a *pessoa*, o *tempo* e o *espaço* da enunciação se identificam com a pessoa, o tempo e o espaço do enunciado. Demonstremos isso num exemplo. Tomemos o enunciado: *Deixa que o papai pega a pipa para*

você. Nesse enunciado o termo *papai* aparece no enunciado como terceira pessoa do singular numa forma debreada, mas o que ocorre na verdade é uma embreagem, já que *papai* recobre a posição de primeira pessoa do singular da instância enunciativa.

Sobre a embreagem, Greimás e Courtés (1979, p. 121), ensinam que “a embreagem ao contrário da debreagem, que referencializa as instâncias enunciativas e enuncivas a partir de que o enunciado opera, desreferencializa o enunciado que ela afeta. Por isso a frase *deixa que o papai pega para você* citada acima cria o efeito de que o *eu* que está falando e o ‘*papai*’ da frase não sejam a mesma pessoa embora o sejam. Esse efeito é o de desreferenciação da categoria de pessoa em que o *eu* enunciativo aparece embreado em um *ele* (*papai*).

Destarte, a semiótica entende que uma embreagem actancial total, sem a pressuposição de uma debreagem anterior, seria quase impossível, já que a debreagem é o mecanismo que permite que o homem se diferencie dos animais, pela capacidade de linguagem, que tem como princípio fundamental esse *sair de si mesmo* (enunciador) e fazer do mundo uma realidade objetivante, no sentido de que se trata de algo partilhável com o outro e não de uma instância *autista*. Sem o mecanismo da debreagem, sem sair de sua inerência, o homem não seria um ser de linguagem e seria como os animais. É por isso que Greimás (1974, p. 8) reforça a importância desse caráter simbólico da linguagem numa asserção em que diz *que o ele ao lado do cavalo, representa uma das grandes conquistas do homem*.

É bem verdade que a semiótica enunciativa está dividida em duas correntes: de um lado se encontra o posicionamento de caráter formalista, estruturalista, de outro, uma semiótica enunciativa de base fenomenológica. Sobre esta última, J. Coquet (1984, p.27-153) trouxe importante contribuição na medida em que permitiu situar a questão da enunciação não mais dentro do princípio estruturalista imanente, mas de descrevê-la a partir de um sujeito

preso à realidade do mundo.<sup>11</sup> Assim, a atividade significativa está no ato de fala do sujeito enunciante e não mais no sujeito da enunciação.

Esse novo posicionamento permite acompanhar o surgimento da atividade significativa à medida que se considera que o sujeito enunciante evolui no campo posicional de natureza actancial, os quais Coquet na obra acima citada classificou em três: primeiro actante que se divide em duas instâncias: *sujeito e não-sujeito*, o segundo e o terceiro actante<sup>12</sup>. Para Coquet o ato de semiose ocorre no momento da fala, isto é, a partir de um corpo carnal presente no mundo. Assim, aquele que fala, pode em um primeiro momento ocupar o lugar do *sujeito*, caracterizado por Coquet como aquele que é capaz de julgamento, pois ele tem o poder de predicar e afirmar e por isso mesmo é um sujeito que tem o domínio no discurso podendo escolher e decidir os caminhos que deseja tomar.

Por outro lado, o campo posicional pode ser ocupado pelo *não-sujeito* que se define pelo fato de agir somente dentro daquilo para o qual foi programado, assim, não é senhor de si e dessa forma, o campo posicional vai sendo ocupado e fornecendo o sentido do discurso. Com essa mobilidade que permite os actantes<sup>13</sup> assumirem diferentes modos de presença no discurso, novos elementos são inseridos na semiótica enunciativa: tempo, história<sup>14</sup>, o

---

<sup>11</sup> Essa realidade não equivale ao referente dos linguistas, mas o mundo sensível e corporal do sujeito no acontecimento de fala.

<sup>12</sup> Segundo Coquet, J. (1984, p. 27-153) apud Fontanille (2007, p. 167) o segundo actante refere-se ao objeto implicado em todo ato de discurso ao passo que terceiro actante cumpre o papel de destinador.

<sup>13</sup> Daremos aqui duas definições complementares do conceito de actante:

1ª) É uma entidade sintática da narrativa que se define como termo resultante da relação transitiva, seja ela uma relação de junção ou de transformação. O actante funcional, por sua vez, caracteriza-se pelo conjunto variável dos papéis que assume em um discurso. (BARROS, 1990, p. 84)

2ª) Nesta definição o autor diferencia actante de ator: Os atores e actantes são distinguidos de duas maneiras. Em primeiro lugar, pelo princípio que orienta seu reconhecimento: Reconhece-se o ator pela presença de um certo número de propriedades figurativas, cuja associação permanece mais ou menos estável, enquanto seus papéis se modificam. Em contrapartida, reconhece-se um actante pela estabilidade do papel que lhe é atribuído em relação a um tipo de predicado, independentemente das modificações de sua descrição figurativa. Em segundo lugar, e conseqüentemente, a um ator poder corresponder vários actantes e, do mesmo modo, a um actante podem corresponder vários atores. (FONTANILLE, 2007, P. 146)

<sup>14</sup> O termo história na semiótica tem um sentido restrito à narrativa à qual o analista se refere. Trata-se de um caminhar pelos acontecimentos internos à própria narrativa.

devir, pois a atenção se volta agora para os diferentes significados que surgem a partir dos modos de presença que se constitui a cada momento do discurso.

Voltemos ao estruturalismo. No campo fundamentado no princípio da imanência da linguagem, outra questão é posta para a semiótica: como compreender a verdade no discurso? Partindo do princípio de que a linguagem não está colada às coisas do mundo, resta à semiótica estabelecer que a verdade no discurso não significa estar em conformidade com o real (verossimilhança).

E onde estaria a *verdade* então? Para a semiótica a verdade não está no mundo, mas construída no discurso. Diz-se que está construída no discurso, porque a *verdade* lida e interpretada como tal no discurso não passa de *efeitos de sentido* construídos no discurso a partir de um contrato fiduciário ente enunciador e enunciatário.

Da mesma forma, para dizer que um discurso é mentiroso, o mesmo princípio é tomado: não se trata de apresentar um discurso que busque uma conformidade com um referente extralinguístico, mas de construir efeitos de sentido que permitam que o discurso assim seja interpretado, o que vem provar nas palavras de Greimás (1978, p. 8) que *é a linguagem o lugar de sua própria veridicção*. A *verossimilhança*<sup>15</sup> então é abandonada e cede lugar à *veridicção*, ou ao dizer verdadeiro.

Segundo Greimás (1978, p.6) com essa tomada de posição em relação à verdade, os discursos ficam condicionados a dois tipos de *manipulação* que se contrapõem e perseguem o mesmo objetivo: conseguir a adesão do destinatário.

Os dois tipos se classificam em *camuflagem subjetivante* e *camuflagem objetivante* (GREIMÁS, 1978, p.6). Essas duas formas de camuflagem concernem à forma como o discurso é construído a partir da instância da enunciação. Assim, um discurso baseado na subjetividade, ganha a adesão do seu destinatário quando o seu enunciador se apresenta na condição de secreto, isso porque o segredo produz para o enunciatário, um efeito de

---

<sup>15</sup> O conceito de verossimilhança ancora-se numa adequação daquilo que é dito no discurso com um referente, ou melhor dizendo, com o mundo extralinguístico.

verdade, já que essa condição induz uma busca pela verdade que não quer se mostrar, o que paradoxalmente o coloca como verdadeiro. Desvendar segredos sempre move alguém que deseja ultrapassar desafios para encontrar a verdade.

Já o discurso que camufla a sua subjetividade, tem como intuito um *fazer crer* objetivante, isto é, o discurso quer se mostrar como um conhecimento constituído a partir de uma verdade inquestionável que não está submetida a uma opinião ou marca pessoal. Nos discursos construídos a partir de uma intencionalidade que busca apagar as marcas de uma enunciação, que se camufla numa pretensa objetividade, também há uma forma de manipulação, de *fazer crer verdadeiro*, uma *veridicção*.

Com esse posicionamento, a semiótica enquanto discurso se viu vitimizada por sua própria declaração. Assim, ela não teve como sair da teia que construiu, o que significou que ela enquanto discurso não se difere em nada dos demais, pois é, da mesma forma, um discurso ideológico, e conseqüentemente, a construção da veracidade de seus postulados também se insere nas regras do mesmo jogo, já que não passam de efeitos de sentido.

Outro aspecto que chama atenção na teorização sobre a enunciação diz respeito às formas pelas quais elas ocorrem efetivamente. A partir da definição de Benveniste (1989, p.82) da enunciação como *efetivação da língua como um ato individual de fala*, a semiótica se voltou para a natureza da enunciação no sentido de que *enunciar* não fique restrito a esta utilização do sistema pelo indivíduo, numa pretensa liberdade.

Bertrand (2003, p. 83-84) traz uma contribuição de Hjelmslev que questiona a dicotomia saussuriana *língua/fala*. Hjelmslev substitui o termo *língua* por *uso*, isso porque vê a língua não como o espaço para a prática livre do sujeito individual, onde a única restrição seria da ordem da estrutura. Para Hjelmslev, a língua se constitui a partir de formas já cristalizadas pelo *uso* contínuo de uma dada comunidade linguística. As enunciações não ocorrem de maneira tão livre como se pensa, elas estão muito presas aos modelos utilizados e depositados na memória cultural da comunidade linguística.

Com a proposição de Hjelmslev o que se percebe é que a língua utilizada na cotidianidade de uma comunidade linguística não representa uma liberdade, uma vez que utiliza blocos pré-moldados, expressões cristalizadas pelo *uso* já que a língua é produto de uma coletividade. Sendo assim, não surpreende que a *fala*, a *língua em funcionamento*, se efetive tendo por base modelos prontos que se depositam no *léxico* do discurso social. O *uso* representa então de maneira quase que paradoxal (se comparado à liberdade da *fala* saussuriana) uma espécie de *prisão* na qual os indivíduos falantes de uma dada coletividade estariam presos, já que os produtos linguísticos (palavras, expressões, gêneros discursivos) enunciados já se encontram prontos no *léxico do discurso social* para serem escolhidos pelos seus usuários assim como se escolhe mercadorias numa prateleira de supermercado.

A partir dessa perspectiva, Bertrand na mesma obra acima citada, afirma que é a utilização da estrutura da significação que define o *uso*. Nesse sentido, Greimás (1976, p. 176) fala do *uso* como o fechamento da estrutura pela história. Esse fechamento não se restringe às coerções impostas pelo sistema, mas diz respeito também às escolhas efetuadas pelos indivíduos, que não são tão livres para usar a língua, pois uma língua é feita dos discursos sociais cristalizados na práxis enunciativa.

Seria a práxis enunciativa de uma coletividade que cercearia a possibilidade de a língua enquanto ato, de se apresentar de forma inovadora e criativa a cada enunciação como se acreditava nos limites da dicotomia saussuriana *língua/fala*. Entre essas duas dimensões, com a adição de uma terceira, o *uso*, o que inicialmente, era uma dicotomia, Bertrand fala de uma triconomia.

Bertrand na mesma obra chama a atenção para o fato da *inovação* na língua. Essa afirmação pode parecer um tanto paradoxal em relação ao que foi dito acima. Contudo, apesar das repetições que o *uso* impõe, a língua não é um fenômeno estático e sim *movimento*. O *uso* apenas permite uma certa estabilidade provisória e essencial a toda e qualquer língua, o que permite que ela seja partilhada pela comunidade linguística.

O movimento na língua permite a *inovação* que ocorre sobretudo pelo caráter social da língua. Assim, se no ato individual de fala os produtos do *uso*

são atualizados, demonstrando a estabilidade da língua, as inovações pode mostrar que a língua também não é estática. A inovação ocorre pela revogação do *uso*, e assim aquilo que estava sedimentado pelo *uso*, passa a ter novos significados até a sua assunção pela práxis coletiva que o sedimentará. Dessa forma, a língua se impõe aos seus usuários de forma que, inevitavelmente, o novo tem de se sedimentar, tem de se apresentar como o já dado, conhecido e redundante e assim, estar ao alcance daquele que o enunciará.

Sobre a inovação na língua, Bertrand (2003, p. 25) chama a atenção para a peculiaridade da literatura nessa questão:

O escritor é aquele que sabe se fazer de estrangeiro em sua própria língua, ele escava nela, possibilidades inéditas, não percebidas até então. Ele a força a tornar-se outra. A literatura exerce, pois, por natureza, uma função crítica sobre a língua, desaprumando-a em relação a si mesma em cada obra.

Essa consideração nos mostra que a linguagem literária é um terreno no qual se põe em prática a desestabilização que a língua sofre por seu caráter dinâmico. Assim, ao reinventar novos significados para os elementos linguísticos, o escritor recria o mundo, mostrando que a dinamicidade da língua ocorre em outras situações que não aquela do *uso*, como vimos acima.

Uma vez feitas essas considerações, que definem com que ponto de vista teórico, com que conceitos e procedimentos pretendemos abordar o objeto de estudo escolhido, voltamos nossa atenção para o discurso da IURD, especificamente.

## 2 - O DISCURSO DA IURD E SUA DELIMITAÇÃO COMO OBJETO DE PESQUISA

*O homem é a única criatura que se recusa a ser  
o que ela é.  
Alberto Camus*

### 2.1 – O objeto da pesquisa

Neste capítulo apresentamos o objeto de nossa pesquisa - o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus - trazendo alguns aspectos que compõem o discurso da IURD que acreditamos serem os mais significativos. A partir da descrição das peculiaridades do discurso da IURD, fizemos a primeira relação do nosso objeto com a teoria. Assim, descrevemos como se dá a ação do pastor enquanto enunciador/destinador do discurso sobre o seu enunciatário/destinatário - o auditório em termos gerais. Traremos também neste capítulo, a metodologia utilizada na pesquisa.

O discurso religioso tem sido estudado nas mais diferentes áreas do conhecimento: na Antropologia, na Sociologia, na História e nos Estudos de Linguagem como na Análise do Discurso e na Semiótica Francesa. No entanto, um mesmo objeto pode ser apreendido a partir de diferentes pontos de vista, o que possibilita uma diversidade de resultados.

A escolha do corpus que é composto dentre outros elementos, pelo componente verbal – fala dos pastores, dos apresentadores, dos testemunhos, permite uma pausa para os aspectos próprios da oralidade, assim, acreditamos numa maior possibilidade de exploração do objeto, uma vez que por meio da oralidade muitos elementos podem surgir. Dessa forma, podemos contemplar a entonação de voz do orador, a emoção contida na voz, a ação ilocutória das frases, entre outros aspectos.

Optamos pela teoria semiótica francesa para analisar o discurso da IURD, pela adequação teórico-metodológica que a teoria oferece em face do que pretendemos focalizar no objeto-discurso.

Sabemos, no entanto, que existem muitas teorias que se ocupam da análise do discurso das mais diferentes filiações, desde a Análise do Discurso (AD) de orientação marxista/psicanalítica à Linguística Textual, que

compreende várias perspectivas, indo desde a perspectiva textual ligada à sintaxe/semântica até os patamares mais englobantes como a perspectiva sóciocognitivo-interacionista, entre outras. Entretanto, a semiótica francesa nos pareceu mais adequada ao objeto porque reúne atributos que satisfazem mais especificamente ao objetivo de nossa pesquisa que é buscar uma compreensão dos efeitos discursivos da igreja perante seu auditório.

A semiótica contempla aspectos ligados aos processos argumentativos, à noção de manipulação, à ação do sujeito em busca de valores, contempla também os estados passionais dos sujeitos, a questão que diz respeito às relações intersubjetivas entre sujeitos, enfim, é uma teoria que se adéqua aos propósitos de nossas indagações.

Nosso *corpus* é formado por dois programas que foram exibidos na rede Record de televisão na madrugada no dia 20 de setembro de 2008 às 01:30h. Essa emissora, como é de conhecimento público, pertence à IURD, e por isso mesmo, a emissora reserva um espaço considerável para exibição de programas de teor religioso. Os horários de exibição desses programas são: 01:30h, 02:15h, 04:00 h, 13:00h,<sup>1</sup>

O programa da madrugada apresenta um conteúdo que procura mostrar uma eficiência milagrosa da igreja. Assim, tudo pode ser possível. O enunciador mostra na programação que, para aquele que crê não há problema que na IURD não possa ser resolvido, como num passe de mágica. Para isso, basta que o fiel tenha fé e siga os ensinamentos da igreja.

Esse aspecto é bem evidente: o pastor recebe as pessoas no altar, para que os milagres possam ser contados e testemunhados de modo que outras pessoas possam tomar conhecimento dos poderes das correntes e também possam ser beneficiadas.

A proposta de nosso trabalho recai sobre as formas de gerenciamento de relação e emoção no discurso da IURD. Destarte, essas formas serão analisadas tanto no plano de expressão, quanto no plano de conteúdo. Se gerenciar, significa em sentido lato, organizar algo com vistas a obter melhor

---

<sup>1</sup> Horário de Brasília em rede nacional. Somente a programação da 01:30 é reservado à programação local. A programação pode variar a cada mês, não sendo fixos os horários aqui descritos. Depois das 02:15 h a programação em rede nacional se estende por toda a madrugada até às 04:00h.

aproveitamento daquilo que se almeja, todos os artifícios que visam a essa finalidade, serão apreciados.

Assim, a análise não fica circunscrita somente à linguagem verbal, mas às demais linguagens (imagens, cântico) veiculadas nos programas. A semiótica francesa é uma teoria que abarca textos que unem várias linguagens, o que inclui também imagens. O texto (programas) manifesta outros tipos de linguagem que não apenas a verbal, mas um conjunto significativo envolvendo diversas semióticas que unidos formam o grande texto *programa*. Sendo assim, o aspecto visual também será analisado como estratégia de manipulação do auditório, pois, concorre para tornar o programa mais persuasivo para quem o assiste, tendo por função, estreitar os laços que unem enunciador e enunciatário.

Os programas são constituídos por vinhetas, apresentação de testemunhos, cântico, apresentação do tipo de telejornalismo. Os testemunhos representam a maior parte dos programas e também o núcleo do programa, pois é por meio deles que o enunciador consegue mostrar para seu enunciatário a eficácia das correntes.

Os testemunhos apresentam uma estrutura que pouco varia de um para outro, ou seja, há sempre uma situação inicial em que o fiel diz ter enfrentado dificuldades, um grande estado de falta; uma situação intermediária em que o fiel resolve participar da igreja e das correntes e; finalmente, uma situação final, na qual o fiel consegue se livrar dos problemas, alcançando as graças, saindo do estado de falta. Por esse motivo, os testemunhos não serão analisados um a um, mas à medida que for necessário para que se mostrem os aspectos que desejamos por em evidência.

Por outro lado, outros aspectos que constituem o programa serão analisados separadamente, já que apresentam aspectos diferentes a serem tratados como as vinhetas e o cântico.

Assim, as análises terão como fio condutor os aspectos que de alguma forma concorrem para o *gerenciamento de relação e de emoção*: o cântico que induz à exaltação da emoção, as imagens e palavras.

As paixões também serão contempladas. Tratadas do ponto de vista da semiótica, as paixões entendidas como estados de alma do sujeito, que modulam a narrativa, não poderiam escapar ao nosso objeto. Sendo a IURD

um enunciador que como destinador visa manipular seu enunciatário/destinatário tem como objetivo, fazer seu destinatário *crer, querer poder e saber-fazer*. Segundo os posicionamentos mais recentes da semiótica, um destinador só manipula seu destinatário se ele tiver anseios, paixões, de outra forma, o que ocorre é apenas a proposta de um contrato.

Tendo o pastor o simulacro do telespectador como um sujeito desejante, age de forma a levá-lo a praticar a ação (performance) que ele (pastor/destinador) deseja. Assim, o destinador do discurso tem como objetivo, persuadir o telespectador a fazer parte da igreja ou persuadir aqueles que já fazem parte dela a participar das correntes que a igreja promove.

O objetivo maior deste trabalho é tentar mostrar como a IURD emprega estratégias para gerenciar relação e emoção para persuadir seu público com a finalidade de aumentar a audiência dos programas e por consequência, arregimentar mais fieis.

Depois de uma primeira aproximação do nosso objeto com a semiótica, faz-se necessário uma pausa para algumas informações sobre a IURD, assim traremos na sequência, um pouco da história da igreja. Não se trata de uma exposição completa de sua história, mas da contemplação de alguns momentos, como o de seu surgimento, o de sua expansão pelo Brasil e pelo mundo, um pouco de sua doutrina, de seus princípios, de sua relação com as demais igrejas cristãs, das polêmicas e brigas que contrai com seus adversários ou oponentes no campo da religiosidade. O mundo dos negócios é outro universo no qual a IURD conseguiu inserir-se de maneira implacável e que será contemplado de maneira sucinta no tópico a seguir.

## **2.2 - Breve histórico da IURD**

A IURD foi fundada em 1977 no Largo da Abolição no Rio de Janeiro, pelo então pastor Edir Macedo. Nesse espaço de tempo a IURD conseguiu se elevar no cenário brasileiro como nenhuma outra igreja evangélica na história da religião no país.

O Brasil por razões históricas teve, por longos anos, o catolicismo como religião dominante, contudo convivia com o catolicismo: o protestantismo

tradicional - batistas, presbiterianos, metodistas entre outros, sendo estes denominações minoritárias no sentido do pouco espaço que ocupava se comparado ao monopólio do catolicismo.

A IURD faz parte de uma divisão dentro do protestantismo denominado movimento neopentecostal. O pentecostalismo<sup>2</sup> surgiu nos Estados Unidos por volta do ano de 1901 com Charles Fox Parhan. Essa vertente se caracteriza pela crença na possibilidade de se falar em outras línguas - não se trata de línguas do homem, mas da língua do Espírito Santo. Segundo Proença (2006, p. 95) os precursores do pentecostalismo desejavam contemporaneizar a experiência ocorrida no primeiro século da era cristã que se encontra descrita numa passagem bíblica no livro de Atos 2: 1- 4 no qual se narra o seguinte:

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes<sup>3</sup>, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.

O pentecostalismo tem como principal característica a crença mística de que o Espírito Santo de Deus, pode descer ao corpo do crente e fazê-lo falar em línguas estranhas, provocando histeria, êxtases e ardor devocional. Essa postura se difere do protestantismo tradicional que se notabiliza pelo seu aspecto mais racional, frio e menos afeito às práticas místicas e folclóricas muito próprias dos movimentos religiosos populares.

Por seu turno, o neopentecostalismo conserva o traço marcante do pentecostalismo – a prática mística -, mas incorpora novos aspectos como a apropriação dos símbolos da cultura popular e a teologia da prosperidade.

Se por muito tempo, para o protestantismo tradicional, o mundo material foi desprezado e negado, uma vez que se aspirava a uma vida além-morte no reino dos céus, para a nova vertente protestante, que despontava, essa concepção de mundo se mostrava outra.

---

<sup>2</sup> Segundo Proença (2006, p. 96) o pentecostalismo tem raízes em movimentos religiosos como o montanismo - movimento messiânico sob a liderança de Montanus e nos movimentos pietistas e metodistas.

<sup>3</sup> O nome pentecostalismo deve-se ao fato do episódio ter ocorrido durante a comemoração de uma festa judaica – que tinha esse nome pelo fato de comemorar os cinquenta dias decorridos depois da Páscoa.

A fundação da IURD trouxe uma nova concepção de protestantismo, muito diferente da que vigorava no Brasil. Ser evangélico não era ser aquele que se conformava com a situação de pobreza, não era ser submisso à vontade de Deus, não era ser um *servo* de Deus. A IURD, como se verá mais à frente, tem sua doutrina baseada na teologia da prosperidade, e tem como objetivo a busca de uma vida financeira abastada. Para isso, o crente deve exigir de Deus aquilo que deseja não só em relação ao aspecto econômico, mas em relação a tudo aquilo que possa vir contribuir para a sua felicidade.

Com essa nova concepção de protestantismo, o evangélico adquire uma nova fisionomia. Ser “crente” não é ser aquele que se conforma com as dificuldades da vida. De submisso e resignado, o crente passa a ser um contestador de seu estado de falta e um reivindicador da felicidade - o que inclui a aquisição de bens materiais e de prestígio social. Com essa nova postura diante das coisas do mundo, houve uma radical transformação na imagem que se tinha do evangélico.

Depois da IURD, ser evangélico significa ser um homem que busca a Deus, mas sem, com isso, abrir mão das coisas que o mundo material oferece. Aquela ideia que se tinha de evangélico, que apenas almejava alcançar a salvação de sua alma, foi substituída por uma concepção do crente que deseja, sim, a salvação de sua alma, mas em primeiro plano está a busca da felicidade no mundo terreno. Sobre essa transformação, é interessante trazer aqui o posicionamento de Durkheim (1978) sobre a natureza da religião. Para o autor, a religião é uma força coletiva e impessoal que se sobrepõe à sociedade. Assim, ao se submeter à religião, os homens se submetem à própria sociedade. Por isso, para Durkheim a religião é “... a sua (sociedade) imagem: reflete todos os seus aspectos, mesmo os mais vulgares e repugnantes. Tudo se reencontra nela e se, frequentemente, se vê o bem subjugar o mal, a vida a morte, as potências da luz as potências das trevas, é porque não ocorre diferentemente na realidade, pois se a relação entre estas forças fossem contrárias, a vida seria impossível...” (1978:225).

Durkheim nos mostra que existe uma relação especular entre religião e a realidade vivida do mundo. Entretanto, a religião é uma imagem do mundo idealizado, imaginado, desejado, mas com raízes no mundo real, por isso, tem

duração no tempo e ganha o caráter de “realidade divina”. Esse posicionamento mostra a aproximação que a IURD enquanto religião faz com aquilo que é vivido no mundo “real”, pois ao prometer para o crente que a felicidade pode estar ao alcance de todos que a procura, mostra por outro lado, que isso é muitas vezes, de difícil acesso no mundo real.

Atuando com essa nova doutrina, a IURD consegue arrebanhar um grande número de fieis<sup>4</sup>. Sua atuação não se restringe ao cenário brasileiro e atualmente está presente em 172 países. No Brasil, são 4.748 templos e milhões de seguidores<sup>5</sup>.

O domínio da IURD pode ser comprovado pelo espaço que a igreja ocupa no cenário político, pela exposição na mídia, pelas empresas que comanda. A igreja de Macedo possui um considerável número de representantes nas esferas do legislativo: são 7 deputados federais, 19 deputados estaduais, 91 vereadores e um senador<sup>6</sup>.

A IURD comanda um império de comunicação, o maior deles, a Rede Record de televisão, que desponta como uma das maiores emissoras do país. Faz parte também do conglomerado midiático da igreja, além da Record e suas filiações, jornais, revistas<sup>7</sup> e emissoras de rádio. A igreja do bispo atua também em outras frentes empresariais. Na sua biografia, Macedo faz um inventário do império que construiu e revela que a igreja controla outros ramos empresariais que não os de comunicação. São construtoras, seguradoras, uma empresa de táxi aéreo, agências de turismo e de consultorias.

Compondo o conjunto que ostenta o poder da IURD, estão os seus templos. Na maioria das capitais brasileiras além dos muitos templos que estão distribuídos pela cidade, há um tipo de templo que se destaca, o chamado

---

<sup>4</sup> Segundo dados do catálogo 30 anos: Igreja Universal do Reino de Deus, a IURD conseguiu reunir em setembro de 2007 1,9 milhão de pessoas em encontro na Enseada do Botafogo na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto esses números são comuns nos encontros que a igreja realiza geralmente em espaços abertos, ginásios esportivos e estádios de futebol, pois o grande número de pessoas reunidas não caberia nos espaços dos templos.

<sup>5</sup> Dados retirados do catálogo publicado pela IURD: *30 anos: Igreja Universal do Reino de Deus*. 1ª ed. Unipro editora, 2008 p. 7.

<sup>6</sup> VEJA. Ed. Abril, edição 2.029 – ano 40 – nº40, out. 2007.

<sup>7</sup> A IURD possui uma mídia expressiva voltada à comunidade evangélica. A *Universal Produções* é responsável pelo jornal de maior tiragem do Brasil, A Folha Universal com 2,7 milhões de exemplares por semana. A IURD edita duas revistas evangélicas, Plenitude e A visão da Fé.

*Templo Maior*, que funciona como uma central que comanda os demais na cidade. O *Templo Maior* impressiona pela sua monumentalidade e luxo e funciona como o símbolo dos valores propagados pela a igreja. Nas grandes cidades brasileiras, esses templos chamam atenção pelo espaço que ocupam, pela grandeza, pela arquitetura, pela imponência.

O *Templo Maior* geralmente é construído em área nobre da cidade, são espaços construídos para abrigar milhares de pessoas. No Rio de Janeiro, está situada a *Catedral Mundial da Fé* como é chamado o templo que funciona como uma central no mundo inteiro. Seu tamanho impressiona. São 72 mil metros quadrados de área construída. Seu formato não segue o padrão das igrejas tradicionais, mas lembra um estádio de futebol, com arquibancadas, em vez de assentos comuns.

A construção de um *Templo Maior* em qualquer cidade representa uma mudança no aspecto geográfico da cidade, devido à sua suntuosidade como constata Rodrigues (2002, p.61):

Em Del Castilho, subúrbio do Rio de Janeiro, a Catedral Mundial da Fé, pela sua grandiosidade e monumentalidade, tem sido destaque na paisagem como um verdadeiro símbolo de vigor e grandeza da IURD. Visão compartilhada tanto pelo bom humor de alguns cariocas que apelidaram a catedral de *o maracanã do Bispo*, quanto pela visão circunspecta de seus dirigentes ao falar do monumento: “A Catedral Mundial da Fé – o Templo da Glória do Novo Israel – um projeto de dimensões monumentais, que impressiona pela beleza e ousadia de sua arquitetura”. Mas quando justificam o monumento, expressam, sobretudo, a monumentalidade da catedral, pois ela é o próprio símbolo e concretude da Teologia da Prosperidade e afirmação da IURD perante outras religiões.

Para comprovar isso, apresentamos, abaixo, duas ilustrações: uma mostrando a *Catedral Mundial da Fé* do Rio de Janeiro na sua suntuosidade interna e externamente e a outra, o Templo maior em Campo Grande - MS:



Figura 1- Catedral mundial da fé



**Figura 2 - Catedral Mundial da fé (interior do templo com Edir Macedo comandando um culto)**



**Figura 3 – Templo Maior em Campo Grande - MS**

Assim, podemos perceber também que a monumentalidade do templo representa os valores que a igreja defende. Se a IURD se destaca entre as demais igrejas evangélicas por apresentar um discurso que reivindica a prosperidade material, ela deve demonstrar ao fiel essa possibilidade em termos concretos. Dessa forma, o Templo Maior representa, como afirma Rodrigues, o símbolo da Teologia da Prosperidade. Em termos semióticos, a IURD modula a construção figurativa de sua presença rica e poderosa, conjugando extensão e intensidade, ou seja, quanto mais mais – quanto maior for em tamanho de seus templos, em relação às demais construções da cidade e das outras igrejas, mais notáveis passionalmente para os fieis e não fieis. Assim a figurativização atinge o grau máximo da iconicidade.

Tudo na IURD está pautado no aspecto da grandiosidade. Assim ensina ao crente que ele deve exigir para si, sem pudores, não coisas medíocres ou pequenas, mas coisas extraordinárias. Por que pedir para

Deus um veículo popular se o crente pode ter um veículo de luxo? Por que pedir um apartamento financiado em longo prazo, se o crente pode ter uma mansão? Por que sofrer com um casamento infeliz se Deus pode transformar a vida conjugal?

A partir dessas considerações, o que percebemos é que a IURD enuncia para seus seguidores valores que extrapolam aquilo que para a vida secular e cotidiana parece ser quase da ordem do impossível à grande maioria. Se para aquele que vê o mundo sob outra ótica, o mundo é cheio de obstáculos de difícil resolução, para o crente da IURD isso não ocorre. Os obstáculos para eles existem, mas podem ser removidos com certa facilidade, desde que haja um engajamento do fiel em crer e seguir a doutrina da igreja.

A IURD tem uma história marcada por muitas críticas advindas não só de algumas denominações evangélicas, mas também do público em geral, pelas práticas empregadas para arrecadação de dinheiro para igreja, consideradas por muitos como imoral. Outro aspecto que pesa sobre a idoneidade da IURD, diz respeito às relações de seu líder com a justiça brasileira. Macedo já foi preso acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato, porém depois de 11 dias na cadeia, Macedo foi libertado.

Além desses fatos, a IURD ainda protagonizou uma das maiores manifestações pública de intolerância e preconceito religioso no Brasil. Em 1995, a rede Record de televisão, exibiu imagens de um pastor da IURD chutando e maldizendo a imagem de uma santa venerada pela igreja católica. Esse fato causou indignação pública e gerou muitas críticas à IURD - mas não o suficiente para desmerecer a estratégia violenta de negação dos valores da concorrente. À mesma época, outro escândalo veio à tona manchando a imagem da igreja. Foi exibido pela rede Globo um vídeo no qual Macedo ensinava seus bispos, técnicas de como arrecadar dinheiro dos fieis.

Todos esses escândalos mancharam a reputação da igreja e principalmente de seu líder Edir Macedo perante a opinião pública. Tanto é que, depois desses escândalos, Macedo atuou de forma muito discreta na direção da igreja e dos negócios que comanda. Entretanto, essa discrição

ocorreu apenas em relação à exposição pública da imagem de Macedo, mas ele continuou na direção dos negócios e no comando da igreja.

Depois de 12 anos de recolhimento, Macedo volta aos holofotes, para restabelecer uma imagem de cidadão e homem religioso, que ficara por esses anos um tanto obscurecida, o que não ocorreu com sua imagem de empresário. De volta à cena, Macedo reaparece triunfante, lançando uma autobiografia *O Bispo – A história revelada de Edir Macedo*, relatando um pouco do que fizera durante esse período de afastamento. Na autobiografia, o líder fala sobre alguns escândalos como o chute na santa e silencia sobre outros. Fala também sobre a compra da Record entre outros assuntos. A autobiografia de Macedo representou um grande feito na história do mercado editorial brasileiro, alcançando a maior tiragem já vista no Brasil, 700 mil exemplares, embora a metade desse total tenha sido distribuída gratuitamente nos templos iurdianos.

Essa autobiografia também teve sua versão para a televisão do bispo. Logo após o lançamento da autobiografia, foi anunciada de maneira um tanto sensacionalista um especial que narrava o retorno de um homem incompreendido, perseguido e injustiçado, mas que apesar de todos os percalços, tinha conseguido dar a volta por cima e se tornar um vencedor tanto para aqueles que o criticaram e ainda o criticam, quanto também para os fieis da igreja, se mostrando como homem que foi abençoado por Deus, e que, mesmo passando por perseguições conseguiu a vitória. Entre outros aspectos, o especial dava uma ênfase à visita do bispo à cadeia onde ficou preso, no intuito de demonstrar a superação do bispo, assim como também passar a ideia de que ele nunca deveu nada à justiça.

Entretanto, parece que a posição da IURD em relação às outras denominações religiosas não mudou muito. Depois do episódio da santa, Macedo lançou um livro intitulado *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* no qual deprecia os deuses das religiões de origem afro dizendo que se trata de demônios. Sentido-se desrespeitados, alguns seguidores dessas religiões entraram com ação na justiça pedindo a proibição da comercialização do livro.

O fato é que a despeito de todas as críticas que a IURD recebeu e recebe e de todos os adversários, ela tem conseguido se manter forte e garantindo seu espaço não só no campo da religiosidade, mas para onde mais esse poder possa irradiar-se. Destarte, a IURD consegue destacar-se no cenário brasileiro como um fenômeno que extrapola o espaço religioso, sua área de atuação vai muito além.

Esse poderio que a IURD representa, pode ser comprovado pela nova fase que a rede Record de televisão vem experimentando atualmente. Como é de conhecimento público, a rede Globo sempre reinou absoluta como líder em audiência na história mais atual da televisão brasileira. Por muitos anos, nunca houve algum concorrente que viesse perturbar o sono da diretoria da emissora, quando o assunto era audiência.

Entretanto, a nova fase administrativa implantada pela Record nos últimos anos tem preocupado a líder em audiência. Essa preocupação deve-se principalmente ao investimento pesado que a Record vem fazendo para a melhoria na qualidade de sua programação, o que inclui o pagamento de altos salários aos funcionários, o melhoramento da infraestrutura como a aquisição de espaços e equipamentos para a produção de novelas e outros tipos de programas, além de contratação técnicos altamente especializados, muitos deles vindos da rede Globo atraídos pelos salários pagos pela Record que ultrapassam em muito a média paga pela líder.

Contudo, o que preocupa a rede Globo não está no índice de audiência alcançado pela concorrente, que permanece muito aquém da líder, mas a possibilidade de a Record vir a ocupar o posto de líder, já que os investimentos que está fazendo, para a excelência na qualidade de sua programação, sinalizam tal possibilidade. Outro ponto positivo para a Record está na injeção de dinheiro (trezentos milhões) de reais por ano, advindos da doação espontânea dos fieis em forma de dízimo e ofertas para a compra de horários na emissora<sup>8</sup> - o que coloca a Globo em desvantagem mesmo mantendo o favoritismo em audiência, já que os horários da madrugada da Record são comprados a preços exorbitantes. Essa prática mostra uma forma encontrada pela administração da Record – até então sem nenhum impedimento jurídico -

---

<sup>8</sup> VEJA. Ed. Abril, edição 2.029 – ano 40 – nº40, out. 2007.

de investir dinheiro na emissora com uma renda que não sai da própria Record enquanto empresa, mas da igreja.

A briga pela audiência saiu dos subterrâneos e veio à tona. Trata-se agora de uma guerra declarada. Não raras vezes, enquanto telespectadores, somos bombardeados por anúncios tanto da Record como da Globo, em que cada qual se autodenomina como a melhor quanto à qualidade de suas respectivas programações. Entretanto, um fato é certo. Jamais o telespectador brasileiro se viu disputado pela líder que sempre se encontrou em situação confortável.

Outro feito de Macedo na área de comunicação foi o lançamento em 2007 da Record News, a primeira tv aberta do Brasil com programação inteiramente voltada à notícia, além do lançamento de um portal de notícias na rede mundial de computadores, o qual foi anunciado com muitos elogios advindos de personalidades do meio político, empresarial e do esporte e que atualmente, em pouco tempo de implantação, já é o segundo site de notícias mais acessado no Brasil, segundo informações da própria emissora.

Com todas as proezas empresariais realizadas por Macedo, a IURD é um fenômeno que preocupa seus opositores, seja no campo da religiosidade, seja no campo empresarial. Ademais, a igreja representa uma transformação cultural em alguns segmentos sociais. Essa transformação diz respeito às crenças e valores que difundidos pela igreja, penetra no cotidiano das pessoas, fazendo surgir novas cosmovisões.

A seguir, traremos um pouco desses novos valores que a IURD traz para o campo da religiosidade. Dizemos que se trata de novos valores, tendo em vista que os princípios cristãos como se sabe, sempre foram pautados na negação da riqueza e da ostentação, na negação do mundo material, uma vez que o fim último almejado pelo cristão foi a vida além-morte como nos mostra a história cristã desde seu surgimento, passando pela Idade Média até os dias atuais.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> A campanha da fraternidade da igreja católica deste ano (2010) tem como tema "Fraternidade e Economia", uma crítica à má distribuição de renda que gera as desigualdades sociais e por consequência a miséria. A frase da campanha é a seguinte: "Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro".

### 2.3 - A IURD e a retórica do sucesso

O discurso da IURD chama atenção principalmente por um detalhe: o poder de adesão e mobilização de seu auditório. Essa adesão conseguida por meio do discurso deve-se em grande parte, à competência argumentativa que o orador, no caso, o pastor da igreja, possui e que repousa principalmente num aspecto que julgamos ser o ponto-chave da eficácia do discurso: o *gerenciamento de relação e de emoção*.

A IURD se diferencia das outras igrejas evangélicas por muitos motivos entre os quais apontamos alguns que nos pareceram mais relevantes: o grande número de fieis que a igreja consegue reunir, o grau de exposição conseguido nos últimos anos por meio da mídia e pelo número de templos suntuosos distribuídos no Brasil e ao redor do mundo.

Procurando a causa desse crescimento vertiginoso de uma igreja de denominação evangélica<sup>10</sup> - o que por razões históricas não seria muito previsível num país de forte tradição católica como o Brasil -, nos chamou atenção em especial, a forma com a qual os pastores e dirigentes da igreja conduzem o seu discurso, que se apresenta de forma muito diversa, se comparado às demais igrejas evangélicas e igualmente em relação à igreja católica. Muito criticado por religiosos que pertencem à igreja católica e às demais igrejas evangélicas, o discurso da IURD se constitui de uma retórica que, de maneira apelativa, convoca o auditório a uma quase que inevitável adesão.

---

<sup>10</sup> Igreja Evangélica, segundo o aspecto histórico, é toda congregação que concorda com a Reforma Protestante. Ainda que algumas não aceitem este termo para si, por ser usado de forma genérica para designar indiscriminadamente tanto os protestantes históricos, como os Luteranos e Calvinistas, quanto para os pentecostais e neopentecostais, esse termo é largamente empregado para diferenciar o cristianismo católico do cistianismo protestante. . De maneira mais geral, pode-se dizer que igreja evangélica é toda aquela que crê no evangelho, segundo a tradição protestante ainda que haja divergência em alguns aspectos. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Luteranos>>. Acesso em 15/09/2009.

A crítica dirigida à IURD pelas outras igrejas evangélicas<sup>11</sup> advém de uma multiplicidade de divergências que existe entre aquela e estas, porém o fator que gera maior polêmica está no fato de a IURD se colocar como a religião capaz de resolver todo e qualquer problema que o fiel possa ter. Assim, a IURD parece divergir das denominações evangélicas mais tradicionais, uma vez que elas não enxergam na religião a chave para resolver seus problemas, mas se satisfazem com o conforto espiritual que a religião possa proporcionar, como o alívio para os sofrimentos da alma.

Ao se colocar como a possibilidade de resolução de todas as aflições que, de algum modo, venham a recair sobre o indivíduo, a IURD atrai uma multidão desejosa desse “prodígio”, em um mundo competitivo e duro. Em seu discurso não há problema que não possa ser resolvido e para isso, basta que o indivíduo se comprometa com a igreja e tenha fé, isso significa que o indivíduo deva passar por uma transformação, isto é, que ele se converta em fiel da IURD e nesta condição passe a participar ativamente de todos os rituais da igreja. Podemos perceber aí que há um sujeito em busca de valores dos dois lados: de um lado está o fiel que busca um objeto-valor que pode ser um carro, uma casa, a cura de uma enfermidade, um reatamento conjugal, o restabelecimento de um negócio etc, de outro lado, temos o pastor da IURD que também busca um objeto-valor, que pode ser o arrebanhamento de mais um fiel para a igreja como também mais um participante dos rituais que ela realiza, para arrecadar dinheiro e bens de toda a espécie.

Para a semiótica há dois tipos de objeto: o objeto modal que se caracteriza como um *poder fazer* para conseguir o objetivo último que é o *objeto descritivo*. Para a IURD, o objeto “mais um fiel” tem o valor de um objeto modal que permitirá que se alcance o objeto descritivo, final, que é o dinheiro doado à igreja.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Consideramos neste trabalho mais especificamente, a postura das igrejas evangélicas, visto que há um maior enfrentamento em relação às igrejas de denominação evangélica justamente pelo fato da IURD se autointitular como evangélica também. Porém consideramos em menor grau as críticas vindas da igreja católica e de pessoas que não professam nenhum credo.

<sup>12</sup> O dinheiro aqui tem o estatuto de objeto descritivo porque é o fim último do pastor naquele momento, naquela enunciação. Porém em outras situações narrativas, o dinheiro pode ganhar o estatuto de objeto modal, já que para a maioria dos casos o dinheiro só ganha valor porque serve para se ter acesso a outros objetos.

O discurso da IURD é fortemente marcado pela capacidade que ela tem de persuadir as pessoas de que a felicidade é algo que está ao alcance de todos. Todo o sofrimento deve ter um fim e pode ser suprimido da vida do fiel. Para a IURD o homem nasceu para ser rico e feliz. Toda e qualquer forma de sofrimento é obra do Diabo. Os infortúnios humanos recebem assim uma identificação clara, o Diabo é a fonte de todo o mal, pois o homem foi criado para ser feliz, saudável e rico, é o Diabo que com mil astúcias desvia o homem do destino que Deus lhe preparou. Os pastores da IURD são os emissários de Deus, investidos do poder para afastar a presença maligna da vida das pessoas, aproximá-las de Deus e das bençãos que Ele lhes reserva: saúde, felicidade e riqueza conforme se pode perceber no trecho em destaque do estatuto e regimento interno da igreja:

Acreditamos indubitavelmente, que os demônios atuam na vida das pessoas com o propósito de afastá-las de Deus e de não deixá-las, conseqüentemente, entender o plano divino para suas vidas. Daí entendermos que a primeira coisa que deve ser feita com alguém, para trazê-lo ao Senhor é libertá-lo do poder da influência do diabo e de seus anjos, os demônios<sup>13</sup>.

Essa concepção de mundo se aproxima muito da filosofia dos manuais de autoajuda, mas ao mesmo tempo apresenta diferenças. A semelhança está na ânsia pela busca da felicidade a qualquer preço, como se as pessoas tivessem uma obrigação de ser feliz. A felicidade parece possuir uma fórmula, um receituário e para alcançá-la basta que façamos um esforço, já que tudo de que dependemos para esse fim não se encontra em outro lugar senão dentro de nós mesmos. Da mesma maneira, para a IURD a felicidade está ao alcance de todos, porém há a introdução de um outro sujeito: Deus.

Para a IURD só Deus pode resolver os problemas e conduzir à felicidade, mas para que isso aconteça, ao contrário do que ocorre na filosofia da autoajuda, essa felicidade não depende somente do indivíduo. Contudo há semelhança entre as duas concepções uma vez que ambas exigem um *querer* por parte do sujeito.

Dessa forma, a IURD se posiciona como portadora de um poder que não é seu exatamente, mas de Deus, entretanto a igreja não nega isso, e se coloca

---

<sup>13</sup> Estatuto e regimento interno, p. 38.

apenas como representante de Deus. Sobre este aspecto Orlandi (1986, p. 220), chama atenção para um fator que distingue o discurso religioso dos demais no seguinte aspecto: a falta de autonomia. No discurso religioso, quem representa Deus – o padre, o pastor etc - fala a voz de Deus. Porém, o representante de Deus está autorizado e limitado a dizer somente aquilo que está fundamentado no texto sagrado. Se no discurso político, por exemplo, o político pode falar a voz do povo, moldando-a da forma que desejar desde que o povo lhe atribua legitimidade, no discurso religioso esse grau de autonomia é zero, porque o que compõe o discurso religioso está restrito ao texto sagrado, às cerimônias, à igreja.

No discurso da IURD, esse aspecto está bem definido: A igreja apenas se coloca como representante de Deus, mais especificamente o pastor. Essa representação é tão pacificamente aceita pelos fieis que todas as palavras proferidas pelo pastor em momento algum são colocadas em dúvida. Tudo que o pastor disser, por mais absurdo que possa parecer aos olhos de outros, será sempre tido como verdade inquestionável, pois o pastor representa Deus e o discurso está fundamentado no texto sagrado.

Porém, o discurso religioso, guarda diferença entre o que Orlandi (1986, p.220 – 221) chama de o *dito de Deus* e o *dizer do homem* e, portanto, uma dissimetria entre os dois planos (divino e humano). A partir dessa concepção, alguns conteúdos religiosos são somente seguidos e obedecidos, sem a necessidade de serem compreendidos como ocorre com os dogmas do catolicismo no que diz respeito à trindade de Deus – pai, filho e espírito santo, bem como à virgindade de Maria mãe de Cristo. Assim, o crente iurdiano é um sujeito que assume um *crer* absoluto.

Por ter essa virtude de representar Deus, o pastor goza de um grande prestígio diante dos fieis. Dentro do templo, o pastor ganha posição de destaque perante os fieis e demais integrantes. Para o membro da IURD, o pastor é um homem especial, agraciado por Deus pelo privilégio que possui de poder conduzir o seu rebanho. Entretanto, essa graça recebida é entendida como consequência de muito trabalho e muita dedicação à obra de Deus. Os pastores sempre enfatizam, nos sermões, as dificuldades que enfrentam, tendo de lutar contra o Diabo que se coloca como o oponente, e põe obstáculos à

realização da obra de Deus. Assim, oferecem aos fieis, como em espelho, o exemplo de luta cotidiana contra o mal, para a conquista da felicidade terrena, pois o espaço dessa luta é aqui e não alhures, depois da morte. Esse papel de representante de Deus funciona também como salvaguarda da autoridade da igreja, na medida em que as falhas do pastor são falhas do representante de Deus na luta diária com o demônio e não falhas de Deus e da IURD. Talvez esteja aí a explicação para o fato de que a IURD segue incólume aos escândalos causados pelos seus pastores, por maiores que eles sejam.

Visto que a perspectiva religiosa proporciona ao homem o sentimento de viver em um mundo organizado de modo a atender os seus anseios, a IURD surge então como uma instância geradora de uma fé que traz para o fiel a certeza de que todas as vicissitudes deste mundo não existem por acaso, uma vez que entendem estes entraves como resultado da obra do demônio, mas que em contrapartida existe um Deus justo e misericordioso, que está sempre disposto a proteger seus filhos da ação do Diabo, desde que tenham fé. Fundamentada assim, a crença em um poder que a tudo transcende e numa força divina que atua para atender aos pedidos de seus filhos, a IURD consegue se elevar no cenário religioso brasileiro apesar das tantas críticas que recebe.

Outro ponto que gera críticas de outros credos à IURD, diz respeito ao forte apelo ao fator econômico por parte dos pastores. A busca por uma vida mais abastada em termos econômicos é o ponto de maior destaque no discurso da igreja. E não se trata apenas de uma busca por uma vida um pouco mais confortável, mas de um desejo de acumular riquezas sem culpas. Uma das correntes que a igreja realiza está voltada para esse aspecto e tem o nome de *Corrente dos Empresários*. Nessa corrente, além das orações e de práticas de natureza religiosa, existem reuniões de conteúdos laicos, tendo como temática, assuntos voltados para o mundo dos negócios. Essas reuniões realizadas pela IURD, não diferem muito de congressos e eventos próprios da área empresarial: estratégias empresariais como marketing, mobilização de recursos humanos, emprego de táticas voltadas para o aumento de lucros e crescimento dos negócios e competitividade - tudo isso é assunto discutido dentro da Corrente dos Empresários.

O valor dado ao aspecto material na IURD não é assunto pacífico quando comparado às igrejas evangélicas tradicionais. Parece algo novo dentro da religião cristã, principalmente se relacionado com a igreja católica, marcada por um discurso que tem por horizonte o desapego à riqueza e até um estímulo à pobreza, do qual São Francisco é o seu mais fiel exemplo.

Para o católico a riqueza é vista com certa desconfiança, pois ser rico pode significar espoliação e exploração do seu semelhante. Entretanto, sabe-se que isso não é um mandamento cristão. A riqueza é vista com reserva pelos motivos acima citados, mas não há nenhuma menção que a configure como pecado. Em decorrência desse posicionamento a riqueza é até tolerável no catolicismo. Vemos então que o fiel católico é um sujeito que modaliza a riqueza como um objeto *desejável*, porém até certo ponto *proibido*, já que esse valor não pode ser obtido de forma que venha espoliar o outro<sup>14</sup>. Mais do que isso, no discurso da igreja católica, há um gradiente que governa a positividade e a negatividade do valor riqueza. Sempre se concebe que, entre o grau zero e o grau máximo de riqueza, reside a maior ou menor propensão do homem à vida espiritual e à salvação da alma.

Veremos mais adiante, que os fieis de outras igrejas, modalizam o valor riqueza de maneira diversa.

Esse apego à matéria e à riqueza, na igreja evangélica, não é novidade. Se voltarmos um pouco na história do surgimento das religiões protestantes, veremos que a valorização da riqueza é algo que já perpassava a doutrina protestante. Weber na sua conhecida obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1990) nos mostra como a riqueza e o sucesso no mundo do

---

14 Trecho do Sermão da *Quinta Domingo da Quaresma* em que Padre Vieira condena a riqueza. “Entremos e vamos examinando o que virmos parte por parte. Primeiro que tudo vejo cavalos, liteiras e coches; vejo criados de diversos calibres, uns com libré, outros sem ela; vejo galas, vejo jóias, vejo baixelas; as paredes, vejo-as cobertas de ricos tapizes; das janelas vejo ao perto jardins, e ao longe quintas; enfim, vejo todo o palácio e também o oratório; mas não vejo a fé. E por que não aparece a fé nesta casa? Eu o direi ao dono dela. Se os vossos cavalos comem à custa do lavrador, e os freios que mastigam, as ferraduras que pisam e as rodas e o coche que arrastam são os pobres oficiais, que andam arrastados sem poder cobrar um real, como se há de ver a fé na vossa cavalaria? Se o que vestem os lacaios e os pajens, e os socorros do outro exército doméstico masculino e feminino depende do mercador que vos assiste, e no princípio do ano lhe pagais com esperança e no fim com desesperações, a risco de quebrar, como se há de ver a fé em vossa família? Se as galas, as jóias e as baixelas, ou no Reino ou fora dele, foram adquiridos com tanta injustiça ou crueldade”. VIEIRA, Antônio. Sermões. Porto: Lello, 1959. V. 2 T. 4, p. 203-4.

trabalho era um caminho perseguido pelos puritanos dos séculos XVI e XVII, e mais que isso, o acúmulo de riquezas significava antes de tudo, uma prática ascética.

Entretanto essa busca pela riqueza não tinha outra função senão a de prestar culto ao Senhor pelo privilégio de ter sido um dos eleitos por Deus para viver na glória divina. O acúmulo de riquezas representava então, uma das práticas ascéticas que encaminharia o crente para o reino dos céus. Tratava-se da crença da predestinação. Certas pessoas estariam predestinadas à salvação.

Se compararmos o significado que a riqueza tem hoje dentro da IURD e o significado que ela tinha no protestantismo dos séculos XVI e XVII, veremos que a distância entre as duas concepções é imensa. Primeiro, porque o protestantismo dos séculos XVI e XVII tinha no acúmulo de riquezas uma outra finalidade: tratava-se de uma prática ascética, um passaporte para a salvação do fiel. Por isso, a riqueza não era para ser desfrutada, exibida, ostentada. Ao contrário, devia-se viver comedidamente, sem usufruir dos arroubos e deleites que o dinheiro podia proporcionar, uma vez que a vida mundana era desprezada e o objetivo final era o reino dos céus. Podemos perceber em termos semióticos que o fiel puritano mantém um outro tipo de relação como o valor riqueza, isto é, ele *modaliza* a riqueza como um objeto *desejável* e mesmo *necessário*, pois por meio de sua aquisição é que ele pode realizar sua performance de entrar para o reino dos céus.

Assim, a IURD não representa pioneirismo na concepção que faz sobre a riqueza numa visão religiosa, ainda que se determine as diferenças que perpassam o protestantismo daquela época e a igreja em questão. A negação do culto à pobreza e à escassez em oposição a uma postura que busca a abundância e a riqueza enquanto permissão sem culpas numa visão religiosa, teve início no protestantismo americano.

Conhecida como Teologia da Prosperidade ou confissão positiva, esta nova concepção em relação à riqueza no âmbito religioso, teve origem nos

Estados Unidos com Essek W. Kenyon<sup>15</sup> por volta do ano de 1892. De origem metodista, Kenyon estudou no Emerson College, um centro de estudos do movimento transcendental e metafísico que deu origem à várias seitas.

Os seguidores dessa crença acreditavam que, por meio da força da mente, poderiam resolver seus problemas de natureza as mais diversas, principalmente para curar suas enfermidades. Entretanto, a Teologia da Prosperidade teve maior repercussão com o americano Kenneth Hagin que foi considerado o pai da confissão positiva. Muito místico, Hagin se autodenominava profeta e mestre - títulos que, aliás, declarava ter recebido de Deus por meio de visões.

Hagin começou como pregador batista e depois se converteu ao pentecostalismo. Sua conduta religiosa era marcada pelas declarações que fazia alegando as experiências que tivera com o sobrenatural como experiências fora do corpo além das visões com Cristo.

A *confissão positiva* baseada no livro do evangelho de Marcos<sup>16</sup> faz uma interpretação de que tudo que o crente venha a desejar poderá obter por meio da fé, desde que confesse em voz alta, não duvidando da obtenção mesmo que pareça algo impossível. Essa é a essência da *confissão positiva* que veio integrar a Teologia da Prosperidade: a assunção da modalidade de um *crer* com tal grau de intensidade e extensão que, por si mesma, tenha força suficiente para realizar a performance desejada. Não parece uma realização mediada por um destinador todo poderoso que faria, para o sujeito de estado, aquilo que ele deseja, mas uma realização que se dá pela força mesma do *sujeito modal*.

Sem dúvida, essa maneira de conceber a vida, representou um abalo nos alicerces religiosos tão bem sedimentado pela igreja católica. Ainda que o espaço que separa o domínio da igreja católica e a emergência de um novo paradigma, a mudança não deixou de se apresentar como algo espantoso.

---

<sup>15</sup> CAMPOS, L. S. *Teatro, templo e mercado*. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. p. 365

<sup>16</sup> Mc 11:23: Porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que se diz, assim será com ele.

24: Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco.

Romper padrões morais, nem sempre ocorre de maneira pacífica. Essas mudanças provocam polêmicas e discórdias, mas acaba conquistando o seu espaço no seio da vida social e no caso aqui, dentro de certas denominações religiosas.

A ênfase dada pela IURD à busca de uma vida de riquezas e abundância é muito mal vista pela igreja católica, mas, principalmente, pelas outras igrejas evangélicas. Talvez essa desaprovação ocorra por causa dos valores que a igreja católica conseguiu disseminar no período em que se colocava como a verdade do mundo. Por outro lado, as igrejas evangélicas criticam essa visão pelo fato da IURD privilegiar a vida mundana em detrimento da eternidade do reino dos céus que acredita um dia alcançar, uma vez que consideram este mundo pecaminoso e passageiro.

De certa forma essa visão dos mundos, temporal e divino, que a religião cristã possui, se aproxima muito da filosofia platônica que considera o mundo inteligível um mundo perfeito, verdadeiro e eterno enquanto que o mundo sensível era tido como enganoso e cheio de imperfeições. Se podemos comparar a religião cristã e a filosofia platônica veremos que há uma certa correlação entre as duas concepções de mundo: Se na filosofia platônica o mundo Inteligível é preferível por ser considerado verdadeiro e perfeito; na religião católica e no protestantismo tradicional, da mesma forma, o mundo do reino dos céus é entendido. Quanto aos sentidos, no mundo platônico eles são desprezados por ser considerados como reino da mentira, do engano e da imperfeição; da mesma forma são considerados pelo o homem cristão (católico e protestante tradicional) na forma de ver o mundo temporal.

Entretanto a IURD, como já foi visto antes, tem um posicionamento diferente em relação a essa visão de mundo. Para ela, a riqueza material é algo para ser perseguido pelo fiel sem sentimento de culpas. Ela, como objeto visado, é da ordem do *desejável*, do *necessário*, do *possível*. No seu entendimento, o homem nasceu para ser feliz em sua existência terrena e se a riqueza faz parte dessa felicidade, esta é necessária e deve ser buscada. O fiel da IURD tem sede de desfrutar da vida terrena, pois acredita que o homem não precisa morrer, ou seja, passar desta vida para a eterna para ser feliz. A

felicidade está aí para quem quer ir buscá-la, o reino dos céus pode esperar, cada qual a seu tempo, conforme podemos perceber na fala de Edir Macedo:

Até bem pouco tempo atrás uma fatia respeitável da igreja cristã empurrava todas as bem-aventuranças para o céu e para a eternidade. Dizia-se então que era necessário suportar pacientemente o sofrimento presente. A Teologia da Prosperidade está trazendo o celeste porvir para o terrestre presente. Para comermos a melhor comida, para vestirmos as melhores roupas, para dirigir os melhores carros, para termos o melhor de todas as coisas, para adquirir muitas riquezas, para não adoecermos nunca, para não sofrer qualquer acidente, para morrermos entre 70 e 80 anos, para experimentarmos uma morte suave, basta crer no coração e decretar em voz alta a posse de tudo isso. Basta usar o nome de Jesus com a mesma liberdade com que usamos nosso talão de cheques<sup>17</sup>.

Percebe-se que o discurso da IURD nega a realidade do mundo ao propor um tipo ideal para a existência humana. Assim, ao estabelecer situações que fogem ao controle do mundo secular como a faixa etária “ideal” para se morrer, nunca contrair doenças, nunca sofrer acidentes e além de tudo, alcançar prosperidade material, a igreja Universal inova em relação à crença do cristianismo tradicional ao inverter a ideia que se tem de paraíso, pois para o crente da IURD o paraíso é possível para todos aqui na terra mesmo, não é preciso morrer para alcançá-lo.

Esse posicionamento chama atenção porque revela um individualismo muito próprio da sociedade capitalista, pois há uma preocupação com o bem-estar individual, sem levar em conta a coletividade. E isso assusta porque revela uma face cruel da sociedade contemporânea pelo menos em termos de Brasil, pois se evidencia uma falta de consciência e de interesse em relação às questões políticas, além da postura apática frente ao sofrimento alheio. Assim, o crente iurdiano busca o seu paraíso aqui na terra sem se importar com que acontece ao seu redor, pois acredita estar “blindado” para os males do mundo.

A partir desse posicionamento que a igreja assume, podemos dizer que o fiel iurdiano é um sujeito que modaliza o valor riqueza como *desejável* e *possível*, pois ele deseja e pode possuí-la para ser feliz na vida terrena, segundo sua crença.

Os fieis católico, puritano e iurdiano se diferem entre si em relação ao objeto riqueza pela maneira como a *modalizam*. Para o católico a riqueza é

---

<sup>17</sup> Depoimento de Edir Macedo, cf. Teologia da Prosperidade. Revista *Ultimato*, São Paulo, série *Cadernos Especiais*, p. 5, mar. 1994.

*desejável*, porém *proibida* até certo ponto, pois esta pode ser fruto de exploração de seu irmão, assim o católico é um sujeito *acanhado* diante desse objeto. Para o puritano a riqueza é *desejável* e *necessária* para a salvação de sua alma; para o iurdiano ela é *desejável* e *possível*, já que para este, ser rico se configura como bênção de Deus e não como pecado, trata-se de um sujeito *ousado* que se lança em busca da riqueza sem escrúpulos.

Segundo Proença (2006, p.349) em sua tese de doutorado, essa mudança de valores no campo religioso pode ser atribuída a algumas mudanças socioeconômicas ocorridas no Brasil. Com o êxodo rural ocorrido principalmente na década de 1970, as cidades brasileiras sofreram um crescimento acelerado, o que teve por consequência um desordenamento urbano com o surgimento de grandes contingentes populacionais vivendo na marginalidade social sem emprego, sem os serviços de responsabilidade do Estado como saúde, segurança, educação, transporte, saneamento básico etc.

Com a pauperização de grandes contingentes nas cidades e o abandono por parte do Estado, o campo da religiosidade foi o refúgio encontrado por essa parcela da população que buscava e ainda busca a resolução de seus problemas na esfera do sobrenatural. Entretanto a busca por melhores condições sociais na esfera da religiosidade, segundo autor, já existia nas sociedades camponesas onde os movimentos milenaristas tinham muita força. O que ocorreu com a mudança dessa população do campo para a cidade, foi uma transferência de crença dos movimentos milenaristas própria da cultura campesina para a nova composição social que surgia.

Para que a nova concepção de mundo se estabeleça, para que ganhe a adesão e conquiste seu espaço, é necessário bem mais que se enuncie. É preciso saber como enunciar.

A partir das considerações que fizemos nos capítulos anteriores, poderemos passar ao capítulo seguinte – o das análises, com alguns subsídios que permitirão uma melhor compreensão da pesquisa. Procuraremos por meio da análise dos testemunhos, das vinhetas, das apresentações, enfim, de todos os componentes do texto, as formas de gerenciamento de relação e de emoção praticadas pela IURD.



### 3 - O GERENCIAMENTO DE RELAÇÃO E DE EMOÇÃO NO DISCURSO IURDIANO

*O discurso pode ser considerado como o espaço, o lugar frágil em que se inscreve e em que se lêem a verdade e a falsidade, a mentira e o segredo, que esses modos de verificação resultam da dupla contribuição do enunciador e do enunciatário, que suas diferentes posições fixam-se apenas sob a forma de um equilíbrio mais ou menos estável que provém de um acordo implícito entre os dois actantes da estrutura da comunicação. Designa-se esse entendimento tácito por contrato de verificação. (GREIMÁS, 1978, p. 3).*

#### 3.1- Gerenciando relação e emoção

Este capítulo está voltado para a análise do nosso *corpus* – um conjunto de diferentes gêneros textuais como entrevistas, apresentação do tipo telejornal, vinhetas e testemunhos que compõe o programa, gravado para o trabalho.

Para facilitar a leitura do trabalho, transcrevemos trechos do texto na página das análises, para evitar que o leitor tenha de ficar folheando o trabalho, entretanto o texto integral se encontra em apêndice no final do trabalho.

Trataremos neste capítulo de todos os aspectos que concorrem para o gerenciamento de relação e de emoção, o que inclui a oralidade, a linguagem visual, a forma como o programa está estruturado. Não é nosso objetivo fazer uma análise que compreenda os três níveis do PGS, mas tentar mostrar “como” o enunciador constrói seu discurso, isto é, que estratégias empregam como forma de persuasão, que tem por finalidade, trazer o telespectador para a igreja.

Os testemunhos apresentados foram narrados em um culto, na igreja, na semana anterior à que o programa foi ao ar. Assim, a edição realizada pelos seus produtores evidencia que os testemunhos foram selecionados para ir ao

ar, já que se pode notar que o programa apresenta cortes e não a sequência do culto. Enfim, como sabemos, o culto sofre uma edição para ir ao ar. Ele é recomposto ou re-arranjado para se tornar um programa de televisão. Iniciemos o assunto.

O gerenciamento de relação e de emoção é um aspecto bastante presente na constituição do discurso da IURD e parece ser o fio que conduz todas as ações da igreja quando o fiel é o alvo. A tarefa da qual se incumbem o enunciador que é *fazer crer*, passa *obrigatoriamente pelo gerenciamento de relação e de emoção*.

Começemos com uma nota de alerta. Gerenciar relação não é como se pode pensar, uma prática própria dos ardilosos, daqueles que querem tirar proveito de alguma situação em prejuízo do outro, mas exercida a todo instante por todos, à medida que se estabelece um ato de comunicação. E isso ocorre nos atos mais corriqueiros do nosso cotidiano, por exemplo, quando enviamos um e-mail para alguém, antes de comunicar o assunto desejado, fazemos saudações de maneira cordial e só aí falamos do assunto e ao finalizarmos, fechamos com despedida cordial. Por meio da linguagem, e de acordo com nossos objetivos em mente, nós construímos de nós mesmos uma representação e a harmonizamos ou a desarmonizamos em relação à imagem de um interlocutor. Assim procedemos para reatar, manter ou fechar de vez uma interlocução.

Da mesma forma, quando encontramos alguém conhecido na rua, sempre achamos uma forma gentil de falar com este alguém por meio dos mais diferentes vocativos graduados de valores afetivos perguntando se está bem, como está a família e outras formas de construção de presenças. Poderíamos estender os exemplos, mas esses são suficientes para ilustrar o quanto fazemos uso desta prática em nossos relacionamentos sociais. Gerenciamos a relação, as distâncias entre enunciador e enunciatário – tanto no sentido de estreitar laços e mantê-los quanto no sentido de afrouxar ou desfazê-los.

O gerenciamento de emoção é outro aspecto que permeia o nosso cotidiano e se define pela prática de certas atitudes em relação ao outro que concorrerão para que alcancemos nossos objetivos numa relação intersubjetiva, o que acaba por cair no terreno da manipulação.

A racionalidade, qualidade inerente ao homem por vezes pode ser colocada em segundo plano, tamanha é a dimensão passional/emocional presente na vida humana. Podemos dizer que o homem age sobre o mundo mais pela emoção do que pela razão.

Podemos enumerar diversas situações em que isso ocorre. No futebol, por exemplo, quantas pessoas brigam e chegam até às agressões físicas demonstrando assim uma irracionalidade, ou melhor, uma passionalidade. Quantas vezes decidimos por comprar alguma coisa somente porque fomos levados pelos ímpetos emocionais e não por uma necessidade. No caso das notícias veiculadas pela mídia, muitas vezes condenamos uma pessoa somente porque somos levados pela raiva, pelo desejo de se fazer justiça antes que esta pessoa tenha o direito de se defender e de conseguir provas de sua possível inocência.

Diante disso, o que vemos é que a passionalidade mostra-se um terreno fértil a ser explorado em todas as esferas da vida social. Para que exploração da emoção seja mais produtiva, se assim podemos dizer, exige-se um gerenciamento, ou seja, um conjunto de práticas, gestos e graduações com vistas a alcançar melhores resultados, em termos de significar uma cena interlocutiva, como em um teatro.

Gerenciar emoção talvez seja um dos campos mais explorados por diversos setores da sociedade como na publicidade, no jornalismo, nos discursos políticos, nos discursos religiosos e até mesmo na intimidade da vida doméstica, quando, por exemplo, o filho faz chantagem emocional para conseguir algo da mãe. É importante que se diga que gerenciar emoção não diz respeito apenas a aproximar o enunciatário de nós, enquanto presença construída, ou daquilo que queremos, mas, também, de afastá-lo.

A IURD apresenta um discurso que mostra a todo o momento, o gerenciamento de emoção. Isso se dá pela forma como o programa é apresentado: a exibição de imagens que mostram tanto emoções eufóricas por meio da apresentação de imagens de uma vida almejada pelo enunciatário como a riqueza figurativizada nos carros de luxo, nas mansões, nas lojas de grifes famosas e caras como também emoções disfóricas mostrando pessoas desesperadas, em estado de mendicância, de pobreza extrema, drogadas –

seguidas de emoções eufóricas, indicando, assim, o poder da IURD e a submissão crédula do fiel.

Por se tratar de um texto sincrético, o programa de tv manifesta a linguagem visual e a verbal. No aspecto verbal, além dos testemunhos, do texto dito em forma de apresentação de telejornalismo, das vinhetas, temos também o cântico que, da mesma forma, almeja tocar a emoção do seu enunciatário. A semiótica prevê que, para que haja manipulação, é necessário que enunciador e enunciatário partilhem do mesmo sistema de valores. Isso é fundamental para que possamos entender o discurso da IURD.

ABREU (2001, p. 10), em *A arte de argumentar*, mostra que o êxito pessoal ou profissional chega mais fácil quando conseguimos gerenciar emoção e relação. Isso porque somos seres de linguagem, o que de certa forma implica, uma atitude que venha tornar as relações entre enunciador e enunciatário moldáveis a partir de “técnicas” que, utilizadas de maneira calculada pelo enunciador, pode surtir os efeitos desejados. A IURD faz uso desse gerenciamento de maneira eficiente. Vejamos por que.

O programa analisado mostra, em primeiro lugar, uma igreja que não admite fracassos. Todo aquele que se propõe a fazer parte da igreja, participando ativamente de seus rituais, inevitavelmente, terá seu pedido atendido. Tanto é que, os testemunhos exibidos no programa são todos testemunhos de vitória, de sucesso. Em nenhum momento são mostrados depoimentos de pessoas que não obtiveram a graça desejada, isso colocaria a IURD em descrédito diante de seu enunciatário.

Para passar credibilidade do que afirma, a IURD precisa mostrar-se digna de crédito, por isso a imponência de seus templos, a elegância das vestimentas de seus pastores, dos apresentadores do programa, entre outros aspectos.

No programa, quando o pastor pergunta ao fiel o que aconteceu com ele, e o fiel testemunha que estava passando por alguma forma de dificuldade e depois de ter participado da corrente, conseguiu resolver seu problema, há nessa forma de estabelecer o diálogo, o gerenciamento de emoção.

Ao editar um programa, fazendo ir ao ar somente testemunhos de vitória por parte dos fieis, a IURD, manipula a emoção de seu enunciatário,

instaurando um sujeito que modaliza a solução de seu problema, seja ele qual for, como um objeto *desejável e possível*.

Os testemunhos exibidos no programa, por outro lado, não são acontecimentos corriqueiros, são testemunhos de um teor assombroso, pela forma como se apresentam, pelo caráter milagroso de uma graça concedida por Deus. O caráter milagroso e assombroso funciona de certa forma, como uma maneira de manipular a emoção das pessoas, uma vez que *o fazer - criar* assim empreendido pelo enunciador faz nascer no seu enunciatário a crença de que está participando de uma experiência só possível por meio da conversão à igreja e dos compromissos que estabelece com Deus.

Quando o enunciatário crê estar vivendo uma experiência como o sobrenatural, com o divino, sente-se como alguém quase que inatingível, no sentido de que, ao lado de Deus, tudo pode, já que se apresenta como alguém que se encontra sob as bênçãos de um poder transcendental.

Para iniciar a análise, traremos algumas considerações acerca do temas e figuras presentes no discurso da IURD. Entretanto, a incursão que faremos visa trazer apenas uma reflexão sobre como a semiótica trata das “coisas do mundo exterior”, o que em um primeiro momento pode parecer paradoxal, já que a teoria trabalha com textos. Como já dissemos anteriormente, a semiótica concebe todo e qualquer objeto do mundo como um texto a ser lido, entendido como um todo de sentido. Isso significa que todo e qualquer objeto como uma casa, uma rua, um carro, uma montanha, uma janela, uma sala etc, pode ser o objeto de pesquisa da teoria, desde que tomados como textos. Mas o que queremos demonstrar a seguir, vai em outra direção e concerne ao exame do discurso a partir dos conceitos semióticos de *temas e figuras*.

### **3.2 -Tematização e figurativização**

Como vimos no primeiro capítulo, as figuras assim como os temas são responsáveis pela semântica discursiva do texto. Dessa forma, um texto pode ser considerado temático ou figurativo dependendo de como é constituído, ou seja, a partir do que predomina nele. Os temas são os conteúdos presentes no texto de forma mais abstrata, enquanto que as figuras são os revestimentos

semântico-sensoriais dos temas. A análise tem como objetivo demonstrar como os *temas* e *figuras* que compõem o discurso podem indicar as determinações sócio-históricas e revelar visões de mundo.

Sobre esse aspecto, Fiorin (1988b, p. 1-19) nos ensina que “o campo das determinações inconscientes é a semântica discursiva, pois o conjunto de elementos semânticos habitualmente usados nos discursos de uma dada época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social”. Assim, os discursos são determinados sócio-historicamente e constituem visões de mundo das diferentes classes sociais que compõem a sociedade, por isso, são ideológicos, por isso vivem em luta, em disputa de uns contra os outros.

O conceito de ideologia de Marx se funda no materialismo histórico, o que quer dizer que os valores ou a superestrutura têm origem a partir da forma como o homem organiza a sua existência material. O fator econômico e material seria fator determinante na forma de o homem conceber o mundo. Dessa forma, a ideologia para Marx, surge com o predomínio da visão de mundo das classes dominantes economicamente, pois são repassadas para as demais classes como uma verdade absoluta, o que mascara a realidade, por isso ele fala de uma *falsa consciência*, já que a realidade de cada classe é muito diferente, o que permite pensar que os valores de uma não podem ser os mesmos de outra. Nesses termos Fiorin (1988b, p. 29) entende a ideologia como “[...] o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social”.

É verdade que esse conceito de ideologia nas ciências sociais se vê um tanto modificado, uma vez que a sociedade capitalista se transformou deixando a fase industrial para trás, se complexificando e trazendo uma nova realidade que não mais a divisão entre os operários e os donos dos meios de produção apenas, ou seja, em classes sociais.

Sobre esse aspecto, Tarasti (2004, p. 35) afirma que quando os valores postos em circulação na sociedade são adotados por indivíduo ou grupo como seus, ganham o estatuto de axiologia(s), que podem ser consideradas como uma coleção de valores. Por outro lado, a tentativa de legitimação desses valores a outro indivíduo ou grupo transforma-se em ideologias. Essa concepção de ideologia que exclui a sua origem a partir da divisão da

sociedade em classes pode ser compreendida na citação de Nilton Hernandes em sua tese de doutorado:

É flagrante, neste começo do milênio, o esvaziamento da luta política a partir de conflitos de classe. Percebe-se a fragmentação das disputas sociais e o surgimento de demandas corporativas (dos negros, dos sem-terra, dos gays, do setor exportador, dos bancários). Há uma produção cada vez maior e mais fragmentada de “versões” da realidade a partir de finalidades estratégicas, geralmente, de curto prazo, sem um horizonte de transformação social fora de limites estreitos (2005, p.35).

Vemos nessa citação, que houve uma transformação da sociedade que se complexificou segmentando-se em diversos grupos corporativos que buscam diferentes objetivos porque vivem realidades diferentes que não estão obrigatoriamente ligadas à questão da divisão da sociedade em classes sociais. Nesse sentido, é interessante perceber, que há uma forma diferente de se considerar o modo como o homem (grupos sociais) concebe o mundo, pois mostra que, a visão de mundo surge a partir das práticas culturais e não dos fatores ligados à base econômica (conceito marxiano).

Trouxemos para a análise, as duas definições de ideologia, porque entendemos que o texto analisado requer as duas definições, pois podemos localizar no discurso tanto os temas e figuras que remetem à visão de mundo de uma sociedade dividida em classes, quanto os temas e figuras que surgem como axiologias a partir de uma justificação de valores de um grupo religioso, que não estão ligados diretamente às diferenças de visões de mundo em decorrência da divisão da sociedade em classes sociais. Sendo assim, adotamos as duas definições de ideologia: 1) O conceito semiótico de ideologia que se define como uma justificação de valores ou pela coleção de axiologias de um indivíduo ou grupo, que não está necessariamente ligado à divisão das classes sociais. 2) O conceito clássico que concebe a ideologia como a definição acima dada por Fiorin, ou seja, que tem como base a questão da divisão da sociedade em classes.

Voltando à análise, percebemos como a semiótica sendo uma teoria fundada no imanentismo do texto, pode falar do mundo histórico, do mundo real sem “trair” seu postulado imanentista e como as determinações ideológicas do discurso, podem ser apreendidas a partir da semântica discursiva pelos conceitos semióticos de *temas* e *figuras*.

Acusada de a-histórica e de reducionista por ficar presa ao texto e desconsiderar o que lhe é exterior, a semiótica mostra que possui ferramentas que permite o “acesso” ao mundo real sem no entanto, sair do texto. Barros (2009, p. 2-5) em seu artigo intitulado *Uma reflexão semiótica sobre a “exterioridade” discursiva*, nos aponta o caminho pelo qual se pode caminhar para o mundo exterior, entretanto nos alerta para o fato de o termo *exterioridade* não pertencer à metalinguagem semiótica<sup>1</sup>, mas que pode ser contemplado pela semiótica com outros nomes e por meio de outra perspectiva.

Sabemos que a semântica de um texto se constrói por meio da organização linguístico-discursiva e por meio das relações com a sociedade e história. Nesse sentido, veremos como a semântica do discurso iurdiano é construída a partir dos *temas* e *figuras* e quais relações estabelece com a sociedade e a história. Vejamos alguns trechos<sup>2</sup>:

T1- Então, eu sou formado em magistério, sou professora, em 98 me bacharelei em direito e daí para frente eu e minha família *começamos a perder tudo*. Tudo! Nós rodamos tudo, sabe? *Perdemos casa...* nós estávamos em Pindagoiambada. *Perdemos casas, automóveis, perdemos tudo!*

T2- Eu estou *contratada* por uma *multinacional chinesa!* Olha aqui! (e mostra mais uma vez o contrato de trabalho para o pastor e para o auditório).

Eu estava aqui na reunião dos 318 há praticamente um mês. Eu *trabalhava* num local e... agora deixei de ser *empregado*. Sempre a minha vida foi assim... empregado normalmente. E agora a partir de um mês eu deixei de ser e nunca mais quero ser empregado na minha vida... porque Deus tem aberto as portas de tal maneira que todos os meus bens se quadruplicaram né, Deus tem abençoado e tem aberto até outras possibilidade e muito mais coisas vão acontecer! Muito mais! Muitas coisas vão acontecer! E eu só tenho que glorificar a Deus, como já disseram este lugar é abençoadíssimo né. Deus tem aberto as portas...

T5- É... de 4 meses para cá, eu abri *minha empresa*, minha representação e vamos se dizer assim ... limpei meu nome... eu não dava muita importância para isso, infelizmente.

*Comprei* meu *carro* importado semana passada e tô arrebitando!

T6 - Assim... eu comprei uma loja e ela estava praticamente *falindo*. Tava sem *mercadoria*, os clientes não queriam mais aparecer lá... o

<sup>1</sup> O termo faz parte da AD – Análise do Discurso. A partir do conceito de formação discursiva, a *exterioridade constitutiva*, é tudo aquilo que uma dada formação discursiva nega, ou seja, é uma formação discursiva (interdiscurso) contrária àquela, mas que paradoxalmente, ao ser negada é incluída pela mesma.

<sup>2</sup> A letra T seguida de numeração será empregada para designar e localizar os testemunhos do programa transcritos que estão em apêndice no final do trabalho. A fala da apresentadora e dos pastores será seguida também de numeração para localização.

antigo dono já não tava mais investindo nela, abandonou ela completamente. Aí *eu comprei essa loja...* meio desanimada no começo mas assim ...

Tem dois meses que eu comecei fazer a corrente né? E eu percebi que Deus já está transformando. A clientela tá voltando, eu reformei a loja...

Ela tá cheia de *mercadoria*, e os *clientes* ó... as *vendas* estão dobrando e até multiplicando muito mais!

T14- Hoje... Bom, sou formada, fiz pós-graduação na área que eu gosto, fui *promovida* no meu trabalho... e minha mãe na época, né ... eu morava com ela de *aluguel*. Hoje ela tem o apartamento dela. Eu conquistei o meu *apartamento* que está *quitado, reformado...* do jeitinho que eu quero . Tenho um belo carro tá, o carro que eu queria, era o *carro* que estava nos meus sonhos! E hoje tenho prosperado. Fui promovida, gosto do que eu faço entendeu? Eu... eu "tô" na função que realmente eu adoro e... tenho muito tempo de *empresa*. Então Deus tem me protegido muito. Aconteça o que acontecer lá entendeu? Época de cortes... tudo, graças a Deus, Deus tem me mantido.

T15-Era isso mesmo, eu *vivia no controle*. Trabalhava para outras pessoas e o *salário* que nós recebíamos tinha que... assim por exemplo, queria comer algo não podia, não viajava, gastava muito com remédio, então era assim mais para comprar remédio do que para comer. Então era muito difícil, foi muito difícil. E... através disso vinha brigas, discussões com meu esposo, porque eu queria comprar, dar algo para o meu filho, ele não podia comer ... eu queria comprar roupas e só olhava nas vitrines e não podia ter aquelas peças de roupa. Vivia até... só ganhando das outras pessoas, isso era muito triste. Até que um dia eu recebi um convite para fazer essa corrente empresarial na Igreja Universal do Reino de Deus e aí tudo começou a mudar. Comecei a fazer as correntes, perseverar... que não foi no início , não foi de uma hora para outra é ... com as correntes, com o tempo, nós fomos adquirindo nosso próprio negócio, inclusive dois ... dois ... por exemplo, ele tem o comércio e mais *caminhões* né, que ele adquiriu ...

Neste momento, adotamos a definição 2 de ideologia. Podemos perceber nesses excertos o tema da falência econômica e da pobreza e o tema da ascensão social, pois trata-se de testemunhos de pessoas que estão lá na igreja, narrando duas situações: de alguém que vivia em estado de miséria, de escassez e que depois de participar da igreja, conseguiu mudar seu estado, adquirindo bens materiais, emprego, promoção no trabalho, e por outro lado, temos uma classe média que perdeu seu padrão de vida e que depois de participar das correntes, conseguiu reverter a situação e reconquistar tudo aquilo que havia perdido.

Por outro lado, podemos perceber outro tema, o da sociedade capitalista que se funda na relação patrão/empregados, na propriedade privada, no comércio, na circulação da mercadoria.

Percebe-se que as determinações sócio-históricas ocorrem de maneira inconsciente, pois revela a visão de mundo de uma classe social que é determinada pelo “lugar” que ocupa na sociedade. Por isso, quem fala “vivia no controle”, “agora deixei de ser empregado”, “comprei meu apartamento quitado”, nos mostra que se trata de alguém pertencente às classes baixas, que não tinha acesso a esses tipos de bens. Por outro lado, quando alguém fala “perdemos casa”, “perdemos automóveis”, “rodamos tudo”, “a clientela tá voltando” nos mostra que se trata de pessoas pertencentes ou que um dia pertenceu à classe média.

Por outro lado, vimos no capítulo anterior, que a IURD tem como princípio norteador de sua doutrina, a Teologia da Prosperidade. Tendo em vista que o conceito de ideologia não diz respeito apenas às classes sociais, mas aos diversos grupos sociais que surgiram com a complexificação da sociedade capitalista, podemos dizer que a Teologia da Prosperidade é a ideologia de um grupo religioso que justifica seus valores a partir do entendimento que possuem do mundo. Por isso, o conceito utilizado agora é o de n. 1.

Nos excertos em destaque, podemos perceber com muita clareza, a presença desse tema na constituição do discurso. Vimos nos testemunhos que o fiel iurdiano não aceita a situação de pobreza e miséria, e busca por meio das correntes alcançar uma vida financeira abastada. A vida que o fiel iurdiano busca e na qual acredita deve ser, segundo a igreja, uma vida de opulência, de abundância, de fartura, pois Deus criou o homem para viver com abundância e não na situação de pobreza e escassez. Dessa forma, o fiel acredita que aquele que passa a seguir a igreja e participar das correntes só pode esperar de Deus a transformação de sua vida financeira, deixando para trás, toda a história de miséria.

O revestimento figurativo que recobre o tema do empobrecimento e falência está em *começamos a perder tudo, perdemos casa, eu morava com ela de aluguel, tava sem mercadoria, vivia no controle.*

As figuras que revestem o tema da ascensão social são: “*estou contratada*”, “*multinacional chinesa*”, “*deixei de ser empregado*”, “*carro importado*”, “*eu abri minha empresa*”, “*apartamento quitado*”, “*promoção no*

*emprego*". O tema do capitalismo é recoberto pelas figuras *salário, empregado, empresa, multinacional*.

O tema da Teologia da Prosperidade se reveste das figuras: "*corrente empresarial*", "*prosperado*", "*Deus já está transformando*", "*Deus tem aberto as portas*".

Vimos por meio desta análise, que é possível tratar das coisas exteriores ao texto, sem sair do texto. Percebemos que os discursos são determinados sócio-historicamente e ideologicamente de maneira inconsciente<sup>3</sup> e que essas características são reveladas pelos percursos temáticos e figurativos que encerram.

No próximo tópico faremos uma análise demonstrando as diversas estratégias de gerenciamento de relação e de emoção presentes no discurso iurdiano. Assim, diversos aspectos do gerenciamento serão contemplados, a oralidade, o texto visual (as próprias imagens do programa e as vinhetas), enfim, todos os elementos que compõem o discurso.

### **3. 3 – Vida e morte: as categorias de base do discurso iurdiano**

O discurso iurdiano tem *vida vs morte* como categoria semântica fundamental do plano de conteúdo. Estão ligados aos valores de vida as graças que o fiel busca na igreja: saúde, dinheiro, ascensão social, harmonia conjugal entre outros. Os valores de morte são a pobreza, o desemprego, a doença, a diminuição da clientela, a falência, a crise no casamento, os vícios etc.

Na primeira sequência dos testemunhos, o tema que realiza a categoria vida é o tema da vitória pela conquista de bens materiais e ascensão social – tema esse representado por um sujeito que passou de um estado disfórico de falta de um objeto-valor para o estado eufórico de posse dele. Percebe-se que em todos os testemunhos esse tipo de vitória rápida e de teor mágico constitui a parte central dos relatos. Vejamos alguns:

T1 – *Contrato*.

*Eu estou contratada por uma multinacional chinesa! Olha aqui!*

---

<sup>3</sup> As determinações inconscientes só ocorrem no conceito de ideologia n. 2, ou seja, naquela fundada no materealismo histórico.

T2-Eu trabalhava num local e... *agora deixei de ser empregado...* E agora a partir de um mês eu deixei de ser e nunca mais quero ser empregado na minha vida... porque Deus tem aberto as portas de tal maneira que *todos os meus bens se quadruplicaram* né, Deus tem abençoado e tem aberto até outras possibilidades e muito mais coisas vão acontecer!

T2-Um mês que eu estou aqui. Na terça-feira de manhã recebi um telefonema... uma coisa me dizia que alguma coisa ia acontecer... dizia que eu ia receber algum dinheiro, alguma coisa que eu nem esperava. *Na terça-feira recebi um telefonema me avisando que eu tinha uma indenização, foi um milagre maravilhoso! Então eu só tenho a agradecer!*

T7- As minhas vendas bispo... elas vinham muito fracas e eu fiz um voto com Deus e hoje eu fui recompensado. E as *minhas vendas triplicaram.*

Na segunda sequência dos testemunhos, o tema que realiza a categoria vida é o milagre da cura que ocorre na vida do fiel, já que não se trata da resolução de um problema que poderia ser resolvido por outros meios, mas de uma graça de valor muito maior, pois se trata de cura de enfermidades que nem mesmo a medicina havia conseguido solucionar.

Os testemunhos revelam que os fieis muitas vezes se encontravam sem expectativa de cura ou melhoria e que viu na IURD, a possibilidade de reverter a sua situação. Assim, a cura de enfermidades para o fiel representa um verdadeiro milagre. Vejamos:

T 13- Bem *eu tinha uma lesão na coluna ... esmagou a minha medula.* Eu fiquei *paralítico* da cintura para baixo. *Não mexia as pernas,* não movimentava... eu fiquei travado na cadeira e graças a Deus hoje eu ...  
O pastor se dirige ao marido e pergunta: tá curado?  
Graças a Deus! (esposa responde positivamente por ele).

T12 - A senhora estava há quanto tempo na cadeira de roda?  
Sete meses!  
Sete meses ela não fazia isso! (palmas do auditório). Sete meses! Olha aí! (e o pastor olha para uma câmera e continua) você que está numa cadeira de roda, não consegue andar, você que está com dificuldades nas suas pernas, desenganado pela medicina! *Esta senhora aqui também estava e ela está andando! Olha aí!*

Percebe-se nesses excertos, que os fieis veem a IURD como o sujeito responsável pela realização de verdadeiros milagres. Aquilo que parecia impossível na medicina, na IURD é possível. Assim, o enunciador mostra ao telespectador a face milagreira da igreja, pois alguém que estava “desenganado” pela medicina há sete meses sem andar conseguiu a cura; alguém que estava paralítico da cintura para baixo também voltou a andar.

Esses testemunhos de teor assombroso, mostram que para a igreja não há nada que seja impossível. Para isso, é encenado no culto, no momento do testemunho, um espetáculo teatral onde a fiel é obrigada a sair andando no altar da igreja, conduzida pelo pastor - porque ainda demonstra um pouco de dificuldade para realizar tal tarefa - para que fique comprovado que aquilo que ela (fiel) relata é verdade.

Desse modo a IURD mostra para o fiel do culto e para o telespectador, o seu *poder fazer* - realizar milagres para salvar vidas e devolver a saúde e a alegria de viver àquele que a procura. Percebe-se aqui que a saúde é o tema que se relaciona com o termo vida da categoria fundamental que rege o discurso iurdiano *vida vs morte*.

### **3.4 - A enunciação e os simulacros**

Para que um discurso possa ser compreendido é preciso que se examinem os papéis temáticos que orientam e determinam a sua significação. A questão dos papéis temáticos é importante porque permite ler semanticamente um discurso qualquer. Assim, as pessoas na cotidianidade da vida, se assemelham às personagens de uma peça de teatro, já que desempenham papéis sociais que a vida social engendra. Dessa forma, um homem comum pode desempenhar o papel de marido e de pai no seu lar, de funcionário na empresa onde trabalha, de aluno na faculdade, de eleitor quando escolhe os seus candidatos etc. O mundo se apresenta como um grande palco onde o homem assume um papel para cada ocasião em que é chamado a atuar.

O programa – nosso objeto - pode ser lido numa dupla orientação de sentido: primeiro como um discurso religioso em que interagem dois papéis temáticos que realizam o tema da religiosidade e os papéis temáticos de pastor e de fiel, o segundo, realiza o tema de programa televisivo em que aparecem os papéis temáticos de apresentador e de telespectador. O programa tem início com o testemunho de um fiel que narra seu caso diante da platéia da igreja e do pastor. Para mostrar a seu enunciatário o poder da IURD, o enunciador instaura uma mini-narrativa na qual o telespectador assiste à cena. Nessa parte do programa, percebe-se os que testemunhos são arquétipos se assim

podemos dizer de uma narrativa completa, pois apresenta todas as fases do programas narrativo. Vejamos as fases da vida do fiel que são narradas.

O ponto de partida é sempre um enunciado de estado juntivo disjuntivo: um sujeito (fiel) disjunto dos objetos-valor, em absoluto estado de falta, e vivendo *paixões tristes*.

T1- Perdemos casa... Perdemos casas, automóveis, perdemos tudo!

T6- Assim... eu comprei uma loja e ela estava praticamente falindo. Tava sem mercadoria, os clientes não queriam mais aparecer lá... o antigo dono já não tava mais investindo nela, abandonou ela completamente. Aí eu comprei essa loja... meio desanimada no começo mas assim ...

T 14 - Bom... exatamente eu vim para a igreja por problemas assim ... de saúde, mas por ter problema na vida financeira né? Eu não era satisfeita com meu local de trabalho, eu era muito humilhada e não gostava do que fazia e fora que eu estava doente... então ... eu tinha muitos gastos com remédios, estava endividada, morava de aluguel, tinha um carro que mais parava do que andava, era um carro bem velhinho e ... era complicado.

Segue-se a narração, geralmente breve, da aquisição da competência, o *poder* mudar seu estado disfórico:

T2- Comecei a participar do congresso...

T4 - Bom pastor, eu estou aqui há dois meses e meio. Comecei a fazer a corrente dos 318<sup>4</sup> e o que aconteceu?

T6- Tem dois meses que eu comecei fazer a corrente né? E eu percebi que Deus já está transformando.

T 7 Eu tava assim ... até pensando em desistir. Quando fiz um voto com Deus... Vi a diferença...

T 11-... na segunda-feira na hora que o senhor fez a oração para tocar o telefone...

Segue-se a narração mais extensa da performance, a transformação, quando o fiel passa do estado juntivo disjuntivo para o estado conjuntivo: o sujeito (fiel) conquista os objetos-valor: emprego bom, aumento da clientela, vendas a pleno vapor, dinheiro, bens imóveis.

---

<sup>4</sup> Nome de uma das correntes que a igreja realiza. O termo *Nação dos 318 pastores* é inspirado na passagem bíblica do Velho Testamento que narra quando Ló foi feito cativo juntamente com seus bens na cidade de Sodoma. Ao saber do ocorrido, seu tio Abrão reúne 318 homens dos mais bravos, os quais conseguem libertar Ló, seus bens, as mulheres e todo o povo que se encontrava no cativeiro. (Gêneses 14:12-17).

T1 - Eu estou contratada por uma multinacional chinesa! Olha aqui!

T4 - Na segunda semana, Deus já mandou os clientes e agora já fechei grandes contratos!

T6 - A clientela tá voltando, eu reformei a loja... Ela tá cheia de mercadoria, e os clientes ó... as vendas estão dobrando e até multiplicando muito mais!

T 11 - Eles liberaram o nosso dinheiro. Na terça-feira mesmo já foi depositado na nossa conta...

T 16- Sim. Tenho o meu apartamento num local nobre, tenho o meu carro e tenho o meu comércio que é abençoado com bastante funcionários também e hoje já com plano maior.

Por fim, a narração da sanção: O fiel sanciona positiva e publicamente a IURD como destinador, pois as graças que igreja promete, realmente acontecem desde que o fiel cumpra com sua parte:

T14 - Pastor: Valeu à pena?

Fiel: Muito, muito.

T16 - Pastor Rodrigues: Então vale a pena fazer essa corrente?

- Sem a menor dúvida!

A partir desses trechos, percebe-se que as histórias de vida do fiel iurdiano apresentam sempre a mesma estrutura narrativa, que começa com um sujeito vivendo uma situação disfórica e termina vivendo outra plenamente eufórica. O programa exhibe somente os testemunhos com *happy end*, isto é, eufóricos, já que este aspecto representa o ponto alto do discurso da igreja: o fiel deve ter certeza de que a IURD é o lugar onde ele terá a solução para seus problemas. Percebe-se também que a igreja é sancionada positivamente não só pelos fieis, mas pelos próprios pastores que depois de ouvir os testemunhos e a sanção dos fieis, ele também a sanciona positivamente como podemos ver no trecho a seguir:

T15-Com certeza! Contra fatos não há argumentos! Dona Marisa chegou até nós com a vida completamente medida né, e hoje ela tem uma vida regalada e completa! Seja você amigo, amiga a dar o próximo testemunho conosco! (Pastor Rodrigues).

Nessa fala ou encenação, o pastor empenha-se em afirmar que não é ele quem diz que a IURD é poderosa, mas os próprios fieis que narram as histórias de conquistas, e mostra ainda, que não se trata de palavras apenas, mas de fatos concretos. Para isso, recorre ao adágio *contra fatos não há argumentos* – estratégia que nada mais é do que o uso de uma máxima, pela qual vivemos ou pautamos nossa fé, e que consiste em inferir causas pelos efeitos ou efeitos por causas.

Voltemos um pouco para algumas questões que concernem à enunciação: A enunciação se efetiva fundamentada num *eu* que se dirige a um *tu*. Sendo assim, a enunciação não se efetiva somente a partir daquele que fala, mas inclui também, aquele a quem se fala. Portanto, ao se produzir um discurso, esse discurso deve incluir também o enunciatário – o que permite falar em co-enunciador e co-enunciatário, na medida em que ambos enunciam “com” o outro em mente.

Para que um discurso possa ser constituído é necessário que entre em cena os simulacros. Se a enunciação é constituída por um *eu* que se dirige a um *tu*, um discurso possui, portanto dois sujeitos da enunciação: o enunciador e o enunciatário. Trata-se de saber primeiro, para *quem* dizer e só em um segundo momento, definir o *que* e, sobretudo, o *como* dizer, situação que exige um conhecimento prévio de seu destinatário na construção do discurso.

Imaginemos uma situação hipotética: uma aluna estudante principiante na área de semiótica. Ela precisa apresentar um trabalho sobre a teoria para dois públicos distintos em horários diferentes: o público do período matutino é formado somente por professores com mestrado e doutorado na área. O público do vespertino são seus colegas de graduação, portanto, principiantes também. Agora imaginemos: com qual público a aluna terá maior preocupação em apresentar o trabalho de maneira mais exaustiva, completa e sem muita preocupação com a tradução terminológica da área? É óbvio que será com o público formado por professores especialistas na área. E isso ocorre porque a aluna possui o simulacro de seus dois públicos: o dos professores como aqueles que dominam a teoria e por isso o trabalho precisa ser mais exaustivo e sem repetidas traduções da terminologia que já dominam o assunto e o dos

alunos graduandos como aqueles que possuem um conhecimento menor sobre a teoria.

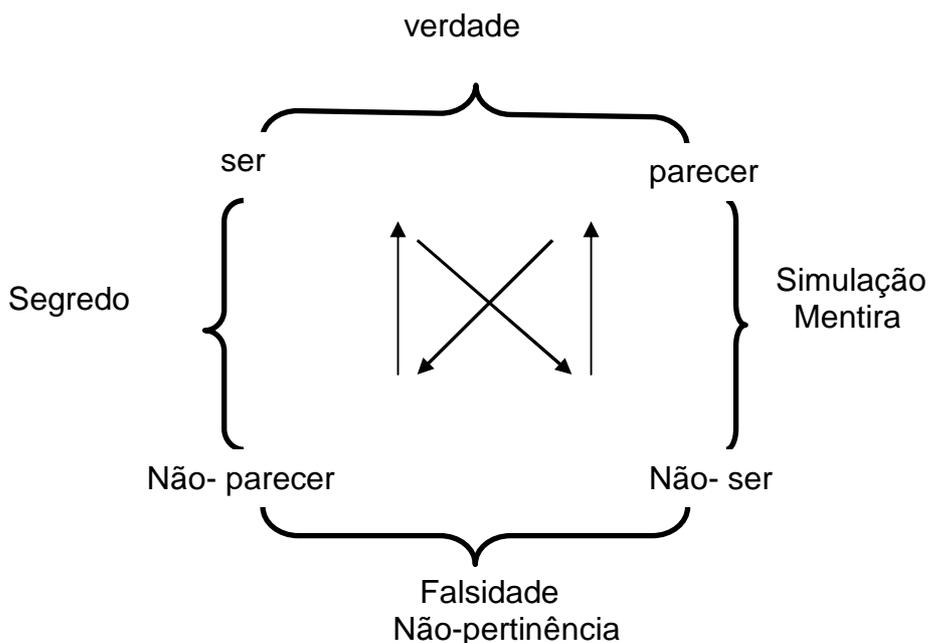
Da mesma maneira, um discurso construído por um cientista sobre novas descobertas para a cura de uma doença não será o mesmo se seu destinatário for constituído por especialistas da área ou se, por pessoas leigas ao assunto, mães e donas de casa, por exemplo.

Para a semiótica, o simulacro se define como objetos imaginários projetados por um sujeito sobre outro, determinando de maneira eficiente as relações intersubjetivas. São imagens que um sujeito projeta sobre o outro que o caracteriza, por exemplo, como uma pessoa honesta, sincera, falsa, competente etc, porém, como o próprio nome diz, são simulacros, e não dizem respeito ao *ser* do sujeito.

Sendo assim, o simulacro se constitui a partir das modalidades veridictórias da estrutura modal *ser* vs *parecer* o que permite considerar um enunciado como verdadeiro, falso, mentiroso etc. A veridicção ou dizer verdadeiro substitui a verdade como valor ontológico, como valor que existe de maneira objetiva no mundo, mostrando que esse valor só existe como efeitos de sentido, portanto de interpretação do sujeito:

A veridicção instala um hiato relacional na produção e interpretação dos valores de verdade, hiato entre o que parece e o que se supõe ser, na cena intersubjetiva. Vinculando a questão da verdade à do discurso, que é sua mediação obrigatória, a veridicção põe sempre em jogo, por conseguinte, um roteiro de apresentação: faz dos valores um jogo de linguagem. (BERTRAND 2003, p. 240).

Sobre esse aspecto, Fiorin (2008a, p.117) nos alerta para a modalização que se faz de algum enunciado, pois “essa modalização não diz respeito a nenhuma relação referencial, mas a algo criado pelo texto. *Ser*, é o estatuto veridictório exposto pela própria narrativa, ou em outros termos, pelo próprio narrador. *Parecer*, é o estatuto veridictório atribuído a um estado por uma personagem”. Vejamos o gráfico abaixo que ilustra como as modalidades são constituídas:



A semiótica não se preocupa se um discurso é verdadeiro ou não. Sua preocupação está nos efeitos de sentido que o texto deixa apreender. A partir das combinações dos valores de *ser* e *parecer* e suas negações, surgem os termos de segunda geração. Assim, algo será modalizado como verdadeiro quando houver coincidência entre o *ser* e o *parecer*, mentiroso na coincidência entre *parecer* e *não-ser*, secreto na coincidência entre o *não-parecer* e do *ser*, e falso na coincidência entre do *não-parecer* e *não-ser*.

Voltemos ao nosso objeto, o discurso da IURD. Notamos que os simulacros permeiam todo o discurso. É por meio dos simulacros que os pastores encontram elementos para construir seus discursos. Assim, o pastor deve encenar um simulacro que venha ao encontro do desejo do telespectador: um homem escolhido por Deus para guiar os fieis e orientá-los a encontrar o caminho para alcançar uma vida abençoada, plena, aqui na terra. Essa imagem de homem digno, abençoado em momento algum é colocada em dúvida pelo enunciatário, pois entram em cena as modalidades veridictórias: o fiel modaliza o pastor como verdadeiro, pois o *ser* coincide com o *parecer*, o pastor *parece* e é verdadeiro.

Assim, o pastor enquanto enunciador é aquilo que o fiel enquanto enunciatário acredita que ele seja pelo simulacro que projeta dos pastores da

igreja. Não se trata, porém de um valor referencial, mas de *parecer* ser assim, ou seja, o simulacro é uma conotação. Greimás (1983, p. 117) diz que toda comunicação repousa na circulação de simulacros.

Por outro lado, o pastor da mesma forma, projeta um simulacro de seu enunciatário como alguém que esteja em estado de falta, alguém que seja cristão ou que possa vir a ser, alguém que esteja à procura de alívio para seus infortúnios.

Assim, os simulacros são construídos pelos próprios sujeitos da comunicação com base na visão e conhecimento de mundo que possuem, corroborada, por exemplo, pelo enredo dos testemunhos, com força imbatível de exemplo que atesta a verdade pela junção do *perecer* e do *ser*.

Dessa forma, o pastor, ao elaborar seu discurso, certamente não tem a liberdade para dizer o que pensa, pois sofre a coerção do seu enunciatário. Ele só poderá dizer aquilo que seu enunciatário o autoriza dizer, pelo simulacro que projeta de seu enunciatário. Assim, ele enquanto enunciador, não poderá dizer, por exemplo, que Deus é cruel, injusto, vaidoso, pelo simulacro que possui de seu enunciatário como sendo um sujeito que tem em Deus o mais alto apreço e respeito e que não aprovaria tais considerações.

Essas considerações concernem à enunciação, à construção do discurso. Enunciador e enunciatário são, portanto, o autor e o leitor do texto, como presenças construídas no texto – e não como entidades de carne e osso. Não se trata do autor e do leitor do mundo real, mas de uma imagem, de um simulacro do autor e do leitor construídas no texto, são o autor e o leitor implícitos ou, no caso em questão, os simulacros de uma comunicação entre pastor e fiel do discurso iurdiano.

A enunciação no discurso iurdiano obedece a uma hierarquia e está organizada da seguinte forma: em primeiro lugar está Deus<sup>5</sup>, o arqui-enunciador, sujeito transcendental, onipotente, ao qual todos estão subordinados; em seguida, está a IURD enquanto instituição e, por último, está

---

<sup>5</sup> Para as religiões cristãs, toda a palavra de Deus vem das interpretações que cada uma faz da bíblia – livro sagrado para os seus seguidores.

o pastor que fala somente aquilo que Deus e a IURD respectivamente lhe permitem falar.

Ao ocupar esse posto na hierarquia da enunciação, o pastor é aquele que mantém uma proximidade maior com o telespectador, pois é ele (pastor) quem se dirige ao telespectador, o que aumenta a responsabilidade sobre aquilo que diz, por isso, a relação com o público exige algumas estratégias, as quais estamos chamando neste trabalho, de *gerenciamento de relação*.

O gerenciamento de relação diz respeito à forma como o enunciador no caso, o pastor, se relaciona com seu enunciatário (telespectador), no discurso que constrói bem como a maneira como instala e relaciona a todos com Deus e a IURD. A forma escolhida dirá qual o tipo de relação é estabelecida entre os parceiros da comunicação, se há uma relação de proximidade, de intimidade, de afetividade ou ao contrário, se a relação é de distanciamento, de impessoalidade, de formalidade entre enunciador e enunciatário ou até mesmo composta de graus de maior ou menor intimidade e distanciamento.

Nosso *corpus* mostra que o pastor mantém certo distanciamento de seu enunciatário, pois se dirige aos fieis, chamando-os de senhor, senhora, dona - o que revela um tratamento cerimonioso, de bom tom e respeitoso, dispensado aos fieis – o que serve para compor também a imagem de quem fala como uma pessoa igualmente respeitosa, polida e séria.

Essa formalidade e distanciamento têm por objetivo o efeito de uma relação em que pese uma aura de respeito, honradez e reverência, já que a comunicação diz respeito às coisas sagradas. Não se trata, portanto, de conversa entre dois amigos sobre futebol, política ou qualquer outro assunto, mas de um testemunho entre um pastor, sábio das coisas de Deus e um fiel falando de coisas sagradas, sérias – e com pessoas sérias ou elevadas.

Por outro lado, há momentos em que o intuito é tornar a conversa um tanto mais descontraída sem, no entanto, perder o tom de seriedade. O pastor demonstra querer criar uma atmosfera de maior proximidade quando pergunta para a testemunhante: *Aconteceu o quê? Tô curioso!* e em seguida sorri propiciando um ambiente menos formal. O público também ri com sua ironia otimista, na medida em que ela está ali para testemunhar o que todos já

sabem: *o aconteceu o quê?* é o que somente poderia ter acontecido, uma vitória, dando a ver, assim, o grau de envolvimento de todos os presentes na crença que sustenta a igreja e a realização de prodígios. O pastor aparece assim, como aquele que não tem mais surpresas sobre a realização das graças, pois é um delegado íntimo e representante daquele que confere essa graça: Deus.

O fiel trata o seu interlocutor por *pastor* ou por *bispo* deixando entrever o que a figura do *pastor/bispo* significa para ele: não se trata de uma relação entre iguais, mas de uma relação entre um fiel e uma quase-divindade já que se trata de alguém que está mais próximo de Deus, tornando a relação dialógica entre fiel e pastor/bispo dissimétrica. O pastor na IURD recebe dos fieis um tratamento muito diferenciado, pois é ele (pastor) o responsável, muitas vezes, pela aproximação entre fiel e Deus. O fiel o vê como alguém que, impregnado do poder de Deus, tem como missão encaminhá-los para a glória dos caminhos de Deus.

Outra questão se impõe sobre o discurso iurdiano. Por que o fiel acredita no discurso da IURD? Por que para uns a IURD é tida como exploradora da fé das pessoas e para outras ela diz a verdade? Essa questão para a semiótica está bem resolvida, uma vez que para a teoria, a verdade só existe como efeitos de sentido inscritos no discurso.

Dessa forma, como já dissemos acima, um discurso será modalizado como *verdadeiro ou mentiroso* com base na estrutura modal entre o *ser* e o *parecer*. É preciso que o enunciador, ao construir um discurso, espalhe nele os efeitos de sentido que pretende criar, para que assim seja modalizado. Trata-se de um contrato fiduciário entre os actantes da estrutura da comunicação - enunciador e enunciatário, no qual se estabelece como um discurso deverá ser interpretado.

O reconhecimento da veridicção ou do *dizer-verdadeiro* de um discurso, está ligado também, segundo Barros (2001, p. 93 -94), à “uma série de contratos de veridicção anteriores, próprios de uma cultura, de uma formação ideológica e da concepção, por exemplo, dentro de um sistema de valores, de discurso e seus tipos”.

Os discursos fazem parte do nosso cotidiano e são construídos a partir desse contrato fiduciário entre enunciador e enunciatário. Assim, quando lemos uma denúncia sobre corrupção dos governantes em um jornal, estamos diante de um discurso em que se constroem efeitos de sentido de verdade. Quando assistimos a um filme em que há um narrador que diz “numa galáxia distante, muito distante da terra, havia homens escravizados por alienígenas...” logo de início, interpretamos o discurso como ficção ou mentira, pelos efeitos de sentido disseminados, uma vez que fomos persuadidos por outro discurso, o científico, ou seja, pelo contrato de veridicção da ciência de que o homem, até o momento atual, não conseguiu alcançar as galáxias dessa forma.

A partir desse postulado, somos obrigados a aceitar que, enquanto seres de linguagem, somos “vitimizados” pelos efeitos de sentido da (s) retórica (s) que escolhemos como a verdade do mundo. O sucesso da retórica que persuade seu enunciatário deve-se unicamente ao poder de convencimento do enunciador.

Com o discurso da IURD não é diferente. A IURD constrói seu discurso disseminando os efeitos de sentido que deseja causar no telespectador, os efeitos pretendidos são os efeitos de verdade. Sendo assim, cabe ao enunciatário aceitar ou não o contrato de veridicção. Nesse percurso, o destinatário/telespectador irá realizar um *fazer interpretativo* diante da persuasão do destinador, o pastor da igreja para isso recorre a (...) “uma operação de reconhecimento da verdade, que consiste em comparar e identificar o que lhe é apresentado pelo sujeito do fazer persuasivo com o que ele já sabe ou com aquilo em que crê. Trata-se de verificar a adequação do novo e desconhecido ao velho e já sabido. (...) Interpretar, para o sujeito é, por excelência, confrontar a proposta recebida com o seu universo do saber e do crer, com sistemas de valores que atribuem sentido aos fazeres e aos estados” (BARROS, 2001, p.58).

Uma vez que são os *efeitos de sentido* que fornece o estatuto de verdade do discurso, o espaço para a manipulação se encontra em aberto para que o enunciador/destinador possa criar a sua verdade. Assim, a IURD no intuito de preservar a sua dignidade - de alguém que diz a verdade - se antecipa e em meio aos testemunhos narrados, instala seus opositores para destruí-los como seus detratores indicados vagamente. Vejamos:

T10 -Mas não falam que a gente tira tudo das pessoas aqui na Universal? E a senhora chegou aqui com dois reais? (fala do pastor)

T 10- Quer dizer que a mulher que tinha dois reais, comprou carro zero, tá fechando negócio grande? (fala do pastor)

Percebemos que o enunciador a partir dos testemunhos tem como objetivo um *fazer-crer* e assim mostrar-se para seu enunciatário como alguém que diz a verdade, já que os próprios fieis estão apresentando provas do poder que a igreja possui. Por outro lado, a IURD se preocupa com os seus inimigos e para se defender das acusações sofridas pelos seus detratores, procura mostrar-se como vítima de calúnias.

Assim, a IURD aponta o seu oponente - *eles*, ou seja, aqueles que maldizem a igreja, que a acusam de ladra e exploradora da fé das pessoas. No entanto, ela mostra que não é aquilo que dizem dela e como faz a *Retórica*, por meio de exemplos<sup>6</sup>, argumenta que é, sim, merecedora de crédito, já que um sujeito que se encontrava em absoluto estado de falta – pois fora à igreja com apenas dois reais no bolso – conseguiu a posse de um carro zero e está fechando *negócio grande* depois de ter participado das correntes da igreja. Dessa forma, a IURD se mostra como o sujeito que *faz e prova* o que *faz* enquanto põe seus oponentes na posição de mentirosos e caluniadores, invertendo a situação em benefício próprio, pois mentirosos são os seus detratores e não a IURD.

Dessa forma, o discurso da IURD consegue impor-se como verdadeiro, já que constrói um discurso em que estão inscritos valores que seu enunciatário/destinatário *modaliza* como *verdadeiros, necessários e possíveis*.

Outras estratégias são empregadas pela IURD para dar credibilidade àquilo que enuncia. Essas estratégias envolvem uma série de escolhas do enunciador para construir os efeitos de sentido de verdade. Para isso convoca os produtos do *uso*, isto é, os enunciados cristalizados pela *práxis social* que se encontram depositados na memória coletiva de uma dada língua. Segundo Bertrand (2003, p. 88) “a *práxis coletiva* disponibiliza desde a fraseologia até aspectos mais complexos como os gêneros do discurso”. Percebe-se que a

---

<sup>6</sup> Os *exemplos* são uma das estratégias empregadas pela Retórica como meio de persuasão.

IURD apropria-se da práxis coletiva ao empregar diferentes gêneros discursivos como o telejornalismo, o sermão, a entrevista, a vinheta, o cântico. Embora esses gêneros sejam variados, sendo muitos deles originários de outras áreas, a igreja consegue harmonizá-los no seu discurso para conseguir a adesão de seu enunciatário.

A partir dessas considerações chega-se à conclusão de que uma enunciação exclusivamente individual não existe, pois sua gênese provém do corpo das enunciações coletivas, isto é, a enunciação individual só ocorre porque está ancorada nesse aspecto social da linguagem. Entretanto, a realização de uma enunciação individual é possível na medida em que os produtos do *uso* são inseridos em novos contextos ganhando novos sentidos como pudemos perceber no caso iurdiano. Assim, esses *produtos do uso* podem se apresentar apenas como repetições quando convocados e atualizados, como também podem ser renovados, transformados, recusados etc.

Além disso, a igreja se apropria de discursos que historicamente não fazem parte da natureza religiosa do cristianismo, mas que estão ancorados na memória cultural brasileira como é o caso do discurso dos cultos afro-brasileiros<sup>7</sup> que foram incorporados ao seu discurso. Ao aparecer no culto trajando vestimentas de cor branca (calça, camisa e sapatos),<sup>8</sup> além de utilizar elementos como *sal grosso*, *rosas brancas* etc, o pastor deseja manipular seu enunciatário para *crer* no seu discurso, pois, ao se apropriar dos elementos dos cultos afros, ele está construindo sua verdade sobre um outro contrato de veridicção que se encontra estabelecido no imaginário<sup>9</sup> popular. Essa

---

<sup>7</sup> Apesar de a IURD conceber as religiões de origem afro-brasileira como a umbanda como oponente no campo religioso, paradoxalmente, apropria-se dos elementos ritualísticos dessas religiões. Porém, essa apropriação não visa uma harmonia com elas (cultos afros), mas apenas uma oportunidade de trazer para seu discurso, os elementos que já estão consagrados pelo contrato fiduciário da cultura popular como algo que revela alguma verdade sobre o mundo. Em nossa cultura, por exemplo, a cor branca pode significar pureza, o sal, algo sagrado pelas passagens bíblicas e a rosa branca e as flores em geral remetem à delicadeza, à vida, mesmo quando usadas nas cerimônias fúnebres, já que as flores remetem a um desejo ou certeza da continuidade da vida no plano espiritual.

<sup>8</sup> Nos cultos afro-brasileiros os pais de santo, como são chamados os homens que “incorporam” espíritos, vestem-se tradicionalmente de roupas brancas.

<sup>9</sup> Empregamos neste trabalho o conceito de Imaginário proposto por Hilário Franco Júnior: “Por imaginário entendemos um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral. Todo imaginário é, portanto, coletivo, não podendo ser confundido com

referência a outro discurso revela uma interdiscursividade no discurso iurdiano, uma vez que incorpora elementos figurativos dos cultos afro-brasileiros.

Diante desse *fazer* persuasivo, a IURD conquista a confiança de seu enunciatário e se mostra cada vez mais como um destinador *competente*, já que consegue abarrotar os templos e alcançar altos índices de audiência nos programas. Desse modo, a IURD ganha um significado especial para o fiel, pois não se trata de uma igreja qualquer, mas de uma que oferece os meios para a transformação de sua vida, aliviando suas angústias e sofrimentos terrenos.

Nesses termos, a IURD significa para o fiel aquilo que Mircea Eliade (1992) chamou de *hierofania* que, etimologicamente, significa a manifestação do sagrado, que pode, segundo o autor, se manifestar em qualquer objeto do mundo natural e se caracteriza por ser uma “manifestação de algo diferente – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo” (ELIADE, 1992, p.17). Essa realidade embora esteja presente nesse mundo se diferencia por sua natureza sagrada, que não se confunde com as coisas do mundo profano. Por isso, a Caaba - pedra sagrada para os mulçumanos não é apenas uma pedra, há algo a mais nela, assim como no Círio de Nazaré, a corda utilizada para o ritual não é considerada simplesmente como uma corda, há nesses elementos a presença de uma essência do sagrado para o crente.

Como uma hierofania, o templo da IURD é para o fiel o espaço sagrado em que ele pode entrar em conjunção com Deus e ali fazer suas orações, seus pedidos, seus contratos como é o caso da participação nas correntes. Nesse espaço, o fiel encontra o bálsamo para suas aflições, o alívio para as inquietações do seu espírito e esperança para a resolução de seus problemas. O fiel que vem de um mundo duro e hostil vê a igreja como o lugar, o espaço que possibilita uma fuga e uma possibilidade de negar a dureza do mundo lá fora – o espaço profano.

---

imaginação, atividade psíquica individual. Tampouco pode-se reduzir o imaginário à somatória de imaginações. (...) Porém, para englobar o denominador comum das imaginações, o imaginário as supera, interfere nos mecanismos da realidade palpável (política, econômica, social, cultural) que alimenta a própria imaginação”. (1998, p. 16-17).

Como hierofania, a IURD se enuncia como um lugar em que o sagrado se manifesta e que tem o poder de trazer a felicidade para aquele que se propõe a segui-la como podemos ver nos seguintes trechos:

T 2 -... porque Deus tem aberto as portas de tal maneira que todos os meus bens se quadruplicaram né, Deus tem abençoado e tem aberto até outras possibilidade e muito mais coisas vão acontecer! Muito mais! Muitas coisas vão acontecer! E eu só tenho que glorificar a Deus, como já disseram este lugar é abençoadíssimo né. Deus tem aberto as portas...

Quem participa faz a diferença.(vinheta).

São mais de dez mil pessoas participando todas às segundas-feiras, desta reunião, especialmente para a prosperidade. (fala 1 da apresentadora).

Nesta última semana, o bispo Jadson Santos determinou é... que as pessoas recebessem boas notícias pelo telefone. Então elas levantaram os celulares e enfim os resultados aconteceram e você vai acompanhar alguns agora.(fala 3 da apresentadora).

T4- Na segunda semana, Deus já mandou os clientes e agora já fechei grandes contratos!

Percebemos, assim, que, pela enunciação, o discurso é ejetado e organizado. A enunciação, pelos propósitos que tem, disjunge de si as categorias de tempo, pessoa e espaço, harmonizando-as com os valores que desposa e compondo as relações entre elas de maneira a fazer aparecer para o auditório um mundo cuja estrutura diz a verdade sem dizer que a simula ou mente. E há sempre quem creia nisso, no discurso da IURD – por achá-lo verdadeiro ou por cansaço de outras crenças, cujos valores enfraqueceram em um mundo de necessidades terrenas prementes.

### **3.5 - Manipulação: arte que move homem e mundo**

A manipulação é uma das fases ou percurso que compõe a narrativa e pode ser descrita como a atribuição de competência modal, isto é, quando o

destinador<sup>10</sup> doa ao destinatário os valores modais do *querer-fazer*, *dever-fazer*, *saber-fazer*, *poder-fazer* e do *crer*. Para alguns semioticistas, só pode haver manipulação quando um sujeito possui anseios e paixões, caso contrário o que se estabelece entre enunciador e enunciatário é um contrato.

Pelos testemunhos exibidos no programa, percebe-se que o enunciador tem um simulacro de seu enunciatário como um sujeito desejante, isto é, um enunciatário, um telespectador movido por paixões.

Atribuir competência modal a um sujeito significa torná-lo competente para a ação, ou seja, tornar o sujeito apto para realizar a performance, uma outra fase, da sequência canônica da narrativa.

Ao construir seu discurso, o enunciador/destinador levará em conta o simulacro de seu enunciatário. O simulacro como já foi dito anteriormente, define-se como a projeção da imagem que fazemos do outro com base na relação entre as modalidades do *ser* e do *parecer*. Isso permite por parte do enunciador uma espécie de previsão, de antevisão das possíveis expectativas do destinatário do discurso e por consequência sua reação. É nesse sentido que se evidencia a participação do enunciatário na construção do discurso. É preciso saber para quem o discurso está sendo construído e a quem ele interessa. Fazer um discurso falando sobre as questões de terras no Brasil, por exemplo, para os *sem-terra* é uma coisa, outra coisa, é falar sobre o mesmo assunto para os proprietários de latifúndios.

Temos no programa da IURD um enunciador que possui um simulacro de seu enunciatário/telespectador. Podemos falar de um enunciatário coletivo, já que se trata de um programa de tv, que atinge milhões de telespectadores, com histórias de vida diferentes. Porém, esse enunciatário coletivo pode ser dividido entre aqueles que já são fieis da igreja e aqueles que ainda não o são.

Com esse simulacro projetado, o enunciador/destinador manipula o telespectador/ destinatário que é fiel da igreja para levá-lo, a *saber-fazer* e *poder-fazer*. Isso porque o fiel já possui um *crer* e um *querer-fazer*, suposto pela crença na igreja, porém pode ainda não possuir um *saber* ou um *poder* -

---

<sup>10</sup> Enunciador e enunciatário são posições do sujeito da enunciação que cumprem respectivamente, o papel de destinador e destinatário do discurso.

*fazer*. Para aquele que ainda não faz parte da igreja, o enunciador precisa dotá-lo de um *querer-fazer*.

Dessa forma, o enunciador deve manipular dois tipos diferentes de telespectador, por isso os argumentos que utiliza devem interessar aos dois tipos.

O manipulador tem como tarefa levar aquele enunciatário agora no papel de destinatário, que ainda não faz parte da igreja, a *querer - fazer*, isto é, fazer com que o telespectador realize a performance de converter-se à igreja, e manipular aquele telespectador que já é fiel da igreja, a *saber-fazer* ou *poder-fazer* que é participar das correntes que a igreja realiza, pois esta performance levaria o fiel a conquistar as bênçãos que almeja.

A IURD emprega a manipulação por tentação, já que ela oferece para o manipulado, valores desejáveis como riqueza, saúde, tranquilidade, harmonia familiar e conjugal entre outros. Assim, o manipulado se vê diante de um argumento de difícil recusa, uma vez que a IURD se coloca como a ponte entre fiel e Deus para que ele (fiel) venha a alcançar as graças que deseja.

Para o telespectador que de alguma forma já foi manipulado por outro destinador<sup>11</sup> para em crer em Deus, um primeiro passo foi dado para que ele venha a acreditar nos poderes da IURD.

Destarte, o telespectador ao ser manipulado, faz uma interpretação de seu destinador, procura verificar se o destinador *parece* e é confiável; ou se ele *parece*, mas não é; se não *parece*, mas é; se nem *parece*, nem é. Da mesma forma, o destinatário interpretará a proposta do destinador, dizendo-a verdadeira, falsa, mentirosa, secreta.

Como já foi visto antes, a questão sobre a verdade das coisas não é um problema linguístico e o que pode ser levado em consideração são os efeitos de sentido produzidos no discurso. Mais uma vez, nos vemos diante daquilo que Saussure (1974, p. 79-80) postulou sobre a natureza da língua, o seu caráter imanente. Na linguagem, o mundo é recriado, por isso um discurso

---

<sup>11</sup> Sofremos manipulação desde que nascemos em diversos aspectos da vida pelo processo de socialização, pois somente assim aprendemos a *ser* membro da sociedade. Assim, somos desde criança, manipulados para seguir uma conduta que nossa cultura impõe como as regras de polidez, os códigos morais e até mesmo a religião. Não queremos dizer com isso, que a cultura nos impõe uma religião, mas influencia à medida que uma dada religião predomina numa sociedade. Destarte, podemos dizer que o cristianismo, o islã, o hinduísmo entre outras são enquanto religião, *destinadores* de seus valores e de suas crenças.

pode construir uma verdade, uma mentira, mas apenas como construção, como efeitos de sentido sem dever nenhuma remissão ao “mundo real”. Diante desse postulado da semiótica, somos obrigados a reconhecer que embora acreditemos ter acesso à verdade das coisas, somos apenas levados pelos efeitos de sentido produzidos pelos discursos, ou seja, estamos presos aos efeitos de uma retórica como que de um encantamento deixamo-nos seduzir por ela.

Outro ponto importante no percurso da manipulação, diz respeito aos valores. A manipulação só poderá ocorrer se houver uma partilha de valores entre destinador e destinatário. Não há manipulação se os valores colocados em cena pelo destinador não fizer parte do sistema de valores do destinatário. O sucesso do discurso da IURD está no fato de ela se mostrar para o telespectador como um sujeito que também é portador de valores cristãos, que ela acredita em milagres e que como o telespectador, acredita que ter sucesso na vida financeira é um direito concedido por Deus – por isso a suntuosidade de seus templos e por isso prega a prosperidade material. Dessa forma, o fiel aceita os valores que a igreja propõe, porque partilha dos mesmos, e mais que isso, interessa-se por eles.

No primeiro trecho do programa podemos ver o pastor como destinador, não mais em relação ao fiel que testemunha, porque este já foi persuadido, mas em relação ao telespectador. O pastor manipula o telespectador quando se coloca como mediador entre o fiel e o testemunho narrado, intervindo de modo a tornar esse testemunho mais persuasivo, ou seja, fazer com que o discurso cause um maior impacto no telespectador, ao por em evidência as conquistas do fiel que testemunha.

O testemunho tem início com uma interpelação do pastor ao fiel por meio da pergunta que sempre é a mesma: *Aconteceu o quê?* Em seguida, o fiel vai narrando sua conquista e transformação.

Vejamos alguns exemplos dessa intervenção: no primeiro testemunho a fiel diz ter conseguido um emprego numa multinacional chinesa depois de participar das correntes da igreja:

T1- Contrato (risos) (e mostra o contrato de trabalho).

- Eu estou contratada por uma multinacional chinesa! Olha aqui!

Mesmo depois da fiel de ter dito que foi contratada para trabalhar numa multinacional chinesa, mostrando o contrato, o pastor intervém referindo-se novamente sobre o contrato de trabalho:

*A senhora foi contratada por uma multinacional...*

Essa pergunta revela uma estratégia do pastor em enfatizar o poder das correntes, pois ao perguntar à fiel se ela foi contratada por uma empresa multinacional, ele quer mostrar para seu telespectador/destinatário que a fiel não conseguiu um emprego numa empresa qualquer, mas numa empresa de credibilidade já que se trata de uma multinacional instalada no Brasil. Mais do que isso, ele quer fazer durar a notícia da graça alcançada na mente dos presentes ao culto e dos telespectadores.

Por isso, no prosseguimento dos testemunhos, o pastor continua intervindo, repetindo as palavras ditas pelos fieis:

T1- E a empresa contratou a senhora quarta-feira?

T2- Um mês que o senhor tá aqui?

T7- As vendas triplicaram?

Essas perguntas como no primeiro caso, já estavam respondidas, porém o pastor pergunta novamente sobre o mesmo assunto, com o intuito de enfatizar aquilo que mais deseja mostrar para o telespectador: a eficiência das correntes por tornar possível para o fiel aquilo que ele deseja, ou em termos semióticos, criar efeitos de sentido nesse caso, efeito de verdade. Agindo dessa forma, o pastor consegue dizer na enunciação que o fiel participou das correntes por isso, conseguiu o emprego na multinacional, conseguiu o aumento nas vendas, além de mostrar que as transformações acontecem em um curto período de tempo – no espaço de um mês.

Na sequência dos testemunhos, o pastor, depois de ouvi-los, na maioria das vezes, termina o diálogo dizendo a seguinte frase: *vai arrebentar*. Como se pode notar, essa frase não faz parte do vocabulário típico do discurso religioso, já que nesse tipo de discurso as palavras empregadas são de natureza mais

formal. Porém, a frase *vai arrebeutar* remete ao uso de um linguajar mais despojado e descompromissado com sua adequação vocabular ao ambiente. Trata-se de uma liberdade permitida em ambientes mais informais e própria de outros discursos como o esportivo, quando faz previsões otimistas.

Porém ao utilizar essa frase, o pastor demonstra que a igreja é um lugar onde o fiel pode sentir-se mais à vontade, livre das coerções que um ambiente muito formal poderia causar como um constrangimento de falar em público utilizando um vocabulário mais sofisticado. Dessa forma, o pastor deixa a fiel mais tranquila, mostrando que ali o importante é relatar as vitórias financeiras alcançadas.

Ao dizer a frase de efeito *vai arrebeutar* o pastor consegue elevar ainda mais o entusiasmo do fiel dizendo que a vitória alcançada irá surtir mais efeitos, com a exacerbação contida na frase de qualquer graça que o fiel venha alcançar.

O gerenciamento de emoção está na forma como os fieis testemunham na igreja. Os testemunhos produzem um efeito de exultação, de antevisão de conjunções felizes dos fieis com aquilo que desejam. Por meio desses dispositivos emocionantes, os objetos aparecem, bem ali, possíveis, para os fieis. Enquanto que em outras igrejas os fieis vão à frente do auditório e narram livremente o seu testemunho, sem nenhuma intervenção, na IURD, há um pastor que conduz o tempo todo, a fala do fiel, intervindo no testemunho quando acha conveniente. Dessa forma, o pastor consegue manipular o testemunho dando destaque aos pontos positivos na declaração do fiel testemunhante, evidenciando o que acontece com aquele que participa das correntes e acredita na igreja.

A questão da temporalidade é outro aspecto que o discurso iurdiano trata de forma a gerenciar a emoção. Ao dizer que na IURD as vitórias são alcançadas em curto período de tempo, o enunciador gera uma expectativa eufórica no fiel, neste mundo moderno que valoriza a rapidez. Vejamos alguns exemplos:

T1 Eu comecei aqui ... eu visitei a empresa, *segunda-feira passada*, não é? Vim bem cedinho aqui na primeira reunião.... foi até com o senhor.

Pastor: E a empresa contratou a senhora *quarta-feira*?

T1: Na *quarta-feira* já fui contratada.

T2 Eu estava aqui na reunião dos 318 *há praticamente um mês*. Eu trabalhava num local e ... agora deixei de ser empregado. Sempre a minha vida foi assim... empregado normalmente. E agora a partir de um mês eu deixei de ser e nunca mais quero ser empregado na minha vida .... porque Deus tem aberto as portas de tal maneira que todos os meus bens se quadruplicaram né, Deus tem abençoado e tem aberto até outras possibilidade e muito mais coisas vão acontecer! Muito mais! Muitas coisas vão acontecer! E eu só tenho que glorificar a Deus , como já disseram este lugar é abençoadíssimo né. Deus tem aberto as portas.... ( o pastor interrompe)

Pastor: *Um mês que o senhor tá aqui?*

T2 *Um mês que eu estou aqui*. Na *terça-feira* de manhã recebi um telefonema.... Uma coisa me dizia que alguma coisa ia acontecer... dizia que eu ia receber algum dinheiro, alguma coisa que eu nem esperava. Na *terça-feira* recebi um telefonema me avisando que eu tinha uma indenização, foi um milagre maravilhoso! Então eu só tenho a agradecer!

Esses excertos nos mostram como a urgência da vitória é uma questão primordial para o fiel iurdiano, que espera a graça a pronta entrega. Sobre esse aspecto, podemos fazer algumas incursões na semiótica tensiva. Sendo a linguagem o lugar da variação, da instabilidade, da inconstância, a semiótica tensiva propõe que esse dinamismo seja contemplado no eixo semântico da tensividade que se articula em *intensidade vs extensividade*.

De acordo com Zilberberg (2006), cada eixo possui duas subdimensões: a intensidade tem o *andamento* e a *tonicidade* e a extensividade a *temporalidade* e a *espacialidade*. A intensidade (regente) é da ordem do sensível, a extensividade (regida) da ordem do inteligível.

Na mesma obra, Zilberberg ensina que a relação entre as duas dimensões (intensividade vs extensividade) podem ser conversas (quanto mais.... mais, quanto menos... menos) ou inversas (quanto mais... menos, quanto menos.... mais). Assim por exemplo, se há uma tonicidade mais fraca, o andamento será mais fraco, tonicidade mais forte provoca andamento mais forte, da mesma forma ocorre com a outra dimensão: espacialidade maior, haverá maior temporalidade; menor temporalidade implica menor espacialidade.

A partir da relação entre as subdimensões *andamento vs tonicidade* e *espacialidade vs temporalidade*, surge aquilo que Zilberberg chamou de *valores de universo* e *valores do absoluto*. Assim, o produto da tonicidade e do

andamento é o impacto, resultado do andamento forte ao máximo conjugado ao mínimo de extensão, que gera os *valores de absoluto*; o resultado da maior extensão e da maior temporalidade é a universalidade ou *valores de universo*. Os valores de absoluto e valores de universo podem manter relações conversas ou inversas. A semiótica tensiva propõe três grandezas (foremas): direção, intervalo e elã (impulso), que na intersecção com uma subdimensão de qualquer das duas dimensões produzirá uma valência conforme o quadro ilustrativo proposto por Zilberberg (2006):

dimensões	Intensidade (regente)		extensidade (regida)	
subdimensões foremas	andamento	tonicidade	temporalidade	espacialidade
direção	aceleração vs desaceleração	tonificação vs atonização	foco vs apreensão	abertura vs fechamento
posição	adiantamento vs retardamento	superioridade vs inferioridade	anterioridade vs posteridade	exterioridade vs interioridade
elã	rapidez vs lentidão	tonicidade vs atonia	brevidade vs longevidade	deslocamento vs repouso

**Quadro 2- Quadro ilustrativo de Zilberberg**

Percebe-se no discurso iurdiano, uma urgência para a obtenção da graça, o fiel não quer esperar, ele tem muita pressa. Os testemunhos falam do espaço de dias e, no máximo, do intervalo de um mês entre o contato com a igreja e a obtenção da graça, essa *brevidade* é produto da intersecção da *temporalidade* com o *elã*. Outro aspecto bem marcado no discurso iurdiano concerne ao espaço da igreja, que ganha uma acentuação ao se colocar para o

fiel como “o lugar” onde se resolve os problemas, onde as angústias e sofrimentos têm um fim. Assim, o traço que predomina em relação ao espaço é o da *interioridade* formado pela intersecção do forema *posição* com a sudimensão da *espacialidade*, pois a igreja é o espaço de acolhimento, de paz, o lugar onde os milagres acontecem, onde se encontra a alegria, a superação dos problemas; a *exterioridade* formada pelo forema *posição* e pela subdimensão *espacialidade*, representa o mundo lá fora que se caracteriza como o espaço do desalento, da aflição, da dor, do abandono.

Por outro lado, vemos que a oferta de valores que a IURD faz aos seus fieis passa por uma recategorização, ou seja, os valores que no discurso de outras religiões são classificados como valores de absoluto passam, no discurso da IURD, a serem compreendidos como valores de universo. Se para as denominações evangélicas mais tradicionais e a igreja católica, a riqueza é tida como valor de absoluto, portanto para poucos – somente para os transgressores dos preceitos divinos já que é vista como algo contrário à vontade de Deus, na IURD ocorre o contrário: há uma grande extensão de abrangência para a aquisição da riqueza que é permitida a todos, pois trata-se de algo possível e permitido àquele que segue a igreja.

A polêmica gerada em torno da relação homem/riqueza remete ao que está nas *escrituras sagradas*, pois lá se encontra muitas passagens em que o valor riqueza é negado. No livro de Mateus 19: 23 -24 encontramos o seguinte:

Então disse Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus. E ainda vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

Outra passagem da bíblia faz menção à reprovação de Deus sobre o acúmulo de riquezas. Trata-se de uma parábola conhecida como *O avaro insensato* que se encontra no livro de Lucas 12:16-21:

E propôs-lhes uma parábola, dizendo: a herdade de um homem rico tinha produzido com abundância. E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos. E disse: Farei isto: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens; e direi à minha alma: alma, tens em depósito muitos bens, para muitos anos; descansa, come, bebe e folga. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma, e o que tens preparado para quem será? Assim é aquele que para si ajunta tesouros e não é rico para com Deus.

Vemos, por meio dessas passagens bíblicas, que o assunto sugere polêmica, entretanto a IURD ao fazer novas interpretações sobre as coisas que Deus quer para o homem, muda o que está alicerçado na história do cristianismo e põe em cena uma nova visão sobre alguns pontos. Assim, recategoriza os valores cristãos, invertendo seu estatuto semiótico, ao dizer que a riqueza está ao alcance de todos aqueles que buscam a Deus, já que não vê nenhum impedimento de natureza religiosa para a aquisição de bens materiais, por isso, aquilo que para outros credos se configura como valores de absoluto, pois não pode ser de todos, a IURD traduz como valores de universo - o que resulta em uma poderosa atração para os fieis de um mundo competitivo, duro e excludente.

Ao mesmo tempo, a igreja enquanto instituição se insere entre os valores de absoluto, pois, ela se coloca como rara, como única, como exclusiva para aqueles que nela acreditam e defendem, pois só ela é o lugar hierofânico por excelência e tem o poder para transformar a vida daquele que a procura. Essa exclusividade pode ser constatada pelo lugar que a IURD deseja conquistar na vida do fiel: ela deve estar em primeiro lugar, até mesmo antes da família como podemos ver no trecho a seguir:

T1 Bom, eu estou trazendo o testemunho aqui, não é? Porque foi pedido seu bispo, que a partir da parceria que se faz aqui, *o primeiro testemunho é aqui. E as primeiras pessoas que têm que saber do meu testemunho tem que ser daqui. Então ... minha família não está sabendo... ninguém sabe.*

Pelo viés da semiótica tensiva podemos perceber como o discurso iurdiano gerencia emoção ao colocar a igreja como única, como rara, como competente, como poderosa, como milagrosa a partir da acentuação de sentido que faz dessas qualidades por meio da intersecção entre as subdimensões e formas.

No segundo trecho do programa, pode-se perceber o gerenciamento de emoção na fala da apresentadora que em nada se difere de uma apresentadora de telejornalismo. Bem vestida e de boa aparência – o que lhe confere o éthos de alguém que diz a verdade, já que sua imagem confirma o que enuncia, a prosperidade material:

São mais de dez mil pessoas participando todas às segundas-feiras, desta reunião, especialmente para a prosperidade. São 7 (sete) horários e por isso mesmo então as pessoas conseguem programar o

seu dia, antes do trabalho ou depois ... enfim, o importante é participar e ter esse conhecimento que faz a diferença!  
Bom, em se tratando de resultados do mês de setembro, eu conversei com algumas pessoas, vejam só: (apresentadora fala 1).

Nessa fala o destinador/apresentadora manipula ao apresentar o número que impressiona: *dez mil pessoas* - o que significa que muitas pessoas acreditam no poder das correntes, então porque o telespectador não faria o mesmo? Outra estratégia está nas muitas opções de horários em que as correntes são realizadas no templo. São 7 (sete) horários, assim como ela mesma diz, as pessoas podem se programar e escolher o horário que melhor lhes convém, o que possibilita uma maior comodidade. No final da fala, a apresentadora conclui que o importante é participar, que *os resultados virão*. Esses resultados são mostrados em forma de testemunhos para provar o poder da IURD.

O testemunho apresentado foi colhido no estacionamento do templo, sugerindo que a IURD é o lugar onde o fiel encontra a sua vitória. Outro aspecto a ser observado está no fato de o fiel testemunhar de dentro do seu automóvel. Dessa forma, o testemunho que profere pode ser comprovado não somente por meio de palavras, mas por meio do objeto-valor, que introduzido na cena, serve ao propósito de criar no telespectador, a certeza de que as correntes que a IURD realiza são mesmo eficientes.

Antes, porém da entrada do testemunho, é exibida uma vinheta com a seguinte frase: *Quem participa faz a diferença* ao mesmo tempo em que são mostrados os horários de realização das correntes.

Nas apresentações do tipo telejornal a manipulação é ainda mais evidente. Percebemos que o enunciador deseja persuadir um outro tipo de enunciatário. Não se trata mais de um enunciatário esperançoso do *querer ser* que modaliza uma mudança de vida como *desejável* e *possível* apesar das adversidades, mas daquele que já se encontra numa quase que total descrença, isto é, um sujeito que vive um *crer não -poder -ser*. Vejamos alguns excertos:

E nós estamos aqui amigo, amiga exatamente para mostrar ao senhor e à senhora que se encontra isolado na sua casa, no seu carro, muitas vezes em depressão, angustiado, triste, pensando mesmo em dar cabo em sua própria vida. O senhor e a senhora que se encontra desesperado, sem saber o que fazer, sem saber como

agir .... porque é agiota, é dívidas, é contas, vendendo os dentes para pagar as dívidas e as dívidas não cessam ... problemas com seus funcionários, processos, títulos a protesto, ou seja, você tem sido uma pessoa que vem se encontrando sem direção, sem saber o que fazer, sem saber como agir. (Pastor Rodrigues)

Ok amigo, amiga, quando o senhor e a senhora ficar aí prostrado, em lágrimas, triste, decepcionado, de repente você é uma pessoa que perdeu uma grande oportunidade ou até mesmo teve uma grande perda na sua vida, você se encontra aí decepcionado com tudo, não vai adiantar o senhor, a senhora se prostrar, pensando que alguém vai ter dó de você e até mesmo Deus terá dó de você... porque Deus ele faz de acordo com sua fé, Deus ele manifesta o poder dele, ele age na sua vida a partir do momento que você exercita a sua fé. (Pastor Rodrigues)

Dessa forma, a IURD busca manipular aquele tipo de sujeito que vive uma quase total descrença no mundo e na vida oferecendo uma possibilidade de voltar a ter fé na vida, isto é, transformar seu estado modal do *crer não-poder-ser* em estado do *crer poder-ser*. Para isso, o destinador oferece o *objeto modal* “as bênçãos de Deus”, para que posteriormente, o fiel possa adquirir um *objeto descritivo* que pode ser uma casa, um emprego, um automóvel. Porém para que isso ocorra é preciso que o destinatário adquira a competência do *poder-fazer*, isto é, como ocorre nos testemunhos, o fiel deve antes participar da igreja, de suas correntes e ter fé para poder alcançar as bênçãos.

E a palavra de Deus mesmo nos mostra, nos ensina que quando se exercita a fé, quando se busca o Deus que é vivo, o Deus que é poderoso, certamente a pessoa terá como tomar posse de todas essas promessas em sua vida! (Pastor Vagner).

E como está escrito aqui (bíblia), pastor Vagner e amigos: “Se ouvires a voz do Senhor teu Deus, virão sobre ti e te alcançarão todas essas bênçãos! Olha, através de nossa participação, estaremos mostrando depoimento de pessoas que deram ouvidos a essa voz, essa direção e perceberam em sua vida a diferença, as conquistas é... bens alcançados através dessa *corrente* que acontece toda segunda-feira. *Corrente* que vai acontecer hoje. Essa *corrente* toda especial, voltada ao senhor e à senhora que precisa e deseja ter vitórias na sua vida. (Pastor Rodrigues).

Logo em seguida, são apresentados os testemunhos de fieis que confirmam a eficácia da igreja, das correntes:

T 14 -Hoje... Bom, sou formada, fiz pós-graduação na área que eu gosto, fui promovida no meu trabalho... e minha mãe na época, né ... eu morava com ela de aluguel. Hoje ela tem o apartamento dela. Eu conquistei o meu apartamento que está quitado, reformado... do

jeitinho que eu quero . Tenho um belo carro tá, o carro que eu queria, era o carro que estava nos meus sonhos! E hoje tenho prosperado. Fui promovida, gosto do que eu faço entendeu? Eu... eu "tô" na função que realmente eu adoro e... tenho muito tempo de empresa. Então Deus tem me protegido muito. Aconteça o que acontecer lá entendeu? Época de cortes... tudo, graças a Deus, Deus tem me mantido.

T 14 - Isso mesmo. Duas empresas! É e hoje eu posso! Não gasto com remédios, em vez de comprar remédios, nós saímos para almoçar fora todo domingo. Uma vez por mês nós viajamos... é ... meu filho vai comigo até o mercado, mamãe eu quero ... hoje eu posso dar para ele o que eu quero, o que ele quer comer. Eu como hoje do bom e do melhor, nós temos uma vida hoje, completa, regalada. Se eu quiser viajar hoje, hoje eu posso viajar, se eu quiser comprar... hoje eu posso olhar uma vitrine e comprar uma roupa que eu olho e assim a gente ... acabou as discussões, porque a vida financeira traz discussões.

Por outro lado, ao se colocar como a única igreja capaz de resolver os problemas e infortúnios das pessoas, a IURD demonstra, por meio dos testemunhos, o intuito de transformar o fiel em um *não-sujeito*, nos termos de Coquet, já citado anteriormente. Dessa forma, o fiel acredita que encontrará a solução para os seus problemas somente a partir daquilo que a igreja propõe, ou seja, o fiel acredita que alcançará o sucesso no trabalho, a cura da enfermidade, o sucesso financeiro entre outras coisas somente se passar a participar da igreja e a cumprir sua programação - e não se trata de uma participação hesitante, mas de uma entrega inteira, marcada pela passionalidade e pela certeza de que todos os problemas serão resolvidos. Essa atitude pode ser percebida, pelas doações que os fieis fazem à igreja em forma de dízimos e de ofertas, nas correntes. Em termos semióticos, segundo Coquet, o sujeito só age dentro daquilo que o destinador lhe propõe. Ele cumpre a programação. Ele não é capaz de julgamento. (apud BERTRAND, 2003, p. 101)

Sobre esse aspecto, um estudioso da religião, em sua tese de doutorado, faz uma crítica à forma como a IURD trata dos problemas que atinge as pessoas, não os considerando como efeitos da organização político-econômica e social do Estado, o que tem como consequência a permanência de um sujeito alheio às formas de dominação impregnadas nas estruturas do poder:

Nas igrejas e movimentos pentecostais existe a tendência de identificar tudo que é estranho e diferente com o mundo de Satanás. Um caso típico dessa forma de pregação é a Igreja Universal do

Reino de Deus (IURD), que sem operar nenhum esforço de distinção, coloca sob o mesmo rótulo, com igual peso, drogas, violência, problemas conjugais, problemas financeiros, falta de emprego, e, por fim, homossexualismo e prática de cultos afro-brasileiros. Quem estiver envolvido numa dessas esferas, é convidado e instado a participar do culto de exorcismo. Com a abjuração dessas obras de Satanás, acena-se com a promessa de uma vida nova, cheia de sucesso e prosperidade, sem nenhuma consideração para com a situação sócio-política da pessoa. *Semelhante pregação tem como efeito a manutenção das pessoas no nível da consciência ingênua.* Em geral, como se pode observar, o pentecostalismo é politicamente aliado ao status quo, com pronunciada aversão pelas correntes políticas de esquerda, o que ajuda a compreender a lógica de sua pregação. (RABUSKE 2001, apud OLIVA, p. 224, grifo nosso).

Essa fala vem ao encontro do conceito semiótico de *não-sujeito* que localizamos no discurso iurdiano, pois ao instaurar alguém que age somente dentro dos limites proposto por um destinador, no caso a IURD, o fiel continua a ver os problemas que o afligem como consequência da obra do Diabo e que somente por meio de Deus e da igreja poderá resolvê-los, não tendo consciência de que se trata de males oriundos das estruturas sociais.

A manipulação ocorre também em outro plano do discurso iurdiano, no plano visual. Por se tratar de um texto que manifesta dois tipos de linguagem o verbal e o visual, podemos analisar o conteúdo do discurso iurdiano a partir dos postulados da semiótica plástica presentes nas imagens que constituem o programa.

Os recursos de câmera também são empregados pela URD para a geração de efeitos de sentido. Trataremos, neste trabalho apenas dos recursos encontrados no objeto de nossa pesquisa. Os recursos de câmera como planos, focalização, angulação, movimentos, tanto no cinema quanto na televisão denotam alguns efeitos técnicos da linguagem dessas mídias.

Vejamos:

Ângulos de filmagem (enquadramentos):

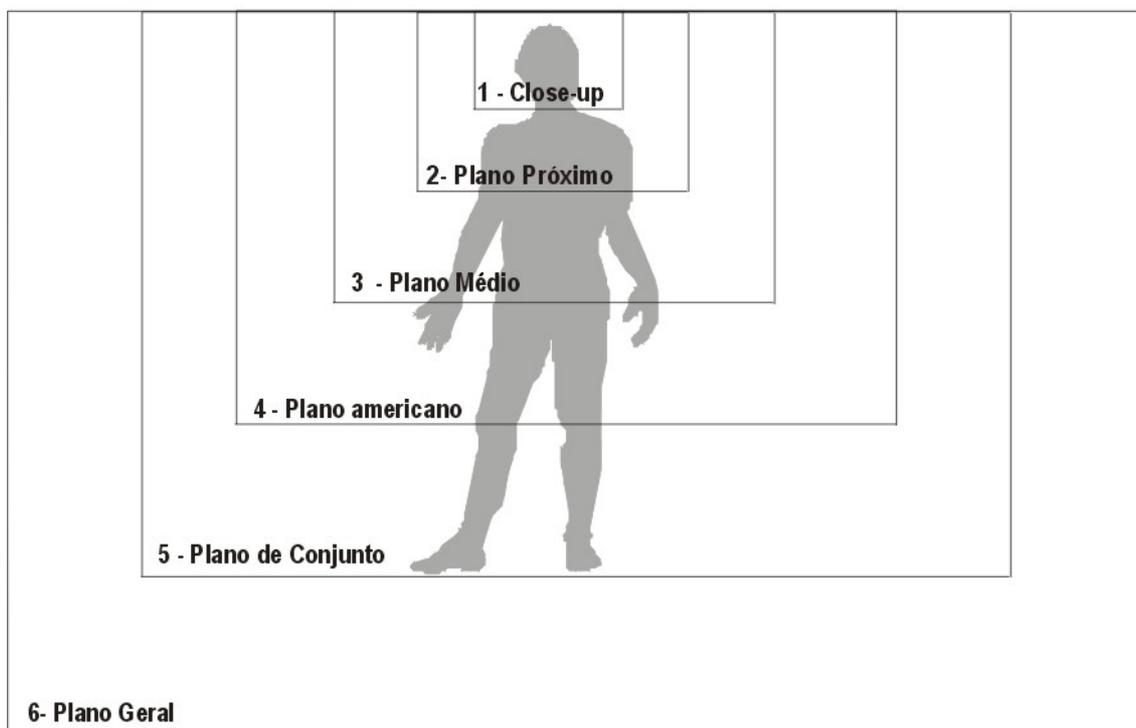
De cima para baixo: quando a câmera é colocada ao alto, a imagem se apresenta de forma achatada, produzindo uma sensação de diminuição e inferioridade, simula um sujeito que está “olhando de cima”, um sujeito superior, e o objeto visto, inferior. De baixo para cima: cria-se o efeito contrário da posição anterior, ou seja, o objeto focalizado parece estar acima daquele que vê, gerando um efeito de superioridade, simula o olhar de alguém que

esteja abaixo do objeto visualizado, portanto um sujeito numa posição de inferioridade, e o objeto visualizado, superior.

Efeitos ópticos: o zoom tem a função de aproximar e de distanciar imagens de objetos, pessoas, cenários. Alguns efeitos são possíveis com o zoom, como o efeito de profundidade de campo que consiste em mostrar o objeto focalizado assim como o seu entorno ou ao contrário, focalizar apenas o objeto que se que mostrar, apagando o que há ao seu redor.

Movimentos de câmera: a câmera se movimenta tendo o corpo humano como suporte (quando o cinegrafista a carrega sobre os ombros) e por meio de trilhos que permite gerar imagens chamadas de panorâmica no meio televisivo e cinematográfico.

Planos de câmera: diz respeito às possibilidades de se mostrar um objeto, podendo ser: de longe, de maneira que se possa ver o contexto em que esse objeto está inserido; ou de muito perto, mostrando os detalhes. O gráfico abaixo, mostra os posicionamentos de câmera mais conhecidos nas mídias que os empregam, tendo o corpo humano como referência.



**Quadro 3 - Reconstrução da Tabela de Posicionamentos de Câmera, proposta por D. Gage e Meyer, retirada de Hernandes (2005).**

Os planos de câmera são recursos utilizados para simular uma presença do telespectador como o personagem da cena. Esses recursos denotam diferentes sentidos. Uma proximidade como a do close-up<sup>12</sup> mobiliza a dimensão da afetividade, da passionalidade, das emoções. Já o distanciamento, concerne mais ao aspecto do inteligível uma vez que procura mostrar não só o objeto principal, mas as relações que este mantém com o que há ao seu redor. Assim, alguns desses recursos são empregados para manipular o telespectador com vistas a desencadear uma afetividade, de modo a tornar o telespectador um sujeito apaixonado pela igreja.

Antes de descrevermos os efeitos de sentido gerados pelo posicionamento da câmera, é importante dizer que o espaço é axiologizado pelas culturas. Na cultura ocidental por exemplo, tudo que está no alto é euforizado, tido como mais sublime e mais nobre, e tudo que está no baixo, ao contrário, é disforizado, tido como inferior. Lakoff e Johnson (1985, p.24) em *Les métaphores dans la vie quotidienne* mostram com maestria essa valorização que atribuímos a certos espaços, as metáforas pelas quais concebemos e vivemos o espaço. Vejamos algumas expressões trazidas pelos autores acima mencionados que indicam isso:

Os sentimentos eufóricos estão no alto:

Estar no *sétimo* céu. (felicidade).

Ele está no *auge* de sua forma. (saúde).

Um *alto* nível intelectual. (racionalidade).

Os sentimentos disfóricos estão nos espaços baixos:

*Cair* em depressão. (tristeza).

---

<sup>12</sup> Close-up: na linguagem cinematográfica diz respeito ao enquadramento em que ocorre a focalização de perto, mostrando a cabeça e os ombros da pessoa filmada e denota uma proximidade afetiva com o telespectador.

*Caiu* de cama. (doença).

Não cometerei essa *baixeza*. (imoralidade).

Na cotidianidade da vida também somos o tempo todo trespassados pelos valores que atribuímos ao espaço. Destarte, nas cidades os bairros localizados em terrenos mais altos geralmente são mais valorizados, o lugar da personalidade importante discursar é *elevado*, como as tribunas do judiciário e do congresso nacional, os cargos mais importantes ocupados numa empresa ou órgão governamental são considerados de *alto* escalão. Por outro lado, os espaços urbanos mais baixos são desvalorizados como é o caso da baixada fluminense, os apartamentos dos andares mais baixos são preteridos na hora da compra etc.

Poderíamos alongar os exemplos, porém esses são suficientes para ilustrar o quanto valorizamos o espaço, atribuindo a eles sentido, por meio de esquemas e maneiras de conceber e ver, ditados por metáforas que vamos repetindo e passando de pai para filho – como se fosse, realmente, a comprovação da verdade mais objetiva.

Retomando nosso objeto, podemos perceber que a enunciação em alguns momentos posiciona a câmera bem ao alto, mostrando um templo grande e lotado de pessoas. Como vimos acima, esse recurso simula alguém que vê de cima, gerando um efeito de sentido de superioridade, de verdade abrangente, de comprovação totalizante. Se o enunciador é aquele que vê de cima, significa que ele como superior é o sujeito que comanda a cena, e que os outros (os vistos) estão sob sua tutela, podendo somente aferir a grandiosidade da IURD. Assim, o que podemos perceber é um enunciador que deseja mostrar sua grandeza e o domínio que tem sobre sua igreja, porém esse domínio não pode ser entendido como imposição fascista da ordem do *dever-fazer*, mas um domínio conseguido pela vontade própria do fiel que é da ordem do *querer-fazer*. Vejamos algumas imagens do programa:



Figura 4- Imagem do momento em que o pastor ouve o testemunho narrado por um fiel durante um culto no templo da IURD.



**Figura 5 - Imagem que compõe uma espécie de um vídeo-clipe no momento em que um cântico vai ao ar. Os homens que trajam camisa social branca e estão de mãos dadas são os pastores que formam a corrente dos 318 pastores. A corrente formada pelos “homens de Deus” reforçam a imagem de uma IURD poderosa.**

A enunciação joga também com os close-ups. Ao dar um close no fiel que está falando, o enunciador deseja despertar a afetividade no seu telespectador. É o meio empregado para tomar de assalto os sentidos do telespectador, enchendo-lhe os olhos ou simulando o contato tátil, de pele na pele, a do fiel no culto com o telespectador em casa. A IURD utiliza esse recurso no momento em que o fiel testemunhante relata os momentos disfóricos de privação e de dificuldade assim como também, os momentos eufóricos em que narram as conquistas e vitórias alcançadas por meio das correntes. Percebe-se dessa forma, que a enunciação, ao fazer um close-up do fiel, deseja transmitir para o enunciatário a emoção que o personagem da imagem denota, sejam as emoções eufóricas sejam as disfóricas e consegue, assim, despertar emoção no telespectador.

As vinhetas também são utilizadas pela enunciação para gerenciar emoção e revela tais estratégias tanto no texto visual quanto no texto verbal. Segundo a definição do Aurélio, as vinhetas são sequências curtas utilizadas na programação de rádio e televisão cujo objetivo é marcar a passagem de um programa a outro, seja pelo início, encerramento, reinício. No caso do programa em análise, as vinhetas têm a função de “costurar” as partes do programa.

Contudo a função da vinheta no programa da IURD serve também a outro propósito, que não o de demarcar a fronteira entre uma parte e outra do programa, mas a de provocar emoções no seu telespectador.

A primeira vinheta apresenta um conteúdo do extraordinário, pois ela antecede à exibição de um tipo de testemunho que revela a face de uma igreja que realiza o milagre da cura de doenças. A vinheta enuncia verbalmente em tom de voz misteriosa a seguinte frase:

*“Está acontecendo na corrente dos 70 ... ao mesmo tempo em que veicula a seguinte imagem:*



**Figura 6 - Imagem de uma vinheta que anuncia as graças conseguidas pelos fieis que participaram da corrente apresentada no primeiro programa.**

Em seguida, os fieis narram as sua tragédias pessoais. São pessoas que sofreram acidentes, que tiveram enfermidades e que ao participarem das correntes da igreja conseguiram alcançar a cura. Esses testemunhos revelam histórias extraordinárias de superação que só poderia ser explicado pela “ocorrência de um milagre”.

Entretanto, o foco da nossa análise recai sobre a imagem, o texto visual. Vamos a ele. A semiótica privilegiou o plano de conteúdo em suas pesquisas, deixando em segundo plano, o da expressão. Tanto é verdade que o Percurso Gerativo de Sentido refere-se ao plano de conteúdo.

Entretanto, o plano de expressão tem ganhado espaço na construção de seu corpo teórico. Jean-Marie Floch (1985) foi o precursor nos estudos da semiótica plástica, dando um novo estatuto ao plano de expressão visto agora não apenas como meio de veiculação do conteúdo, mas como plano que também significa.

O texto visual acima, apresenta categorias de expressão que se relacionam com as categorias de conteúdo. Nessa imagem podemos perceber no plano de conteúdo a categoria fundamental *mundo profano vs mundo*

*sagrado*<sup>13</sup> que se relaciona com a categoria de expressão cromática *luz*<sup>14</sup>. vs *escuro*. O mundo sagrado está relacionado pela categoria de expressão luz e o mundo profano pela cor escura. Na semiótica plástica, quando ocorre uma relação entre conteúdo e expressão diz-se que há semissimbolismo. Nesse caso parece haver não um semissimbolismo, mas um simbolismo já cristalizado pela cultura, no qual à escuridão são atribuídos valores considerados negativos, valores de morte; e à luz, valores positivos, valores de vida.

Por outro lado, temos outra relação entre expressão e conteúdo, desta vez, semissimbólica: na imagem, a categoria de conteúdo *mundo sagrado vs mundo profano* se relaciona com a categoria de expressão *menor vs maior*. Assim, o conteúdo *mundo sagrado* se relaciona com a categoria plástica *menor espaço* e o conteúdo *mundo profano* se relaciona com a categoria plástica *maior espaço*. Desse modo, a enunciação afirma que o mundo profano carregado de valores de morte é grande – um mar de escuridão, representado no texto pela cor escura ocupando maior espaço, já a IURD representa os valores de vida e está representada pela luz em menor espaço – apenas uma estreita faixa. Porém esse menor espaço dedicado à representação da IURD pela enunciação não pode ser entendido como forma de diminuir o poder da IURD, mas de por em evidência a verdade sobre mundo: um mundo ao qual pertence à maioria das pessoas, daquelas que não buscam a igreja, um mundo duro, violento, hostil e injusto, e ao mesmo tempo, mostrar para o seu enunciatário que apesar de o mundo lá fora ser grande e cruel, existe alguém como a IURD, que pode tirar o homem desse mar de infortúnios – que é o mundo sem Deus e trazê-lo para o caminho da luz.

Floch (1985, p. 30) ao se referir a textos bidimensionais como as fotografias, por exemplo, sugere que as relações lineares sejam opostas às relações planares. As primeiras, concernem aos elementos plásticos colocados em uma organização sequencial linear que se sucedem uma após a outra, lado a lado. As segundas, diz respeito a uma organização dos elementos um ao

<sup>13</sup> O mundo profano representado nesse texto pela enunciação, diz respeito a um mundo sem Deus, sem a IURD e não ao mundo material, terreno. Visto que o mundo terreno não é negado pelo fiel iurdiano faz-se necessário essa observação, pois o que é negado é a atitude do homem em querer enfrentar o mundo terreno sem a proteção de Deus e da igreja.

<sup>14</sup> Sabe-se que no cristianismo, *luz* é utilizada como metáfora de Deus e *trevas*, representa o demônio. Não é difícil encontrar na bíblia passagens com tais referências.

redor do outro. Assim, as relações lineares são formadas pela categoria de expressão *intercalado vs intercalante* ao passo que as relações planares, pela categoria *circundado vs circundante*.

Contudo há uma segunda classificação de categoria em relação à categoria planar *circundado vs circundante*. Se o elemento circundado não for totalmente fechado pelo elemento circundante, aplica-se a categoria *cercado vs cercante*. Quando o elemento circundado for totalmente fechado e concêntrico<sup>15</sup>, aplica-se a categoria *central vs marginal*, quando o elemento não é concêntrico, a categoria que o realiza é *englobado vs englobante*. Temos, portanto no texto em análise, a categoria *cercado vs cercante* que se relaciona com a categoria mundo *sagrado vs mundo profano*.

Vejamos o quadro das relações semissimbólica do texto analisado:

Plano de conteúdo	Mundo sagrado vs mundo profano
Plano de expressão	Tamanho: menor vs maior
	Relação planar: cercado vs cercante
	Espacial 1º plano vs plano de fundo

**Quadro 4 – Quadro ilustrativo semissimbolismo**

A enunciação axiologiza nesse texto os conteúdos colocados em discurso. Podemos perceber a axiologização por meio das categorias de expressão empregadas pelo enunciador. Assim, percebe-se que o mundo profano é disforizado uma vez que representa os valores de morte - pobreza, desemprego, doença, desarmonia familiar - por isso, está representado pela escuridão, pois como já dissemos, representa na cultura cristã valores disfóricos. Por outro lado, os valores de vida – riqueza, emprego, saúde, harmonia familiar são euforizados, representados pela luz, valorizada positivamente pela cultura cristã.

Considerando a valorização espacial dada pela nossa cultura, o mundo sagrado é euforizado, por isso sua colocação em primeiro plano, o mundo profano, sem Deus disforizado, fica relegado ao plano de fundo.

<sup>15</sup> Que tem o mesmo centro.

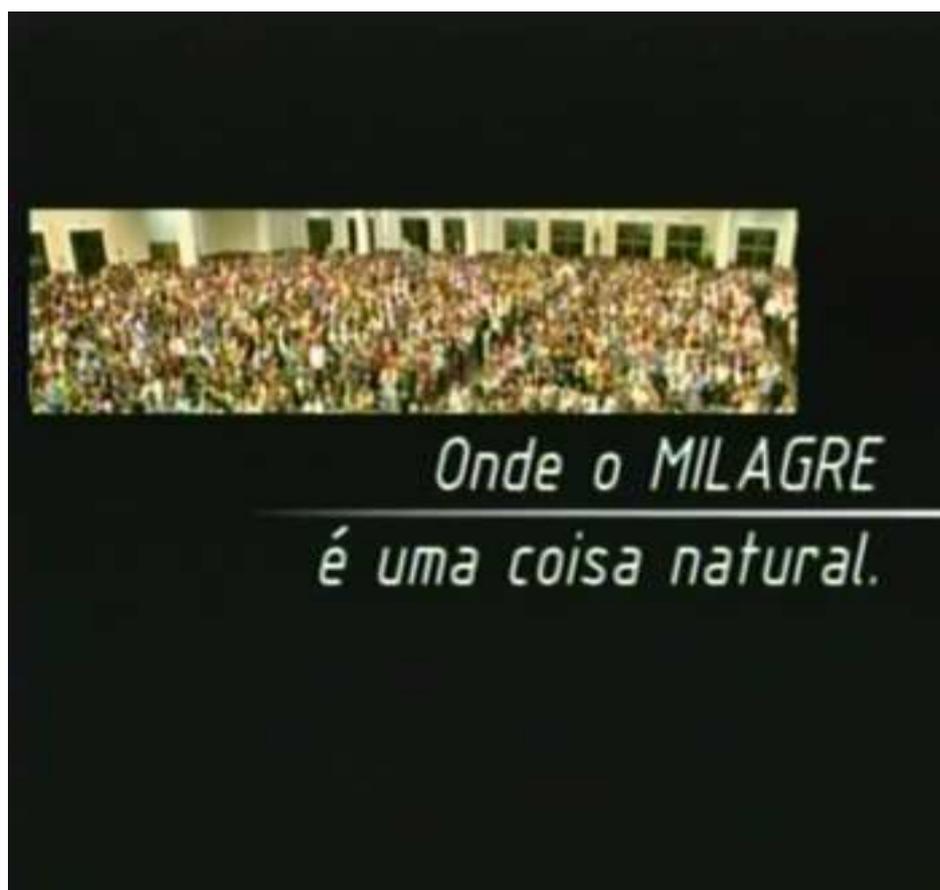
Na análise do plano de conteúdo, podemos perceber outra estratégia da enunciação. Para aumentar o grau de persuasão do telespectador, a IURD recorre ao contrato veridictório de um destinador dado pela cultura cristã, a bíblia - livro sagrado para os cristãos. Todos os ensinamentos que um cristão deve seguir e toda a cosmologia para aquele que professa a fé cristã está descrita na bíblia, desde a criação do mundo em Gênesis até o fim do mundo e o destino do homem no Apocalipse se encontra formulado nos mitos bíblicos. Assim, a bíblia representa para o fiel, a direção da vida, para todas as indagações do homem, nela, ele (cristão) encontra as respostas que procura.

Tendo a bíblia esse significado, a IURD lança mão dos conteúdos encontrados nos livros que compõem o livro sagrado cristão. Assim, a referência que a vinheta faz ao número 70, diz respeito a uma passagem bíblica, na qual está narrada a história dos 70 apóstolos que foram designados por Deus para adentrarem em algumas cidades e anunciar o reino de Deus, conforme o texto bíblico<sup>16</sup>. Dessa forma, a IURD potencializa a crença na eficácia das correntes, uma vez que o número 70 possui uma simbologia bíblica, pois a narrativa bíblica relata uma história de comunhão entre Deus e homem. Assim, os 70 pastores que participam da corrente, da mesma forma, representam essa harmonia e comunhão entre Deus e homem e por consequência, leva o fiel a uma certeza de que os seus pedidos serão atendidos, fazendo nascer nele, uma confiança ainda maior nos poderes do ritual.

Outra vinheta diz o seguinte: *Aqui o milagre é uma coisa natural*.  
Vejam os:

---

<sup>16</sup> Lc 10:1: Depois disto, o Senhor designou outros setenta e os enviou de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade e lugar onde ele estava para ir.  
10:9 : Curai os enfermos que nela houver e anunciai-lhes: A vós outros está próximo o reino de Deus.



**Figura 7 - Imagem de uma das vinhetas apresentadas no primeiro programa.**

Em relação ao plano de conteúdo, essa vinheta parece querer dar continuidade à idéia veiculada na primeira: afirmar a autoridade que a IURD tem para lidar com as coisas do mundo sobrenatural e assim realizar curas. Por isso, o conteúdo veiculado se insere no mesmo campo semântico do primeiro texto.

Este texto tem como categoria fundamental de conteúdo *natural vs sobrenatural*. As categorias de expressão que realizam os conteúdos colocados em discurso e produz relação semissimbólica são a cromática *escuro vs luz*, a categoria planar *circundado vs circundante*, a categoria espacial *maior vs menor*. Vejamos o quadro ilustrativo:

Plano de conteúdo	natural vs sobrenatural
Plano de expressão	Cromática: escuridão vs luz
	Planar: circundado vs circundante
	Espacial: maior espaço vs menor espaço

**Quadro 5 – Quadro ilustrativo semissimbolismo**

Por meio das categorias plásticas o texto visual é organizado pela enunciação que pretende persuadir seu enunciatário pelos valores que oferece. Sendo assim, o conteúdo do sobrenatural (milagre) presente no texto é euforizado, pois está representado pela luz que, como já foi dito antes, na cultura cristã representa sabedoria, paz, Deus. Em relação à categoria planar, o milagre circundado não significa o domínio das trevas sobre o milagre. O que a enunciação põe em discurso deve ser assim entendido: as trevas, metaforicamente representam o mundo sem Deus, fora da igreja. Da mesma forma que o texto anterior, o maior espaço pode significar o mundo lá fora - grande e cheio de angústias, a igreja representada pelo menor espaço nem por isso perde seu valor, pois é poderosa e mesmo diante da vastidão do mundo profano, está ali para acolher aquele que a procura.

Nesse texto podemos perceber algo a mais do que aquilo que encontramos nas categorias de expressão. A partir da imagem do texto, articulando o conteúdo, podemos perceber um efeito de sentido que sugere um jogo de linguagem entre enunciação e enunciado.

O texto sugere que o enunciatário colocado entre aqueles que pertencem ao mundo natural/profano, a partir do lugar em que está inserido, possa avistar a luz que representa o mundo do sobrenatural que é o da igreja. Assim, tem-se o seguinte efeito: aqueles que estão na parte escura do texto parecem estar olhando de um lugar privilegiado – o privilégio não está no fato de o fiel estar no mundo natural/profano, mas, no fato de poder avistar como quem olha de um camarote o lugar que ele deve procurar. Assim, a enunciação afirma que a IURD não é um lugar de difícil acesso, mas se está bem ali, ao alcance daquele que mesmo estando mergulhado nas angústias do mundo natural/profano, pode alcançar o lugar para aliviar seus sofrimentos.

Podemos perceber que as vinhetas são formas de manipulação, e se apresentam como mais uma forma para modificar estado passional do telespectador, provocando muitas vezes uma intensificação de alguma paixão já existente como a confiança, a devoção a Deus, aos preceitos da igreja etc. Assim, uma vinheta que afirma que o milagre na IURD é algo natural, pode elevar o grau de crença nas promessas que a igreja faz e transformar o telespectador meio cauteloso e hesitante em um telespectador convicto e confiante. Além disso, pode despertar interesse do telespectador que é adepto de outros credos ou que não acreditam nesse tipo de poder no âmbito da religião.

### **3.6- A oralidade e os significados subentendidos**

Um discurso oral pode trazer muitos sentidos não apenas por sua constituição retórica, mas mobiliza outros elementos próprios da oralidade envolvendo timbre, altura, duração, intensidade.

Na fonologia, o timbre é a qualidade acústica da fala humana que se obtém a partir dos diferentes graus de abertura e fechamento da boca para pronunciar sons. Tem-se nas vogais os tipos de timbre pronunciados, sendo o “a” a vogal que possui a maior distância entre o céu da boca e a língua e, portanto maior grau, ou o timbre mais aberto e o “i” e “u” a pronúncia mais próxima entre o céu da boca e língua, isto é, o timbre mais fechado. Geralmente conseguimos distinguir a voz de uma pessoa pelo timbre.

A altura do som da voz define-se a partir da frequência das vibrações que podem variar numa escala gradual em que se tem o agudo e grave, ou agudo, médio e grave. A intensidade de um som concerne ao grau de força que se coloca ao se proferir uma palavra. A duração de um som, explicam Ducrot e Todorov “é a percepção que se tem de seu tempo de emissão. No que se refere aos sons da fala, dificilmente obtém-se uma tensão constante dos órgãos da fonação, e geralmente se assiste a uma modificação da qualidade de um som prolongado” (1972: 172).

Sob esses efeitos de expressão contidos no ato de fala, há um dizer não dito que pode denotar uma euforia ou uma disforia, uma tensão ou um

relaxamento. Esse “algo a mais” contido numa frase por meio do “modo de dizer” podem gerar efeitos distintos numa mesma frase, em um mesmo contexto. Por exemplo, alguém pode dizer, referindo-se a um político, “*ele é um homem muito honesto*”. Essa sequência, dependendo dos recursos prosódicos utilizados, pode denotar uma ironia ou um elogio. Esse acréscimo de sentido na oralidade é chamado nas artes cênicas de *subtexto*.

No discurso da IURD, a modulação da voz do pastor é um fator que chama atenção pela maneira padronizada como se apresenta: há duas maneiras de discursar que se destaca entre os pastores da IURD: há uma fala mansa, suave, terna e outra que se mostra enérgica, agressiva.

Os recursos prosódicos são sabiamente utilizados pelos pastores e colaboram para a composição do sentido que se deseja. Assim, por exemplo, quando o pastor deseja falar com o telespectador do amor, da grandeza e da justiça de Deus, ele fala numa altura menor, numa duração mais longa ou extensa. Sua voz se mostra suave e afável criando um efeito de afetividade, de amorosidade, deixando as pessoas profundamente tocadas, comovidas. Já quando sua fala vem carregada de um tom mais grave, de um timbre mais aberto, numa duração mais curta dando um ritmo mais acelerado, seu discurso revela-se mais enérgico, produz no telespectador um sentido de autoritarismo e agressividade - atribuições necessárias àquele que ele tem por meta expulsar demônios, ou para exercer um poder professoral de “puxar as orelhas” do telespectador que esteja meio desanimado entre outras situações.

Assim, pode-se perceber que os recursos prosódicos são largamente utilizados pelos pastores da IURD e revela-se uma estratégia da enunciação para gerenciar emoção, já que os efeitos pretendidos visam em grande medida, persuadir, instigando o lado passional do telespectador, fazendo-o um sujeito que age movido pela paixão do amor a Deus, pela paixão da ambição por uma vida melhor aqui na terra.

### 3.7 – Paixão: motor que move a fé

O discurso da IURD é marcado por uma forte presença das paixões. A dimensão dos sentimentos, das emoções e das paixões foi introduzida na teoria semiótica como efeitos de sentido inscritos e codificados na linguagem, ou seja, como uma dimensão que ocupa um lugar nos discursos.

Assim, a teoria busca compreender como a dimensão patêmica modula a narrativa. Se num período anterior, a semiótica tinha como o centro da narrativa a ação do sujeito, nesse outro momento, a teoria busca compreender as modulações dos estados de alma do sujeito e que ocorrem no desenrolar da narrativa. No primeiro momento, houve uma preocupação com o *fazer* do sujeito; neste segundo, há uma preocupação com o *ser* do sujeito, com o seu sofrer paixões ou estados de alma.

As paixões podem ser compreendidas como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado. No programa em análise, podemos observar principalmente as paixões simples, isto é, o *querer-ser*, já que o sujeito passional tem a paixão do desejo, da ambição.

As paixões são designadas por lexemas nas línguas naturais, são produtos da cultura e, como tal, não apresentam um sentido único, o que quer dizer que as paixões são axiologizadas conforme as culturas e épocas em que se encontram inseridas.

O discurso da IURD pode confirmar como as paixões assumem diferentes valores quando se considera a época e cultura.

Como já foi dito neste trabalho, o amor e o apego às coisas materiais já foi e ainda é considerado por outras denominações religiosas como algo indigno e contrário à virtude, em outras palavras, contrário às leis divinas. Entretanto, na IURD, a busca pela riqueza é tida, não como algo desonroso, mas como um direito do fiel que possui fé, e mais que isso, a conquista de bens materiais é considerada pela igreja, como uma graça, uma bênção.

Há uma enunciação que dá ênfase às paixões eufóricas da ambição e do desejo:

São mais de dez mil pessoas participando todas às segundas-feiras, desta reunião, especialmente para a *prosperidade*. (apresentadora fala 1).

Olha, através de nossa participação, estaremos mostrando depoimento de pessoas que deram ouvidos a essa voz, essa direção e perceberam em sua vida a diferença, *as conquistas é ... bens alcançados através dessa corrente que acontece toda segunda-feira. Corrente que vai acontecer hoje.*(pastor Rodrigues).

Para entendemos melhor a importância da nação<sup>17</sup> na *vida de quem deseja vencer com solidez na vida econômica*, o seu Renato Moraes. (apresentadora fala 2).

Essa semana o telefone vai tocar, essa semana vão te procurar.  
*Essa semana alguma coisa grande vai acontecer.* (fala do pastor).

Destarte, o que se pode notar, é uma busca pela riqueza material, ou em outras palavras, o sujeito fiel vive a paixão da ambição, como se pode perceber nos testemunhos que narram o sucesso profissional, a conquista de um bom emprego, a volta dos clientes na empresa, a expansão dos negócios etc.

A paixão na semiótica está atrelada aos valores modais do *querer* e o *dever*, o *poder* e o *saber*, assim como o *crer* e o *ser* e se classificam em simples e complexa segundo a complexidade sintática do percurso narrativo em que estão inseridas. Desse modo, as paixões simples são resultantes de um único arranjo modal que modifica a relação entre sujeito e objeto, enquanto que as paixões complexas resultam da organização e encadeamento de uma sequência de percursos passionais na narrativa, de modo que esses percursos passionais se desenvolvem e dão origem a novas paixões.

Há uma outra classificação quanto aos efeitos de sentido passionais. Existem *as paixões de objetos* que ocorre pela aquisição ou não dos valores desejados como a felicidade, a infelicidade, a satisfação, a tristeza e as *paixões de confiança* que surgem da relação do sujeito com outros sujeitos como a decepção, a desconfiança, a dúvida em relação a outros sujeitos.

O discurso da IURD em um primeiro momento, mostra por pressuposição, um fiel do *querer-ser*, isto é, um sujeito que vive a paixão da

---

<sup>17</sup> Nome dado à corrente, ritual que a IURD promove.

ambição. Assim, o *querer-ser* qualifica a relação do sujeito fiel com os objetos que representam a riqueza ou a prosperidade material: o emprego na multinacional, a volta dos clientes, a expansão dos negócios, a conquista de bens imóveis como uma relação *desejável*. Ao veicular esse tipo de testemunho, a IURD deseja instaurar um sujeito confiante que conta com outro sujeito (Deus e a igreja) para alcançar seu objetivo. Ele assume o simulacro de que alguém que fará por ele tudo o que ele desejar.

Em um segundo momento, o fiel vive a paixão da felicidade, porque se encontra em conjunção com os objetos-valor figurativizados por carros, casas, empregos, apartamentos, a cura de enfermidades etc. Não se trata mais de um sujeito que vive a paixão da *espera*, mas de um sujeito *realizado*, que vive a paixão do regozijo – o que vai ser utilizado para a conquista de outros fieis, nos closes das filmagens.

A enunciação do programa busca enfatizar esse aspecto, exibindo os testemunhos que narram histórias de conquista e de sucesso - sujeitos satisfeitos em conjunção com os objetos-valor e confiantes na igreja, pois a conjunção com os objetos-valor lhes permite mostrar que a IURD *parece* e é um destinador confiável, pois está provando que cumpre o que promete, mais uma ocasião em que o conceito de veridicção é chamado a construir o sentido do discurso.

Com essa estratégia, o destinador objetiva instaurar um sujeito desejoso dos valores que a igreja difunde. Em termos semióticos, a IURD como destinador propõe um contrato com o fiel/destinatário, no qual se estabelece fiduciariamente que as bênçãos virão desde que o fiel cumpra com a sua parte que é o *dever* participar das correntes e ter fé.

Analisemos como a passionalidade é construída no cântico que compõe o programa 1:

Uma corda humana é feita para resgatar  
 Quem está na lama  
 E assim livrar  
 Quem está no poço  
 E sem direção  
 Sou a solução  
 Segue as minhas mãos  
 Quem está caído

Vai se levantar  
 Vai prosperar  
 Vai alcançar  
 Honras e riquezas  
 E Comigo está

Nesse cântico a passionalidade é construída a partir dos valores que a igreja oferece - a conquista de bens materiais. Dessa forma, o enunciador constrói um discurso em que apresenta o tema da vitória pela conquista de riquezas, mas mostra também o outro lado, o do fracasso. Entretanto, o enunciador mostra que para aquele que procura Deus por meio da igreja e seus adjuvantes – a *corda humana* formada pelos pastores e líderes da igreja, terá sua sorte mudada. Assim, revela que aquele que “está na lama”, “no poço”, “sem direção”, “caído”, ou seja, que esteja sofrendo todas as agruras da vida pode encontrar a “solução” dos problemas a partir do momento que passa a fazer parte da igreja - “ e Comigo está”. Assim, o sujeito tem seu estado transformado: passa do absoluto estado de falta para o estado de espera da abundância, recebendo depois todas as benesses de Deus: “vai se levantar”, “vai prosperar”, “vai alcançar honras e riquezas”. O sujeito que vive as paixões tristes é instado a viver as paixões alegres. O que o cântico faz é somente repetir aquilo que é enunciado o tempo todo no discurso da igreja: A IURD como o lugar para a resolução de problemas, principalmente o de natureza financeira.

As paixões podem ser analisadas a partir da semiótica tensiva. No caso em questão podemos observar como o sujeito da enunciação faz a apreciação das paixões em seu discurso. Essa apreciação não está apartada da axiologização, pois existem as paixões eufóricas e as paixões disfóricas. Entretanto, essa axiologização pode variar em intensidade segundo o julgamento apreciativo do sujeito da enunciação. Um mesmo sentimento pode ser tido como *amor* ou *loucura* dependendo da carga passional que o sujeito emprega ou do lugar que esse sentimento ocupa na escala do eixo da *intensidade*. Vemos que os lexemas *amor* e *loucura* quando inseridos no mesmo campo semântico como numa história de amor, por exemplo, pode sofrer uma variação no nível de intensidade do sentimento quanto a axiologização que se faz dele. Assim, numa narrativa sobre dois amantes a paixão *amor* pode significar um sentimento suave, delicado e valorizado

positivamente por ser considerado nobre e elevado ao passo que a loucura pode significar um sentimento mais forte, mais impetuoso e ser valorizado negativamente por ser considerado menos nobre, da ordem do descontrole.

No discurso iurdiano podemos ver essas gradações e essa axiologização das paixões. Assim, o fiel iurdiano é aquele que vive a paixão da ambição que na IURD é valorizada positivamente, diferentemente da igreja católica e das demais igrejas evangélicas. Ser ambicioso significa estar em um nível elevado no eixo da intensividade, ou seja, o sujeito não vive um simples *querer*, mas um *querer* que extrapola os limites que as demais igrejas jamais ousariam ultrapassar. Assim, esse *querer* exagerado sofre um julgamento moral por parte dos seus opositores já que se inclui em um sistema axiológico diferente.

Numa narrativa, o percurso passional pode desencadear em diversas direções. Assim, um sujeito que vive a paixão do *querer-ser* vive a espera confiante, como é o caso do fiel iurdiano, que pode não conseguir alcançar seu objetivo e assim ter seu estado passional alterado, conforme ocorre e é ignorado nas filmagens – mas que não deixa de transparecer nos discurso dos pastores, quando eles atacam seus detratores. Portanto, de uma espera confiante e relaxada, ele pode se transformar em um sujeito que vive a paixão da decepção e da frustração, que dependendo de sua relação com as modalidades do *querer*, *poder*, *saber* e *dever fazer*, poderá ou não iniciar um novo programa narrativo de vingança para liquidar a falta ou simplesmente formular novo percurso de busca de valores, por si mesmo – e não por meio de outros. Por exemplo, o fiel poderia estar vivendo a paixão da infelicidade por não ter conseguido alcançar a graça esperada, isto é, permanecer em estado de disjunção dos objetos-valor e assim dar início a um novo programa narrativo, agora um programa de vingança contra o destinador, ou iniciar um novo programa narrativo para adquirir o objeto-valor, por seus próprios meios.

Barros (1190, p. 52), com base em Fontanille, ensina que o manipulado que vive a paixão da vingança, não rejeita os valores destinados, mas o destinador, que não cumpriu sua parte no contrato. Assim, os valores continuam sendo desejáveis pelo sujeito manipulado, porém o fiel, quando se

revolta, não o faz em relação aos valores da igreja, pois felicidade e riqueza será sempre *desejável*, mas contra seus destinadores, os pastores, a IURD.

A semiótica prevê um outro desfecho para o sujeito manipulado que não obteve os valores almejados pelo não cumprimento do acordo por parte do destinador. Quando ele não consegue empreender um programa de vingança porque não possui um *saber* ou um *poder-fazer* ou mesmo por possuir um *não-querer-fazer*, ele pode, dar início a um novo programa buscando novos valores e recomeçar tudo, ou não realizar nem um outro programa quando o sujeito manipulado vive a paixão da resignação.

### **3.8 - Apropriação dos elementos da cultura popular: o espetáculo como forma de fazer-criar**

Se gerenciar relação e emoção é o grande trunfo da IURD, podemos enumerar mais uma prática que serve a esse intuito: a apropriação de elementos da cultura popular de cada país e sua respectiva introdução nas práticas ritualísticas da igreja. No Brasil há a apropriação e introdução de símbolos e rituais pertencentes aos cultos afro-brasileiros; na Argentina, os fieis levam panelas para o culto para fazer o panelaço e reivindicar de Deus as bênçãos bem ao modo dos protestos argentinos quando querem chamar a atenção para as questões políticas; na África do Sul, há os cânticos em forma de coral e danças bem ao estilo dos povos daquele país. A crença dos fieis, portanto, precisa ser de tal forma intensa, que chega a mobilizar Deus pela doação a Ele de um *dever-fazer*, no sentido de que Ele, diante da prova insistente de fé do fiel, se coloque em um estado de *não-poder-não-fazer*.

As igrejas evangélicas tradicionais não incluem em seus ritos, certos tipos de símbolos e rituais<sup>18</sup> porque os interpreta como práticas próprias das

---

<sup>18</sup> Este aspecto se mostra interessante porque as igrejas tradicionais evangélicas não admitem práticas ritualísticas em seus cultos, pois acreditam que os rituais de qualquer natureza são práticas de adoração ao demônio. Porém, os cultos da IURD também são marcados por rituais como a cerimônia da santa ceia em que comem o pão e tomam o vinho numa alusão a Cristo. Esse ritual, segundo a antropologia, funciona como uma espécie de canibalismo simbólico, já que o pão representa o corpo e o vinho o sangue de Cristo. Assim os fieis comem simbolicamente o corpo de Cristo e bebem o sangue de Cristo. Outros rituais como ajoelhar-se, bater palmas, dançar entre outros são práticas ritualísticas, embora os evangélicos não as vejam com tal.

religiões afro-brasileiras as quais são combatidas pelos evangélicos que as interpretam como religiões diabólicas.

A apropriação dos símbolos e ritos das religiões afro-brasileiras pela IURD, funciona como gerenciamento de emoção à medida em que serve ao intuito de potencializar um *fazer crer* no enunciatário, ou seja, trata-se de uma estratégia que busca penetrar nas raízes da identidade cultural de um povo e ali estabelecer seus domínios. Assim, a igreja mobilizando os elementos e práticas simbólicas que compõe as diferentes culturas, cria vínculos mais estreitos com o fiel, de forma a torná-lo mais próximo e mais inclinado a aceitar os valores que a igreja difunde.

A introdução desses símbolos no culto iurdiano foi bem aceita pelos fieis, porque não são percebidos como oriundos das religiões afro-brasileiras. A grande popularidade que esses ritos e símbolos alcançaram ao longo da história possibilitou sua incorporação à cultura popular o que deu a eles um estatuto de crenças e simpatias<sup>19</sup> e dificilmente serão associados aos cultos afro-brasileiros tão repudiados pelos evangélicos de forma geral. Expliquemos por que a apropriação de tais símbolos e ritos é estratégica para persuadir o fiel.

A IURD tem como um dos pilares de sua doutrina, a realização das correntes. Essas correntes são altamente ritualísticas. Elas não se realizam apenas por meio de orações, mas com a introdução de objetos concretos, talvez com o propósito de criar naquele que participa da corrente, uma expectativa também mais concreta, uma vez que se recorre aos elementos simbólicos que estão arraigados no imaginário popular.

Como se sabe, há no imaginário popular a crença de que, com a realização de pequenos ritos conhecidos como simpatias, que podem ou não possuir alguma ligação com algum tipo de divindade, “consegue-se” obter alguns efeitos de ordem prática na vida das pessoas. É comum para algumas pessoas se fazer pequenos ritos para curar pequenas enfermidades, para “prender” ou conquistar a pessoa amada, para afugentar a inveja, para curar mau-olhado, para espantar visitas indesejadas e mais uma infinidade de

---

<sup>19</sup> Segundo o dicionário Aurélio, simpatia significa: Ritual para prevenir ou curar enfermidade ou mal-estar.

coisas. Sobre esse aspecto, Pierucci (2001, p. 44) aponta como se dá a relação da magia com o praticante:

A magia torna o mundo mais próximo de nossas próprias mãos, deixa os poderes superiores mais acessíveis à nossa própria vontade, simbolicamente mais controláveis; a magia delimita e aproxima os resultados que promete.

Para a realização desses pequenos ritos, muitos elementos são utilizados como sal grosso, flores (rosa brancas e vermelhas) plantas como a arruda, espada de São Jorge, roupas brancas etc. Todos esses elementos são oriundos dos cultos afro-brasileiros. A apropriação desses símbolos pela IURD, segundo Proença (2006, p. 278) permite “uma continuidade com o mundo mágico das religiões afro-brasileiras e do catolicismo de devoção popular”. Sendo assim, aquilo que por muito tempo foi rejeitado pelo catolicismo institucional e pelo protestantismo tradicional foi muito bem utilizado pelos neopentecostais. Os símbolos, crenças e toda forma de mística popular, uma vez rejeitados nas citadas denominações, encontraram na IURD um terreno fértil para germinar.

A introdução dos elementos simbólicos no culto iurdiano parece funcionar como mais um dos artifícios empregado pela igreja na persuasão dos fieis, já que realizar uma corrente e introduzir nela elementos simbólicos da cultura popular, significa apropriar-se, por meio de um processo de bricolagem, de algo que já possui um sentido para o fiel, significa compor, no discurso, a sua presença, o simulacro em que aparece em conjunção com os valores que assume. Se no imaginário popular a arruda espanta *mau-olhado*, por exemplo, na IURD soma-se a esse poder contido no rito, a bênção de Deus, já que todos os elementos introduzidos nos rituais da igreja passam por um processo de ressignificação sob a ótica do evangelho.

Dessa forma, a IURD ao introduzir os símbolos da cultura popular em seus cultos, cria no seu destinatário uma expectativa de maior eficácia do ritual (corrente), uma vez que há uma soma de algo que já é dado como possuidor de algum poder como é o caso do sal grosso, da rosa branca com o poder de Deus, referendado nas orações dos pastores sobre os objetos. Além do mais, por meio dos materiais do rito, o que é abstrato torna-se mais concreto por meio de uma figuração que congrega uma dupla semiótica, a do mundo natural

e da língua natural – o uso do sal congrega um nome e suas significações na cultura bem como as qualidades de sua matéria mesma, na experiência sensorial dela.

Por isso, é comum nas correntes da IURD o emprego de sal grosso, de arruda, de roupas brancas etc. Há, da parte do enunciador estrategista, um procedimento que visa por meio de uma espécie de *bricolagem* de valores, criar um mecanismo para representar, no discurso, a presença desse enunciatário, o fiel brasileiro, que não deixa de manter vínculos com diversos credos, mesmo quando professa um deles como o oficial.

Percebe-se por outro lado, que os elementos simbólicos utilizados pela IURD em seus templos não se limita apenas àqueles oriundos dos cultos afro-brasileiros. Objetos comuns do dia-a-dia são ritualizados nos cultos iurdianos, ganhando assim um estatuto mágico. Nos cultos da igreja é comum o emprego de objetos como *rosas do amor, laço de fita da prosperidade, pedra para abrir caminhos, pão da fartura, óleo ungido contra a inveja etc.* Ao adquirir e levar para casa um desses objetos, o fiel acredita que estará mais próximo da graça que deseja alcançar.

Agindo dessa forma, a IURD se diferencia das demais denominações evangélicas, no sentido de agregar em torno de si os elementos simbólicos dos cultos afro-brasileiros, além de “criar” outros elementos ritualísticos. O resultado final de tudo isso é a grande aceitação do público a essa prática, já que a igreja, perspicazmente percebeu esse gosto que o povo brasileiro tem por esse tipo de crença.

A partir dos aspectos analisados, percebe-se que o discurso iurdiano tem como objetivo último, a adesão do seu telespectador. Por isso, as estratégias empregadas pela enunciação visam a esse propósito. Construir um discurso requer um cálculo, uma regulagem de meios para que os efeitos desejados possam ser alcançados, e isso, chamamos neste trabalho, de gerenciamento de relação e de emoção.

Percebe-se que a IURD gerencia relação e emoção em diversos aspectos do programa, desde as vinhetas até os testemunhos e pregações. Vimos que os testemunhos apresentados só revelam histórias de sucesso, de superação, que os pastores é quem conduzem os testemunhos dos fieis o tempo todo, dando destaque aos aspectos que demonstram a transformação

pela qual passou o fiel. As vinhetas, por meio da oralidade e da imagem, põem a IURD na posição de um sujeito onipotente, já que se coloca como instrumento usado por Deus. A pregação dos pastores busca fazer daquele fiel de crença meio hesitante um crente mais convicto; e daquele que se encontra em estado disfórico, já sem esperanças, um sujeito da esperança e da confiança absolutas, passando do estado de um sujeito do *crer-não-poder-ser* a um sujeito do *não-crer-não-poder-ser*. Essa convicção assumida o reabilita como sujeito do *querer* e do *poder ser*, para empreender a busca do sucesso em todos os sentidos.

Por meio da manipulação a IURD gerencia relação com o telespectador de maneira a aproximar-se dele, chamando-o de amigo, amiga, permitindo algumas brincadeiras ou, em outro momento, tratando-o de maneira mais formal (senhor, senhora). Tudo isso revela estratégias criadas pela enunciação no intuito de trazer o telespectador ou os fieis para mais perto da igreja, criando assim, uma atmosfera de confiança e de amizade.

A partir dessa confiança assumida, a IURD passa a gerenciar emoção, já que para o telespectador, a igreja se revela um destinador confiável. Assim, vimos que as formas de gerenciamento de emoção entram em cena: por meio do cântico, das vinhetas, dos testemunhos, das pregações são mobilizadas as paixões do *querer-ser* em que o fiel vive a busca pela conquista da casa própria, do automóvel de luxo com o qual sonha, da realização no trabalho, no amor, na vida familiar, na cura de enfermidades – valores supervalorizados pela sociedade de consumo e recategorizados pela IURD como valores de universo – o que Deus faculta, nesta vida, para todo aquele que crê, segue e cumpre a programação da igreja.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quando você acredita em coisas que não entende, então você sofre; a superstição não é o caminho. (Stevie Wonder)*

*As pessoas vivem aterrorizadas porque não compreendem as causas por trás das coisas que acontecem na Terra e no céu, atribuindo-as cegamente aos caprichos de algum deus. (Lucrécio)*

*Nossas teorias contam apenas parte da história. Será que devemos então abandonar Stevie Wonder e Lucrécio e abraçar o medo? Não! Quando paramos de perguntar, estagnamos: o círculo do conhecimento passa a nos apertar. Se paramos de perguntar, o desconhecido deixa de ser um desafio e transforma-se num monstro. Talvez nunca saibamos todas as respostas; mas, ao tentar, permanecemos livres. (Marcelo Gleiser)<sup>20</sup>.*

A Igreja Universal do Reino de Deus representa hoje um grande marco na história da religião no Brasil. Sua atuação no Brasil e no mundo alcançou patamares nunca vistos antes. Conseguiu grande notoriedade em diversos aspectos: a) pela rapidez com que se projetou no Brasil e no mundo - hoje com pouco mais de trinta anos, desde a sua fundação, a IURD está presente em todo o território brasileiro e possui templos espalhados em vários países; b) a IURD comanda um conglomerado econômico que inclui, entre outros tipos de negócios, o setor de comunicação, seu *carro-chefe*; c) a IURD inovou em duas

---

<sup>20</sup> Artigo intitulado *Stevie Wonder, Lucrécio e o medo* publicado no caderno *Mais!* na Folha de São Paulo no dia 14/02/2010.

direções: tornou a religião um produto midiático arregimentando multidões que abarrotam os seus mega-templos e introduziu novos valores no campo da religiosidade.

A pesquisa que empreendemos procurou demonstrar as formas de gerenciamento de relação e de emoção empregadas como estratégias de persuasão no discurso iurdiano. Nesse sentido foram levantadas as seguintes hipóteses:

a) O discurso da IURD emprega estratégias de manipulação do telespectador que passam pelo gerenciamento de relação e de emoção; b) A IURD empenha-se em construir um simulacro de si mesma como um destinador competente; c) A IURD instaura o fiel como um *não-sujeito*, tal como concebido por Coquet, ou seja, o *não-sujeito* é um personagem que no discurso age dentro da programação que lhe é imposta, sem fazer uso da razão para instaurar outra via de busca de valores.

Começamos pela primeira hipótese. Vimos neste trabalho que a rede Record de televisão mantém em sua programação um espaço destinado à exibição de programas de teor religioso. Nos programas analisados, pudemos perceber que a igreja elabora um discurso com vistas a persuadir o telespectador dos valores que propaga. Essa persuasão, no entanto, está alicerçada em dois aspectos: no gerenciamento de relação e no gerenciamento de emoção.

No que diz respeito ao gerenciamento de relação, observamos que há a relação do fiel com Deus, do fiel com os valores e do fiel com a igreja e seus pastores.

A relação do fiel com Deus é reproposta pelo discurso iurdiano, em confronto com a relação estipulada por outros credos. No discurso da IURD, Deus não é instaurado como um ator distante cuja face o fiel mal encara, uma entidade existente somente para receber preces e submissão respeitosa. Deus é aquele que pode tudo, mas que o fiel tem de interpelá-lo de maneira veemente, aquele de quem tem o direito de, literalmente, exigir os valores que busca. Dessa forma, a relação do fiel com Deus não parece mais um jogo unilateral de exigências e esperas, mas um jogo em que ambos aparecem como interpelados da mesma forma. Assim, o sujeito é instaurado mais como uma subjetividade ativa do que como um objetividade passiva ou apequenada,

o que não deixa de ser artifício cativante para aqueles que chegam em estado disfórico na igreja.

Igualmente, a relação do fiel com os valores é refeita no sentido de que aqueles valores que, em outros credos, eram facultados a poucos (valores de absoluto), riqueza, sucesso, felicidade plena, ou que em outros credos eram valores buscados por pecadores –, passam a ser valores destinados a todos os fieis (valores de universo), aqueles santificados na e pela igreja. Todos os valores da sociedade de consumo passam a ser valores que Deus reserva aos que acreditam na IURD e a seguem. Não há, portanto, simulacro mais atraente para o fiel abatido por um mundo competitivo e duro do que ver suas relações com o Destinador dos destinadores (Deus) e com os valores desejados, impossíveis e mesmo proibidos colocados como desejados, possíveis e mesmo facultados. Esses valores são tudo aquilo que resulta da posse do valor dos valores: o dinheiro.

No discurso iurdiano, o destinador procura aproximar-se de seu destinatário de forma a conquistar sua confiança e até mesmo estabelecer com ele um vínculo de amizade e afeto, em todos os sentidos.

Dessa forma, o destinador cria no telespectador um sentimento de confiança, de amizade, de afeto – sentimentos estes que ocorrem mais facilmente entre aqueles que se irmanam em torno de um mesmo ideal e de uma mesma crença. Vejamos algumas situações em que verificamos esse aspecto. Durante os testemunhos é muito comum a interação do pastor com o auditório, situação em que ocorrem brincadeiras, risadas, enfim, uma distensão criando uma atmosfera de amizade e de irmandade baseada na crença na igreja, nos valores que prega e nos pastores. Nos programas de tv, os pastores instalam os fieis e seus telespectadores sob a figura de amigo, amiga, cria, durante os testemunhos, brincadeiras com os fieis testemunhantes e dialogam com o auditório, fazendo perguntas do tipo “Deus é ou não é poderoso, pessoal?”. Outras vezes, como fez com a fiel que narrava a graça recebida, pergunta-lhe: “*Aconteceu o quê? Tô curioso!*”, fazendo o auditório inteiro rir-se com a brincadeira, fato que revela muito da atmosfera instaurada, para o convívio discursivo dos atores: a igreja, o fiel e o pastor.

Percebe-se que essa atmosfera criada pela igreja proporciona ao fiel um sentimento de pertença ao grupo da irmandade iurdiana na qual todos

compartilham as mesmas angústias, os mesmos sofrimentos, as mesmas buscas e os mesmos sonhos. Assim, o gracejo do pastor ao perguntar para a fiel testemunhante o que aconteceu e ao insinuar-se como um sujeito passional, fazendo o papel de “curioso”, provoca risos no auditório porque simula a certeza absoluta da face milagreira da igreja. Como um tipo de ironia, o gracejo só poderia confirmar uma situação: o relato de uma graça alcançada, no caso em questão, o fechamento de um contrato de emprego com uma multinacional chinesa, estratégia discursiva que cria no auditório um sentimento comum de confiança, de satisfação, de comunhão de crença na certeza dos prodígios da igreja.

Todas essas situações aqui relatadas revelam o que chamamos neste trabalho de gerenciamento de relação e que, como vimos, tem como fim último, aproximar o enunciatário, estreitar laços afetivos, o que não deixa de ser uma forma de manipulação, proporcionando uma abertura para um outro tipo de manipulação com a qual trabalhamos nesta pesquisa, o gerenciamento de emoção.

Verificamos que a IURD tem como estratégia, na comunicação de seus valores, e principalmente como forma de persuasão, o gerenciamento de emoção que se faz presente em todo o discurso iurdiano.

O gerenciamento de emoção é ponto alto nos programas analisados, pois é por meio deles que a igreja manipula o telespectador, apelando aos seus sentimentos, passionalizando-o. O cântico, as vinhetas, as falas dos apresentadores e dos pastores, os testemunhos dos fieis – tudo tem como fim último conseguir a adesão do telespectador. Em termos semióticos, chamamos de manipulação todo e qualquer tipo de gerenciamento de relação e de emoção, isso porque trata-se da ação do destinador IURD que visa transformar o estado modal do sujeito que vive um *não querer fazer* ou que crê ser um sujeito do *não poder fazer* em um sujeito do *querer* e do *crer poder fazer*.

Vimos que, para manipular o telespectador por meio da emoção, a IURD lança mão de diversas estratégias como veremos a seguir.

A igreja promete resolver os problemas de qualquer natureza daquele que a procura. Assim, problemas financeiros, de doenças, de vícios, problemas conjugais, familiares – tudo pode ser resolvido na e pela igreja. Tendo a

Teologia da Prosperidade como ponto de partida, a IURD promete e antecipa o paraíso para o mundo terreno, para o agora, enquanto que, para o protestantismo tradicional assim como também para o catolicismo, o paraíso só é prometido para uma outra dimensão, ou seja, para um tempo futuro de um vida pós-morte, no reino dos céus. Para persuadir o telespectador, a igreja faz ir ao ar somente testemunhos que contam histórias de sucesso, de vitórias, de conquista das graças almeçadas. Assim são mostrados os testemunhos de fieis contando que deixou de ser empregado porque virou dono do seu próprio negócio, que conquistou um emprego na multinacional chinesa, que conseguiu comprar o apartamento dos sonhos, o automóvel importado, que conseguiu voltar a andar, que não precisa mais fazer uso de anti-depressivos, entre tantos outros relatos de graças alcançadas. Em síntese, narrativamente, os relatos seguem um esquema fixo: um sujeito em estado juntivo disjuntivo de valores que almeja e vivendo paixões tristes, realiza uma performance de busca da igreja e, por fim, uma transformação estupenda da qual resulta um sujeito em estado juntivo conjuntivo com os valores desejados e vivendo paixões alegres.

A forma como esses testemunhos são narrados nos programas também foram considerados por nós como estratégia de gerenciamento de emoção, já que todos os testemunhos dados no altar da igreja sofrem a intervenção do pastor que se coloca como mediador entre o fiel testemunhante e o auditório. Assim, o pastor consegue por em evidência os pontos altos do testemunho, aspectualizando a narrativa, fazendo durar este ou aquele ponto do relato do fiel como pudemos perceber nas análises.

As vinhetas que compõem os programas também revelam estratégias de gerenciamento de emoção, pois os conteúdos que transmitem visam a fazer do telespectador neutro ou descrente em relação aos valores da igreja um sujeito do *querer* e do *crer poder fazer*, isto é, um fiel iurdiano, aquele crente a toda prova e para quem não há o impossível. Vimos que as vinhetas mostram a IURD como alguém capaz de realizar milagres, termo este que encerra um significado que extrapola os limites do natural, do possível no mundo dos homens, porque vem de uma outra dimensão, a do mundo sobrenatural. A IURD por se colocar como um lugar hierofânico por excelência, afirma na vinheta que ali o milagre é natural, é cotidiano, acessível a todos que fazem parte dela. Mais do que isso, o discurso joga com todos os meios e linguagens.

Por meio das categorias plásticas, a vinheta põe em discurso os efeitos de sentido que procura provocar em seu enunciatário, fazendo emergir no telespectador a emoção provocada pelos aspectos sensoriais como *luz vs escuridão, maior espaço vs menor espaço* para veicular o conteúdo do inumano, do extraordinário, do assombroso, do sobrenatural possível e “natural” no sentido de corriqueiro no espaço da poderosa IURD.

A vinheta que anuncia *Está acontecendo na corrente dos trezentos e setenta* só confirma aquilo que a outra vinheta enuncia: o acontecimento dos milagres, a realização dos prodígios da igreja que ocorrem por meio das correntes, realizadas durante os cultos em seus templos.

As falas dos pastores na apresentação do tipo telejornalismo vão na mesma direção que as demais partes dos programas analisados, pois visam manipular o telespectador gerenciando emoção. Assim, os pastores buscam persuadir o público mostrando a igreja como lugar de conquista de bens materiais, como lugar de alívio para os sofrimentos da alma, como lugar onde todo o tipo de sofrimento pode ter um fim. O mesmo ocorre com a fala da apresentadora que conclama o telespectador para participar das correntes que a IURD realiza, da repórter que entrevista o fiel, narrando suas histórias de conquistas depois de participar das correntes, com o cântico que traz a mesma mensagem.

Outro aspecto que achamos interessante na IURD e que classificamos como gerenciamento de emoção concerne à apropriação das crenças e símbolos da cultura popular e sua incorporação à doutrina iurdiana. Ao perceber o gosto das classes populares por esse tipo de crença e prática, a IURD introduziu em sua doutrina esse lado místico e mágico das crenças populares. Não tolerada e até mesmo rejeitada no catolicismo institucional e no protestantismo tradicional pelo caráter mais racionalizado da doutrina dessas denominações, as simpatias, os rituais mágicos, os objetos ritualísticos ganharam um lugar de honra entre as práticas iurdianas. Assim, é muito comum, nas correntes que a igreja realiza, esse traço marcante da IURD, o seu caráter altamente simbólico e ritualístico, composto mais pela materialidade dos rituais e objetos que utiliza do que por uma postura mais racional e intelectualizada de leitura e sistematização doutrinária.

Dessa forma o sal grosso, o raminho de arruda, a rosa vermelha ou branca do amor, a espada de São Jorge, o frasquinho com óleo ungido, a fotografia ou a roupa de alguém viram objetos ritualísticos preñes de sentidos e ressignificados sob a ótica do evangelho, já que, na apropriação dos símbolos da cultura popular, sofrem uma transformação, passando por explicação e justificação a partir da leitura das Escrituras Sagradas. Assim, o sal grosso, por exemplo, tem seu valor a partir de uma passagem bíblica que diz: *Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para ser lançado fora, pisado pelos homens.* Mateus 5:13. Como vimos, a apropriação das crenças e práticas populares ocorrem em outros países. Destarte, a incorporação desses símbolos e crenças mágicas possuem uma função fundamental na constituição do discurso iurdiano, pois mostra-se como mais uma forma de manipulação já que a apropriação de símbolos e crenças enraizadas no imaginário popular assegura uma credibilidade que culturalmente já lhe é intrínseca, por isso, de fácil aceitação pelo fiel proveniente da mais variada formação religiosa. Conforme diz o provérbio, é com mel que se pega mosca. Todo aquele que entra no espaço da IURD encontra ali um pouco daquilo que o sensibiliza, os valores que também o constituem. Poderíamos dizer que a IURD sujeita-se ao acolhimento de alguns valores e práticas de outros credos não só para cooptar o fiel, mas para eliminar outros mais fundamentais a esses credos, seus opositores.

A segunda hipótese do nosso trabalho de que a IURD pretende construir um simulacro de si mesma como um destinador competente foi plausivelmente confirmada. Vimos que a igreja tem como cerne de sua constituição doutrinária, a Teologia da Prosperidade. Assim, afirma que todo aquele que segue a igreja e que tem fé deve exigir de Deus uma vida próspera com aquisição de riquezas e felicidade, pois acredita que Deus quer para os seus o melhor da vida terrena. Além disso, a igreja diz possuir poderes para resolver problemas de outra natureza que não o financeiro, como já vimos. Pautada nesses valores, a IURD procura mostrar-se para o fiel como um sujeito poderoso que fala e que faz, como representante de Deus. Por isso, ao afirmar que o homem nasceu para ser rico e feliz e que para isso basta que ele

creia e passe a fazer parte da igreja, ela mostra, por meio de sua própria imagem colossal, que aquilo que enuncia para os fieis é possível.

Por isso, a IURD não tem pudores em construir templos grandiosos e luxuosos, em afirmar com orgulho que é proprietária de empresas, que seus pastores andam de jatinhos, de automóveis de luxo, que possuem alto padrão de vida – mas faz uma ressalva dizendo que tudo isso pertence à igreja e não a seus membros particulares, muito menos a seu líder, Edir Macedo. Dessa forma, a IURD mostra que tudo isso é possível ao fiel porque ela mesma, enquanto instituição, traduz materialmente o que afirma no discurso. Assim, constrói o simulacro de uma igreja poderosa, mostra-se como um sujeito competente para aquilo que promete para seu destinatário, pois prova que pode realizar prodígios, já que ostenta, para quem quiser ver, a face de um dos milagres que afirma realizar, o da prosperidade material. Agindo dessa forma, o fiel modaliza a IURD como um sujeito competente e verdadeiro porque ela mesma é a imagem mais que figurada, transfigurada, do sucesso, do poder, da prosperidade, da capacidade de realizar prodígios, deixando-se seduzir, isto é, acreditando na IURD e naquilo que promete, transformando-se assim num sujeito extasiado.

Terceira hipótese, a de que a IURD instaura o fiel como um não-sujeito também se confirma. Vimos, em todo o discurso iurdiano, que o fiel acredita que todos os males que o afligem tem origem nas forças ocultas, mais precisamente no Diabo. Assim, o desemprego, o baixo salário que recebe, as doenças, os vícios, a falta de moradia, a violência que sofre, os desentendimentos familiares, o fracasso no casamento, os problemas psicológicos e emocionais são atribuídos às forças do mal, ao Diabo. Destarte, a resolução para os problemas só pode ser buscada na esfera do sobrenatural, no campo da religiosidade. Entretanto, não pode ser em qualquer religião ou igreja, deve ser na IURD, pois é ela quem possui os poderes exclusivos para resolver os problemas do fiel.

O fiel iurdiano não busca alternativas. Ele não possui outra visão do mundo para buscar soluções. Nesse sentido, o fiel iurdiano adquire o estatuto de *não sujeito*, como concebido por Coquet, à medida que ele só cumpre a programação imposta pela igreja, ele não é capaz de julgamento crítico e se sujeita à programação de vida dado pela IURD. Assim, o fiel iurdiano na

condição de *não sujeito*, não procura a solução para seus problemas onde deveria, na esfera política, pois não concebe o mundo numa visão secular, mas o concebe como um mundo encantado, povoado por forças do bem e do mal – de um lado estão Deus, seu filho Jesus Cristo, o Espírito Santo, os anjos de Deus e, de outro lado, está o Diabo e sua legião de anjos, os demônios figurativizados pelos orixás dos cultos afros como o Exú Caveira, Maria Padilha, Pomba Gira, Preto Velho, Zé Pilintra entre tanto outros. O que afirmamos antes sobre o aproveitamento da simbologia material de outros credos, ao lado do descarte dessas figuras do Diabo ou do mal, demonstra que o discurso iurdiano opera por uma bricolagem seletiva. Ele aproveita a materialidade dos elementos sal, arruda, por exemplo, com seus apelos sensibilizadores dos sujeitos que os usam, para descartar as entidades centrais dos cultos adversários.

Com essa visão encantada do mundo, o fiel da IURD cumpre a programação que o discurso da igreja impõe: todos os males da vida não tem outra origem senão aquela oriunda das forças ocultas, da ação do Diabo e sua turba, por isso devem ser combatidas na igreja, por meio da participação nas correntes, pela doação de dinheiro para igreja como meio de contribuição com a obra de Deus e para provar o tamanho da fé do fiel, pois quem dá muito, além de provar sua fé, terá uma grande recompensa.

Assim, a IURD não preocupa as estruturas que geram todas essas mazelas, pois a rebeldia só ocorre em outra frente, no nível da cultura. É por isso que o autor citado anteriormente afirma que a IURD contribui com a manutenção do *status quo*, à medida que mantém o povo alienado das questões políticas.

Fechamos nosso trabalho longe das certezas absolutas, mas com a convicção de que a caminhada, o empenho, a memória do conhecido nos impulsionam e nos predispõem a seguir em busca constante do maior entendimento possível do mundo que nos rodeia, pois, conforme a epígrafe, quando paramos de perguntar, estagnamos e o círculo do conhecimento passa a nos apertar.

Assim, é preciso dizer que novos olhares poderão ser lançados sobre o objeto estudado, já que como sabemos, um trabalho dificilmente pode ser considerado como pronto e acabado. Parece-nos que se poderia, ainda,

estudar a exploração da dimensão da passionalidade do fiel iurdiano, a partir da semiótica tensiva, como a contemplação da força da intensidade e da extensividade da crença, da fé do fiel iurdiano, em relação ao valor proposto. Outra direção seria, tomando os trabalhos de Christoph Turcke,<sup>21</sup> autor de *Sociedade Excitada*, estudar a questão do vício, como dependência causada pelas máquinas audiovisuais do mundo moderno, cada dia mais sofisticadas nas suas potencialidades e nas técnicas de seu manuseio, capazes de efeitos narcóticos semelhantes aos da drogas modernas.

---

<sup>21</sup> TURCKE, Christoph. **Sociedade excitada**. São Paulo: editora Unicamp, 2009. Ver, também, do mesmo autor, a obra intitulada *Filosofia do sonho*.

## REFERÊNCIAS

ABREU, S. A. *A Arte de Argumentar*. 4ª ed. Cotia – SP: Ateliê Editorial, 2001.

ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Paris: Librairie Générale Française, 1991.

BARROS, D.L.P. *Teoria Semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.

BARROS, D. L.P. *Uma reflexão semiótica sobre a "exterioridade" discursiva* (no prelo). Alfa (ILCSE/UNESP), v. 2, p. 1-16, 2009.

BARTHES, R. *Aula*. Tradução e Posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.

BENVENISTE, E. *O aparelho formal da enunciação*. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada*. Trad. de João Ferreira de Almeida. 2ª ed. Barueri - SP: Sociedade bíblica do Brasil, 1993.

BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

CAMPOS, L. S. *Teatro, templo e mercado*. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.

COQUET J. *Le discours et son sujet I*. Paris: Klincksieck, 1984.

DUCROT, O. e TODOROV, T. 2ª. ed. *Dicionário Enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESTATUTO E REGIMENTO INTERNO DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Universal, s. d.

FERNANDES, José Genésio. *Leitoras de Sabrina: usuárias ou consumidoras? (Um estudo da prática leitora de romances sentimentais de massa. São Paulo, tese (Doutorado em Semiótica e linguística Geral) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2000.*

FIORIN, J. L. *A crise da representação e o contrato veridictório no romance*. IN: Revista do GEL, Grupo de estudos linguísticos do Estado de São Paulo, v. 5, n. 1. Rio De Janeiro: 2008.

FIORIN, J. L. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008a.

FIORIN, J.L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988b.

FLOCH, J.M. *Petites mythologie de l'oeil et de l'esprit*. Hadés-Benjamins:1985.

FONTANILLE, J. *Semiótica do discurso*. Trad. De Jean Cristtus Portela. – São Paulo: Contexto, 2007.

FRANCA, H. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GREIMAS, A. J. *A enunciação: uma postura epistemológica*. Paper on-line traduzido do francês por *Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz com colaboração e Notas de Jean Cristtus Portela*. Disponível em:  
<http://www.faac.unesp.br/pesquisa/ges/download/textos/enunciacao.pdf>.

Texto original: "L'Enonciation: une posture épistémologique". In: *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*, nº 1. Ribeirão Preto (SP), 1974, pp. 09-25. Acesso em 12/12/2008.

GREIMÁS, A. J. *Du sens II - essais sémiotiques*..Paris. Seuil, 1983.

GREIMÁS, A. J. *Ensaio de semiótica poética*. Trad. de Heloísa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

- GREIMÁS, A. J. *O contrato de veridicção*. São Paulo: Acta semiótica et linguística. Humanitas, 1978.
- GREIMÁS, A.J. *Semiótica e Ciências Sociais*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- GREIMÁS, A. J. *Semântica Estrutural*. Trad. de Haquira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GREIMÁS & Courtés J. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette. 1979.
- HERNANDES, N. *Semiótica dos jornais. Análise do Jornal Nacional, Folha de São Paulo, Jornal da CBN, Portal UOL, revista Veja*. 304 f. Tese (doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HOUAISS, A. *Dicionário da língua portuguesa*. /Antônio Houaiss e Mauro Salles Vilar. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.
- JAKOBSON, R. Aspectos Lingüísticos da Tradução. In: \_\_\_\_\_. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- KOCH, I.G. V. *Introdução à lingüística textual*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KRAUSE, G. B. *A ficção cética*. São Paulo: Annablume, 2004
- KREPS, G. L. *La Comunicación en las Organizaciones*. 2ª ed. Wilmington Delaware, USA: Addison – Wesley Iberoamericana, 1995.
- LANDOWSKI, E. *Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa*. Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociossemióticas – 3. São Paulo: Edições CPS, 2005.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Les métaphores dans la vie quotidienne*. Paris: Minuit, 1985.
- LARA, G. M. P. (org.). *Lingua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

LÉVI-STRAUSS, C. *El totemismo in la actualidad*. Trad. F.G. Aramburo. México. Fondo de Cultura Económica, 1965.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento Selvagem*. Trad. Pellegrini T. Campinas, SP. Papirus, 1989.

MARTHE, M. *No ar mais um vice-campeão de audiência*. Veja, São Paulo, 10 de outubro de 2007.

NIETZSCHE, F. *Verité et mensonge au sens extra-moral*. Trad. De N. Gascuel. Arles Actes Sud, 1997.

OLIVA, S. A. O discurso sobre o Mal na Igreja Universal do Reino de Deus: Uma história cultural do Diabo no Brasil Contemporâneo (1977-2005). 276 f. Tese (doutorado em teologia) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. 2005.

ORLANDI, E. P. *A Linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1986.

PEIRCE, C.S. *Écrits sur lê signe*. Trad. Gerard Deledalle. Paris: Seuil, 1978. Trad. José Teixeira Coelho Netto. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Estudos).

PIERUCCI, A. F. *Magia*. São Paulo: PubliFolha, 2001.

PIETROFORTE, V. A. *Semiótica e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

PIETROFORTE, V. A. *Semiótica Visual: percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

PLATÃO. *A República*. Trad. Pietro Nassenti. São Paulo: ABDR, 2002.

PLATÃO. *Eutidemo. Teeteto. Crátilo. Sofista. Parmênides*. Edição bilíngüe, vários tradutores. Cambridge-London: Loeb Classical Library, 1996.

PROENÇA, L.W. *Sindicatos de mágicos: Uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006)*. 2006. 374 p. Tese (doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP.

PROPP, W. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

RABUSKE, I. J. *Jesus exorcista: um estudo exegético e hermenêutico de Mc 3;20-30*. São Paulo: Paulinas, 2001.

REALE G. & ANTISERI, D. *História da filosofia*. 1ª ed. Vol. 01. São Paulo: Paulus, 2007.

RECTOR, M. TRINTA, A. R. *Comunicação não-verbal (a gestualidade brasileira)*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

RODRIGUES, C. M. “*Cidade, Monumentalidade e Poder*”. In *Geographia*. Revista da Pós-Graduação de Geografia – UFF. Rio de Janeiro, Ano 3, n. 6 dezembro de 2002.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 6ª edição Trad. Antônio Cheline, José Paulo Paes e Izidoro Bliskstein. São Paulo: Contexto, 1974.

STRAUS, E. *Du sens de sens*. Contribution à l' étude de fondaments de la psychologie. Grenoble: Jérôme Millon, 1989.

TARASTI, E. “Ideologies manifesting axiologies”, in *Semiotica – Ideology, logic, and dialogue in a semioethic perspective* – volume 148, Susan Petrilli editora, Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 2004.

TAVOLARO, D. *O Bispo: A história revelada de Edir Macedo*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: ABDR 2004.

TRINTA ANOS: IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. 1ª ed. Unipro editora, 2008. (catálogo).



## APÊNDICE

### O discurso da IURD

O nosso corpus é formado por dois programas: o primeiro tem início com os testemunhos e é entremeado com algumas vinhetas, locução do tipo telejornalismo e um cântico final.

O segundo, também apresenta os testemunhos, mas traz também uma locução do tipo telejornalismo em que os dois apresentadores são os pastores Vagner e Rodrigues que se alternam e se interagem para falar com o telespectador e mostrar os testemunhos dados a eles nos cultos que realizam.

Os testemunhos foram numerados de 1 a 17, seguindo a ordem em que foram exibidos no programa. Para facilitar a localização em que se encontram no corpus, não fizemos distinção entre o primeiro e o segundo programa. Assim, os testemunhos foram enumerados sem sofrer cortes entre um programa e outro, como se fizessem parte de um só programa.

### 1º testemunho

**Pastor:** Aconteceu o que dona Niemayer?

**Niemayer:** Bom, eu estou trazendo o testemunho aqui, não é? Porque foi pedido seu bispo, que a partir da parceria que se faz aqui, o primeiro testemunho é aqui. E as primeiras pessoas que têm que saber do meu testemunho tem que ser daqui. Então... minha família não está sabendo... ninguém sabe.

**Pastor:** Aconteceu o quê? Conta logo, tô curioso! (risos do pastor e do auditório)

**Niemayer:** Então, eu sou formado em magistério, sou professora, em 98 me bacharelei em direito e daí para frente eu e minha família começamos a perder tudo. Tudo! Nós rodamos tudo, sabe? Perdemos casa... nós estávamos em Pindagoiambada. Perdemos casas, automóveis, perdemos tudo!

**Pastor:** E aconteceu o quê?

**Niemayer:** Contrato (risos) (e mostra o contrato de trabalho).

Eu estou contratada por uma multinacional chinesa! Olha aqui! (e mostra mais uma vez o contrato de trabalho para o pastor e para o auditório).

**Pastor:** A senhora foi contratada por uma multinacional...

**Niemayer:** Eu comecei aqui... eu visitei a empresa, segunda-feira passada, não é? Vim bem cedinho aqui na primeira reunião.... foi até com o senhor.

**Pastor:** E a empresa contratou a senhora quarta-feira?

**Niemayer:** Na quarta-feira já fui contratada.

**Pastor:** Uma empresa japonesa?

**Niemayer:** Chinesa.

**Pastor:** Chinesa.

**Pastor:** Vai arrebentar!

**Niemayer:** A minha família não sabe ainda.

**Pastor:** Vai saber porque vai assistir o testemunho! (palmas do auditório).

**Pastor:** Tá começando em nome de Jesus! ( e põe a mão na cabeça da fiel e todos batem palmas).

## **2º testemunho**

**Pastor:** Qual o seu nome do senhor?

**Carlos.**

**Pastor:** Aconteceu o quê?

**Carlos:** Eu estava aqui na reunião dos 318 há praticamente um mês. Eu trabalhava num local e... agora deixei de ser empregado. Sempre a minha vida foi assim... empregado normalmente. E agora a partir de um mês eu deixei de ser e nunca mais quero ser empregado na minha vida... porque Deus tem aberto as portas de tal maneira que todos os meus bens se quadruplicaram né, Deus tem abençoado e tem aberto até outras possibilidade e muito mais coisas vão acontecer! Muito mais! Muitas coisas vão acontecer! E eu só tenho

que glorificar a Deus, como já disseram este lugar é abençoadíssimo né. Deus tem aberto as portas... (o pastor interrompe)

**Pastor:** Um mês que o senhor tá aqui?

**Carlos:** Um mês que eu estou aqui. Na terça-feira de manhã recebi um telefonema... uma coisa me dizia que alguma coisa ia acontecer... dizia que eu ia receber algum dinheiro, alguma coisa que eu nem esperava. Na terça-feira recebi um telefonema me avisando que eu tinha uma indenização, foi um milagre maravilhoso! Então eu só tenho a agradecer!

**Pastor:** Deus te abençoe! (aperto de mão)

### **3º testemunho**

**Pastor:** Aconteceu o que seu João?

**João:** Eu tenho uma serralheria e na segunda-feira eu vim aqui e participei da reunião e terminei. Quando foi na terça-feira às 9 :45, tinha um pregão no serviço da infraero ... uma reforma no aeroporto de Guarulhos.

**Pastor:** Fechou?

**João:** Já saiu tá tudo liberado, já vou começar semana que vem. (palmas).

**Pastor:** Deus te abençoe!

### **4º testemunho**

**Pastor:** Qual o nome da senhora?

**Simone.**

**Pastor:** Aconteceu o quê?

**Simone:** Bom pastor, eu estou aqui há dois meses e meio. Comecei a fazer a corrente dos 318<sup>1</sup> e o que aconteceu? A minha profissão é uma profissão totalmente diferente é ... é que é na área administrativa e eu determinei ...

---

<sup>1</sup> Nome de uma das correntes que a igreja realiza chamada de Nação dos 318 pastores. O termo *Nação dos 318 pastores* é inspirado na passagem bíblica do Velho Testamento que narra quando Ló foi feito cativo juntamente com sua família e seu tio Abraão, com 318 homens, perseguiu e derrotou o rei

Mas eu determinei que esse mês de setembro seria diferente! Então eu entrei e ... que abriu a porta ... a primeira semana de setembro eu entrei numa empresa para trabalhar com vendas. Na primeira semana foi só treinamento. Na segunda semana, Deus já mandou os clientes e agora já fechei grandes contratos!

**Pastor:** Quer dizer que neste mês arrebentou?

**Simone:** Arrebentei! Nunca vendi uma agulha pastor! Deus me capacitou nisso aí!

### **5º testemunho**

**Pastor:** Aconteceu o quê Charles?

**Charles:** É... de 4 meses para cá, eu abri minha empresa, minha representação e vamos se dizer assim ... limpei meu nome... eu não dava muita importância para isso, infelizmente.

Comprei meu carro importado semana passada e tô arrebentando!

**Pastor:** Tá dando certo?

**Charles:** “Tô” arrebentando!

**Pastor:** Deus abençoe!

### **6º testemunho:**

**Pastor:** Qual o nome da senhora?

**Marli.**

**Pastor:** Aconteceu o quê?

**Marli:** Assim... eu comprei uma loja e ela estava praticamente falindo. Tava sem mercadoria, os clientes não queriam mais aparecer lá... o antigo dono já não tava mais investindo nela, abandonou ela completamente. Aí eu comprei essa loja... meio desanimada no começo mas assim ...

Tem dois meses que eu comecei fazer a corrente né? E eu percebi que Deus já está transformando. A clientela tá voltando, eu reformei a loja...

Ela ta cheia de mercadoria, e os clientes ó... as vendas estão dobrando e até multiplicando muito mais!

**Pastor:** Deus abençoe.

### **7º testemunho**

**Pastor:** Qual o nome do senhor?

**Donizete.**

**Pastor:** Aconteceu o quê?

**Donizete:** As minhas vendas bispo... elas vinham muito fracas e eu fiz um voto com Deus e hoje eu fui recompensado. E as minhas vendas triplicaram.

**Pastor. :** As vendas triplicaram?

**Donizete:** Graças a Deus.

**Pastor:** O senhor trabalha com o quê?

**Donizete:** Com material de embalagens.

**Pastor:** Quer dizer que não estava assim?

**Donizete:** De forma alguma. Eu tava assim... até pensando em desistir. Quando fiz um voto com Deus e as minhas vendas triplicaram.

**Pastor:** Deus abençoe o senhor. (aperto de mão).

Apresentadora: **nesta parte a apresentadora em nada se difere de uma apresentadora do telejornalismo. Bem vestida e de boa aparência, ela transmite o seguinte texto:**

**Apresentadora: (fala 1)** “São mais de dez mil pessoas participando todas às segundas-feiras, desta reunião , especialmente para a prosperidade. São 7 (sete) horários e por isso mesmo então as pessoas conseguem programar o seu dia, antes do trabalho ou depois ... enfim, o importante é participar e ter esse conhecimento que faz a diferença!

Bom em se tratando de resultados do mês de setembro, eu conversei com algumas pessoas, vejam só.

Entrada de uma vinheta que exibe o logotipo da IURD com a frase escrita e dita: "Quem participa faz a diferença".

Aparece dito e escrito o seguinte: horários de reunião: 07:30, 10:00, 12:00, 15:00, 18:00, 20:00, 22:00 h.

Entrada da apresentadora: a mesma moça que apresentou o texto acima, agora exercendo a função de repórter, faz entrevista com um rapaz que se encontra dentro de seu automóvel e ela do lado de fora.

A entrevista:

### **8º testemunho**

**Apresentadora: (Fala 2)** Para entendemos melhor a importância da nação na vida de quem deseja vencer com solidez na vida econômica, o seu Renato Moraes.

O que acontecia com o senhor antes de participar pela primeira vez da nação?

**Renato:** eu tenho comércio de motos... de peças e de acessórios para moto e... antes de participar, as coisas iam bem, mas faltava o que? Uma direção, um entendimento, no caso assim... uma visão para poder crescer, atingir outros alvos...

Comecei a participar do congresso. Vi a diferença, vi a mudança sim. Deixei de participar por motivos... as coisas começaram a andar para trás ... e vai fazer quatro semanas que eu voltei . Deus tem me dado uma direção, já mostrou algo para eu fazer. Quer dizer, as coisas já começaram a mudar e agora eu vou pegar firme.

**Repórter:** A forma do senhor pensar assim também tinha mudado depois que o senhor deixou de participar ... tava assim ... de repente desanimado, com alguns pensamentos negativos, isso também ocorreu?

**Renato:** Ah, mudou né. A gente fica com o pensamento um pouco... quer dizer, a gente não tem força para poder talvez lutar. A gente quer mudar, as dificuldades vêm, e você fica sem uma direção, uma orientação e sem uma

determinação, mas quando eu comecei ... quer dizer, quando eu retornei, quando eu voltei a participar do congresso eu ... me fortaleceu, me animou, quer dizer, as lutas ainda vêm, mas com Deus vou vencer todas elas. Tive uma direção né? de aumentar né, as minhas vendas pelo interior de São Paulo, é o que eu vou fazer agora, a partir de quinta-feira, quer dizer ... é uma ... um... novo trabalho, uma nova conquista, quer dizer ... isso já me animou bastante sabe, quer dizer descobri que podia alcançar outro lugar, não vou ficar parado só onde eu to, quer dizer, posso alcançar outros lugares. Com Deus eu posso! E vou atingir!

### **Apresentadora: (fala 3)**

Nesta última semana, o bispo Jadson Santos determinou é... que as pessoas recebessem boas notícias pelo telefone. Então elas levantaram os celulares e enfim os resultados aconteceram e você vai acompanhar alguns agora.

Entrada: vinheta com música incisiva escrita em fonte volumosa a seguinte frase: Determinação.

A seguir mostra imagens do pastor dizendo:

Essa semana o telefone vai tocar, essa semana vão te procurar, essa semana alguma coisa grande vai acontecer.

Entrada: a mesma vinheta: determinação.

Próxima entrada: Imagens, escrito em letras grandes: Retrospectiva, referindo-se aos testemunhos dados durante a realização do culto no templo.

### **9º testemunho**

**Pastor:** Aconteceu o quê senhor Roni?

**Roni:** Eu trabalho com renovação de habilitação. Então era uma por semana. Na semana passada logo no primeiro dia, graças ao telefone foi quinze.

**Pastor:** Quer dizer então que o senhor fechava um negócio por semana?

**Roni:** Um por dia!

**Pastor:** Um por dia!

**Roni:** eu fechei 15 na primeira terça-feira depois da segunda-feira da reunião.

**Pastor:** Quer dizer que nós fizemos o propósito, determinamos que o telefone ia tocar, o senhor creu e só no outro dia fechou quinze?

**Roni:** É

**Pastor:** Isso não acontecia?

**Roni:** Não, não. Era um por semana, era 4 por mês, e eu fechei quinze num dia! (palmas)

**Pastor:** Deus te abençoe.

### **10º testemunho**

**Pastor:** Qual o nome da senhora?

**Inah Batista.**

**Pastor:** Aconteceu o quê?

**Inah:** Bom, eu estou aqui há dois anos e meio, até foi com o senhor bispo. Eu cheguei aqui com dois reais. Eu sou advogada, tenho pós-graduação... (o pastor interrompe):

**Pastor:** Advogada?

**Inah:** Advogada e pós-graduada. Aí eu comecei a perseverar, fiquei na fé, tudo direitinho e fui determinando o que ia acontecer. O senhor no mês de agosto disse que a gente tinha que determinar o maior salário. O meu foi o maior salário de todo o tempo. Aí quando foi agora o senhor determinou que a gente ia ouvir coisa boa no celular. Eu comprei o meu carro nesta sexta-feira, saí da agência, vim direto para cá. Já ungi, zero do jeito que eu queria, porque eu tinha perdido tudo, tava de ônibus.

**Pastor:** Mas não falam que a gente tira tudo das pessoas aqui na Universal? E a senhora chegou aqui com dois reais?

**Inah:** Mas eu não tinha nada! Como é que podem tirar de mim? É o que eu digo para as pessoas: vai pra lá. Eu trouxe clientes meus, eu trouxe amigos

meus. Eu falei: se você quer alguma coisa de Deus, você tem que ir, porque eu não tinha nada, como é que iam tirar alguma coisa de mim.

**Pastor:** Quer dizer que a mulher que tinha dois reais, comprou carro zero, “tá” fechando negócio grande?

**Inah:** Fechei negócio grande quinta-feira, amanhã vou assinar contrato com cliente certo? Meus clientes estão aumentando graças a Deus, meus processos estão andando... deixo aqui com os pastores para orar, deixo aqui quando o senhor pede e ta ... Graças a Deus eu vou vencer! Amém.

**Pastor:** Deus abençoe.

### **11º testemunho (dado por um casal Ana Paula e Renato)**

**Pastor:** Qual o nome do senhor?

**Renato.**

**Pastor. :** E da senhora?

**Ana Paula.**

**Pastor:** Aconteceu o quê?

**Ana Paula:** Então bispo, desde fevereiro nós tínhamos um dinheiro que estava retido... a gente não tava recebendo e por causa disso, foram acumulando as contas, as dívidas e na segunda-feira na hora que o senhor fez a oração para tocar o telefone, na terça-feira de manhã, o telefone tocou. Eles liberaram o nosso dinheiro. Na terça-feira mesmo já foi depositado na nossa conta.  
(mulher)

**Pastor:** E deu para resolver tudo?

**Ana Paula:** Tudo.

**Pastor. :** Quer dizer que dizer que vocês vieram na segunda-feira, na terça tocou?

**Renato:** Na terça tocou bispo. Eu estava vindo falar com o senhor mesmo.

**Pastor:** A coisa tava feia para o seu lado?

**Renato:** Tava... porque era uma sociedade, eu e meu irmão. A gente desfez a sociedade e eu tive que tocar sozinho as coisas né?

**Pastor.** : Agora tão arrebetando?

**Ana Paula:** Estamos arrebetando!

**Pastor:** Deus abençoe.  
Entrada da apresentadora

É importante prestar atenção nos endereços... nos horários. Você que deseja então obter os resultados, venha participar da nação com os 318 pastores. Mas além de tantos resultados positivos na vida econômica, a Igreja Universal do Reino de Deus mostra agora para você, verdadeiros milagres.

Entrada de uma vinheta que diz

Está acontecendo na corrente dos 70<sup>2</sup>...

Esta chamada é apresentada com um fundo musical e uma voz que suscita Mistério e logo em seguida a exibição do seguinte testemunho.

### **12º testemunho**

**Pastor:** A senhora vem cá. (o pastor olha para uma senhora que está sentada numa cadeira de rodas no auditório e puxa ela em sua direção e continua)  
Deixa a cadeira aqui. A senhora estava há quanto tempo na cadeira de roda?

**Fiel:** Sete meses!

**Pastor:** Sete meses? (neste momento o pastor vira-se para o auditório e continua) e a senhora andou heim?

**Pastor:** A senhora nunca veio à igreja?

**Fiel:** Na primeira vez que eu vim...

---

<sup>2</sup> Nome de uma das correntes que a IURD realiza e tem como referência a passagem bíblica no livro de Lucas 10:1 que diz o seguinte: Depois disto, o Senhor designou outros *setenta* e os enviou de dois em dois, para que o precedessem em cada cidade e lugar onde ele estava para ir.

10:9 : Curai os enfermos que nela houver e anunciai-lhes: A vós outros está próximo o reino de Deus.

**Pastor:** Olha atenção heim? (e olha para o auditório e continua) primeira vez que veio à igreja, sete meses aqui (e aponta a cadeira de roda) e agora ta andando! Anda comigo senhora (e puxa a senhora para andar apoiada nele e continua) pode andar ! Olha aqui para a glória do senhor Jesus! Amém Pessoal? Sete meses ela não fazia isso! (palmas do auditório). Sete meses! Olha aí! ( e o pastor olha para uma câmara e continua) você que está numa cadeira de roda, não consegue andar, você que está com dificuldades nas suas pernas, desenganado pela medicina! Esta senhora aqui também estava e ela está andando! Olha aí! Ô câmara, mostra a cadeira de rodas dela!

**Pastor:** A senhora está com quem aqui?

**Fiel:** Com os meus sobrinhos.

**Pastor:** Cadê os sobrinhos?

**Fiel:** São duas sobrinhas.

**Pastor:** Ah! Duas sobrinhas... tá ali venha cá senhora! Olha aqui, pode andar senhora, em nome de Jesus! Venha cá senhora (se referindo à sobrinha da senhora). o pastor se dirige à sobrinha e diz: venha cá senhora , há quanto tempo, sete meses?

**Fiel:** É de sete para oito meses.

**Pastor:** Ela não andava?

**Sobrinha da senhora (fiel):** Ela não anda.

**Pastor:** Não anda? Não anda? O que ela está fazendo aqui agora heim? O quê que ela está fazendo? Anda ou não anda pessoal? Anda ou não anda?

**Pastor.** Para a glória de Jesus!

**Pastor:** A senhora tava tomando remédios?

**Fiel:** Eu vou no médico desde quando fiquei doente.

**Pastor:** No médico?

**Fiel:** Não faz efeito, nada.

**Pastor:** Fazia a senhora ficar em pé?

**Fiel:** Não.

**Pastor:** Não?

**Fiel:** Não, não podia.

**Pastor:** Deus é grande ou não é?

### **13º testemunho**

**Pastor:** Qual o seu nome?

**Amanda.**

**Pastor:** Dona Amanda, qual foi o milagre que aconteceu na vida da senhora?

**Amanda:** Quando eu cheguei aqui, meu marido tava entrevado no hospital. Não mexia em o dedo do pé.

**Pastor:** Cadê ele?

**Amanda:** Tá ali ó.

**Pastor:** Cadê ele? Vem cá, senhor. Ele não mexia os dedos?

**Amanda:** Daqui para baixo ele paralisou. (e a esposa, faz um movimento com a mão da cintura para baixo).

**Pastor:** “Pera” (espera) aí. Daqui para baixo ele paralisou? ( e toca no corpo da fiel para mostrar o local exato que estava paralisado).

**Pastor:** O médico disse que era o quê?

**Amanda:** Ele operou a coluna... que ele teve uma lesão na coluna.

**Pastor:** É? Ele não ia andar senhora?

**Amanda:** Ele não ia.

**Pastor:** Vem cá (se dirigindo ao homem que vinha do auditório) poxa, o senhor ... como é o seu nome?

**Fernando.**

**Pastor:** O que aconteceu senhor Fernando?

**Fernando:** Bem eu tinha uma lesão na coluna ... esmagou a minha medula. Eu fiquei parálítico da cintura para baixo. Não mexia as pernas, não movimentava ... eu fiquei travado na cadeira e graças a Deus hoje eu ...

**Pastor:** O senhor não podia andar não?

**Fernando:** Não, não andava.

**Pastor:** O senhor entrou aqui carregado?

**Fernando:** Pela cadeira de roda.

**Pastor:** Entrou carregado, não podia andar problema de medula né?

**Fernando:** E a lesão foi tão forte que quando o médico quis explicar ele falou assim... como se eu tivesse num sinal parado com a moto e viesse um ônibus e batido na coluna e esmagado a medula.

**Pastor:** A senhora fez a corrente aqui?

**Amanda:** Sim, fiz várias correntes!

**Pastor:** Várias correntes?

**Amanda:** Várias correntes.

**Pastor:** Tá curado?

**Amanda:** Graças a Deus!

**Pastor:** Graças a Deus! Que Deus abençoe!

Antes da entrada a seguir são exibidos mais dois testemunhos dessa mesma natureza.

Exibição de uma vinheta a qual exhibe o logotipo da igreja e anuncia a seguinte frase: **Igreja Universal do Reino de Deus, onde o milagre é uma coisa natural!**

**Apresentadora: (fala 4)** Então hoje você já tem compromisso marcado com a felicidade, com a prosperidade! Obrigada pela sua companhia neste programa, e tenha um excelente dia!

Entrada: um cântico. Durante a execução deste cântico são exibidas imagens que vão de encontro com o significado do louvor. A letra da música passa na tela e junto com a letra, as imagens.

As imagens que aparecem durante a execução do cântico são: imagens internas feitas do alto de um templo da IURD lotado de gente num dia de culto. Essas imagens impressionam porque o templo mostrado é imenso e apinhado de gente. Outra imagem da igreja é a de um cordão formado por pastores da igreja que seguram nas mãos uns dos outros durante a realização do culto para formar a corda que é mencionada no cântico. Percebe-se que se trata dos pastores porque eles se vestem de terno e gravata, ou gravata e camisas brancas de manga comprida e se posicionam em lugares diferentes de modo a ficarem destacados e não serem confundidos com o auditório.

Outras imagens que são mostradas: lojas de grifes e marcas famosas e caras como a marca *Rolex* e *Cartier*, carros de luxo conduzidos por homens, mansões.

Por outro lado são passadas imagens de pessoas em situação de angústia, desespero. Homens bem vestidos, mas desolados, depressivos. Outras imagens de homens em situação de mendicância, pessoas sendo salvas das correntezas de enchentes.

O cântico diz i seguinte:

Uma corda humana é feita para resgatar  
Quem está na lama  
E assim livrar  
Quem está no poço  
E sem direção  
Sou a solução  
Segue as minhas mãos  
Quem está caído  
Vai se levantar  
Vai prosperar  
Vai alcançar honras e riquezas  
E comigo está  
Todos os seus sonhos vão realizar  
Segure as minhas mãos  
E alcance a vitória!

Repetição do cântico e das imagens.

Início do segundo programa que é separado pela a exibição por uma vinheta na qual se mostra imagens de uma grande cidade no período noturno com as

luzes acesas e sobreposta à imagem, o letreiro do programa em fontes brancas quase transparentes escrito SOS que se movimentam na tela e depois adquirem a cor vermelha acrescida da palavra *espiritual* em cor preta.

No início do programa o pastor cita uma passagem da bíblia que diz o seguinte: Bendito serás ao entrares e bendito serás quando saíres . Essa é uma das promessas que a palavra de Deus garante ao senhor e à senhora que deseja ter uma vida completa e realizada.

Estamos aqui agora com o programa SOS Espiritual com o intuito de ajudar a todos que precisam de uma direção para que assim você possa ter sucesso! Saiba amigo, amiga que não só a palavra de Deus ... nós temos por consciência que o ser humano precisa de conquista, o ser humano precisa de vitórias!

Estamos aqui nesta manhã com o pastor Vagner. Bom dia pastor Vagner!

Bom dia! Responde pastor Rodrigues e prossegue e todos aqueles que nos assistem através do SOS espiritual. O senhor sabe que naturalmente uma pessoa em si, ela tem esse desejo, essa finalidade de ter conquistas, vitórias em sua vida! E qualquer ser humano tem essa... essa vontade de ter sucesso, de ter conquistas! E a palavra de Deus mesmo nos mostra, nos ensina que quando se exercita a fé, quando se busca o Deus que é vivo, o Deus que é poderoso, certamente a pessoa terá como tomar posse de todas essas promessas em sua vida!

Pastor Vagner se dirige ao pastor Rodrigues: O senhor sabe que tudo isso passa a acontecer quando a pessoa entende a necessidade dela obedecer a palavra de Deus, uma vez que ela obedece, até mesmo diz a bíblia que as bênçãos vem até ela ou seja, a bênção vai em busca daquela pessoa .

Tem gente que tem desejado coisas e parece que quanto mais ela deseja, mais as coisas se distanciam dela. Mas quando a pessoa passa a buscar um Deus da grandeza, um Deus de maravilhas, como nós temos crido, então as bênçãos passam a buscar essa pessoa.

Prossegue pastor Rodrigues: E como está escrito aqui (bíblia), pastor Vagner e amigos: “Se ouvires a voz do Senhor teu Deus, virão sobre ti e te alcançarão todas essas bênçãos! Olha, através de nossa participação, estaremos mostrando depoimento de pessoas que deram ouvidos a essa voz, essa

direção e perceberam em sua vida a diferença, as conquistas é ... bens alcançados através dessa corrente que acontece toda segunda-feira. Corrente que vai acontecer hoje. Essa corrente toda especial, voltada ao senhor e à senhora que precisa e deseja ter vitórias na sua vida.

Vamos agora acompanhar alguns testemunhos colhidos aí em nosso altar de Bela Vista e já, já voltamos.

#### **14º testemunho**

**Pastor:** Muito bem, estamos aqui com mais um testemunho colhido aqui em nosso altar, aqui na nossa sede de Bela Vista. A senhora que vai comentar como que era sua vida antes de participar desta corrente.

**Fiel:** Bom... exatamente eu vim para a igreja por problemas assim ... de saúde, mas por ter problema na vida financeira né? Eu não era satisfeita com meu local de trabalho, eu era muito humilhada e não gostava do que fazia e fora que eu estava doente... então ... eu tinha muitos gastos com remédios, estava endividada, morava de aluguel, tinha um carro que mais parava do que andava, era um carro bem velhinho e ... era complicado.

**Pastor:** E as compras? Como que eram as suas compras? Roupas, comida ... Como era?

**Fiel:** Não, pastor eu não conseguia comprar. Primeiro porque eu fazia faculdade né e... por sinal eu até fazia bicos no final de semana também tá? Eu fazia unhas no final de semana para conseguir pagar a faculdade. Agora roupas, sapatos? Nem pensar em comprar.

**Pastor:** Não?

**Fiel:** Não, não. Eu era tão humilhada pastor, que eu cheguei a ouvir de uma colega de trabalho assim: o dia que você faltar, o seu sapato vem sozinho! Pra se ter uma idéia do que eu andava! Um único sapato! Não tinha condição... nenhuma!

**Pastor.** - Era um par?

**Fiel:** Um par.

**Pastor:** E hoje como que a senhora vive hoje, após participar desta corrente? Conte para a gente.

**Fiel:** Hoje... Bom, sou formada, fiz pós-graduação na área que eu gosto, fui promovida no meu trabalho... e minha mãe na época, né ... eu morava com ela de aluguel. Hoje ela tem o apartamento dela. Eu conquistei o meu apartamento que está quitado, reformado... do jeitinho que eu quero . Tenho um belo carro tá, o carro que eu queria, era o carro que estava nos meus sonhos! E hoje tenho prosperado. Fui promovida, gosto do que eu faço entendeu? Eu... eu “tô” na função que realmente eu adoro e... tenho muito tempo de empresa. Então Deus tem me protegido muito. Aconteça o que acontecer lá entendeu? Época de cortes... tudo, graças a Deus, Deus tem me mantido.

**Pastor:** Fala para a gente, hoje a senhora não tem só um calçado não, né? Já mudou!

**Fiel:** Não, graças a Deus tenho vários calçados, bolsas. Compro o que eu quero, como onde quero entendeu? Deus tem me abençoado, graças a Deus.

**Pastor:** Valeu a pena?

**Fiel:** Muito, muito.

**Pastor:** Seja você também amigo, amiga, a dar um testemunho como esse. Esteja conosco toda segunda-feira, aqui na nossa sede de Bela Vista, na avenida Brig. Luiz Antônio, 1401 – Vela Vista – SP às 15h00min e também às 19h30min h.

Volta aos estúdios com o pastor Rodrigues.

**Pastor Rodrigues:** E nós estamos aqui amiga exatamente para mostrar ao senhor e à senhora que se encontra isolado na sua casa, no seu carro, muitas vezes em depressão, angustiado, triste, pensando mesmo em dar cabo em sua própria vida. O senhor e a senhora que se encontra desesperado, sem saber o que fazer, sem saber como agir... porque é agiota, é dívidas, é contas,

vendendo os dentes para pagar as dívidas e as dívidas não cessam ... problemas com seus funcionários, processos, títulos a protesto, ou seja, você tem sido uma pessoa que vem se encontrando sem direção, sem saber o que fazer, sem saber como agir. Pastor Vagner, nós queremos mostrar para essas pessoas que elas podem dar um grande passo na vida delas. Elas podem vencer, elas podem realizar os seus sonhos, elas podem vencer esses problemas que tem estado presentes em suas vidas, mas elas têm que dar um passo diferente, têm que agir como essa senhora agiu, elas têm que tomar essa atitude.

**Pastor Vagner:** E hoje é o dia! Essa segunda-feira é especial para essa pessoa que tem que tomar esse passo de fé. Porque se perguntar para ela é... você quer resposta para quando? Ela diz: para ontem.

Nós temos na bíblia, um povo que precisa de um livramento de Deus e tinha sete dias então para que esse livramento... ele viesse a existir. Se não houvesse esse livramento, eles teriam que se entregar ao seu inimigo e teriam a marca desse inimigo na vida deles. Mas quando foi recorrido a Deus, Deus ele... livrou. É isso que essa pessoa na segunda-feira vai obter de Deus! Ela não pode se entregar e ela deve buscar Deus, o Deus que livra qualquer que seja a situação.

**Pastor Rodrigues:** Ok amigo, amiga, quando o senhor e a senhora ficar aí prostrado, em lágrimas, triste, decepcionado, de repente você é uma pessoa que perdeu uma grande oportunidade ou até mesmo teve uma grande perda na sua vida, você se encontra aí decepcionado com tudo, não vai adiantar o senhor, a senhora se prostrar, pensando que alguém vai ter dó de você e até mesmo Deus terá dó de você... porque Deus ele faz de acordo com sua fé, Deus ele manifesta o poder dele, ele age na sua vida a partir do momento que você exercita a sua fé. As bênçãos vêm pela fé e quando você está conosco nessa corrente, você, a sua fé, ou melhor, ela é despertada, o que está dentro de você, que é uma grande força, agora, de repente, no quarto que você se encontra agora, você não vê essa força, mas a força que há em você existe. Essa força é despertada através dessa palavra e através dessa fé é que vêm as conquistas.

Nós vamos acompanhar mais um testemunho colhido no nosso altar, no nosso altar ali, onde nós estamos presentes, fazendo essa grande corrente para que você venha a ter prosperidade. O testemunho é de dona Marisa. Já, já voltamos.

**Pastor Rodrigues:** Olha amigo, amiga você é nosso convidado especial a estar conosco nessa corrente que acontece todas às segundas-feiras. A dona Marisa deu esse passo de fé. Dona Marisa chegou até nós com diversos problemas financeiros passou é... até mesmo necessidade com a sua família. Tinha uma vida controlada e hoje ela tem uma vida completa.

Dona Marisa, conta para a gente como era essa vida controlada que a senhora tava nos contando que a senhora vivia?

### **15º testemunho**

**Marisa:** Era isso mesmo, eu vivia no controle. Trabalhava para outras pessoas e o salário que nós recebíamos tinha que... assim por exemplo, queria comer algo não podia, não viajava, gastava muito com remédio, então era assim mais para comprar remédio do que para comer. Então era muito difícil, foi muito difícil. E... através disso vinha brigas, discussões com meu esposo, porque eu queria comprar, dar algo para o meu filho, ele não podia comer ... eu queria comprar roupas e só olhava nas vitrines e não podia ter aquelas peças de roupa. Vivia até... só ganhando das outras pessoas, isso era muito triste. Até que um dia eu recebi um convite para fazer essa corrente empresarial na Igreja Universal do Reino de Deus e aí tudo começou a mudar. Comecei a fazer as correntes, perseverar... que não foi no início, não foi de uma hora para outra é ... com as correntes, com o tempo, nós fomos adquirindo nosso próprio negócio, inclusive dois ... dois ... por exemplo, ele tem o comércio e mais caminhões né, que ele adquiriu ...

**Pastor Rodrigues:** Praticamente duas empresas!

**Marisa:** Isso mesmo. Duas empresas! É e hoje eu posso! Não gasto com remédios, em vez de comprar remédios, nós saímos para almoçar fora todo domingo. Uma vez por mês nós viajamos... é ... meu filho vai comigo até o mercado, mamãe eu quero ... hoje eu posso dar para ele o que eu quero, o que ele quer comer. Eu como hoje do bom e do melhor, nós temos uma vida hoje,

completa, regalada. Se eu quiser viajar hoje, hoje eu posso viajar, se eu quiser comprar... hoje eu posso olhar uma vitrine e comprar uma roupa que eu olho e assim a gente ... acabou as discussões, porque a vida financeira traz discussões.

**Pastor Rodrigues:** Acaba atrapalhando né?

**Marisa:** Atrapalha sim porque ... acaba atrapalhando, posso? Não posso, você não pode comprar isso então acaba trazendo discussões e infelicidade.

Hoje não. Minha vida é completa com a minha família e eu falo para todos vocês que estão assistindo: vão buscar na segunda-feira, na vida financeira, na corrente empresarial e tudo vai dar certo, Deus vai abençoar vocês!

**Pastor Rodrigues:** Com certeza! Contra fatos não há argumentos! Dona Marisa chegou até nós com a vida completamente medida né, e hoje ela tem uma vida regalada e completa! Seja você amigo, amiga a dar o próximo testemunho conosco! Toda segunda-feira acontece essa corrente às 15:00 h e também às 19:30 h na nossa sede em Bela Vista na av. Luiz Antônio nº 1401. E ali na vila Galvão, o pastor Wagner... ele vai estar com todos vocês também levando essa mesma fé, também levando as pessoas a essa direção a essa conquista para que assim tenha sucesso profissional, não é isso pastor Wagner?

**Pastor Wagner:** Com certeza, estaremos ali na vila Galvão na rua Maria Primo de Jesus, nº 145 às três horas da tarde como também às sete e meia da noite! Estaremos fazendo é... determinando e levando as pessoas a terem a capacidade de Deus, pois aqueles que a tem, começam a vencer limites, desafios e qual for a situação!

**Pastor Rodrigues:** e essa é a nossa intenção! Queremos mostrar ao senhor, à senhora que somos nós mesmos que colocamos nossos próprios limites! Estávamos até comentando lá na igreja de Bela Vista semana passada, tem muitas pessoas que se for ver pelo seu ponto de vista, não tem condições nenhuma de ter sucesso, de ter conquistas, porque sempre surge um obstáculo – obstáculos físicos ou obstáculos... falta assim... condições ... e conseguiram ultrapassar barreiras. Nós vemos tantas pessoas que têm formação, que têm

condição – condição social, condição física e estão estacionadas. De repente o senhor, a senhora se encontra aí na sua residência, de repente no seu escritório... muitas vezes você não vai nem para a casa, mas dorme mesmo no seu trabalho porque você não tem mais forças, mas saiba você que nós temos que quebrar todas as nossas barreiras! Aquilo que se limita à nossa força física, nos temos que correr a Deus e uma vez que é ... Ele... certamente não haverá barreira, não haverá limite, não haverá nada que possa impedir o senhor, a senhora de ter vitória e conquistas na sua vida!

Vamos a mais um testemunho ali, dona Fátima nos relatou como que é hoje a sua vida depois de participar dessa corrente, a corrente dos empresários!

**Pastor Rodrigues:** Muito bem, estamos aqui no nosso altar da sede de Bela Vista onde acontece toda a segunda-feira, a corrente para a prosperidade e a dona Fátima chegou até nós com diversos problemas na vida financeira, onde hoje ela alcançou a felicidade! Mas dona Fátima, conta para a gente como era a sua vida antes de participar dessa corrente?

### **16º testemunho**

**Fátima:** Bom, quando eu comecei participar da corrente, eu tava te mesmo trabalhando como empregada e muito endividada e eu comecei fazendo as correntes, fui vencendo, e comecei a perseverar. Fui primeiramente pagando as minhas dívidas, pagando agiotas, pagando o banco e mesmo trabalhando de empregada e fui perseverando. Hoje, tenho o meu comércio abençoado, tenho o meu carro, tenho funcionários, graças a Deus minha vida hoje... tenho tudo!

**Pastor Rodrigues:** Ou seja, quando a senhora chegou era empregada!

**Fátima:** Exatamente! Trabalhando de empregada para meu irmão que um dia foi meu sócio também.

**Pastor Rodrigues:** A senhora chegou a perder os seus bens né?

**Fátima:** Sim, perdi tudo! Recomeçando, comecei trabalhando com ele. Comecei trabalhando com ele de ajudante de cozinha, perseverando, passei a ser gerente, de gerente... hoje eu tenho o meu comércio.

**Pastor Rodrigues:** Tem o seu próprio negócio, a sua casa, seu automóvel...

**Fátima:** Sim. Tenho o meu apartamento num local nobre, tenho o meu carro e tenho o meu comércio que é abençoado com bastante funcionários também e hoje já com plano maior.

**Pastor Rodrigues:** Então vale a pena fazer essa corrente?

**Fátima:** Sem a menor dúvida!

**Pastor Rodrigues:** Então você amigo, amiga também é nosso convidado a estar conosco participando dessa corrente especial que acontece a toda segunda-feira às 15h00min h e também às 19h30min h aqui em Bela Vista na av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1401. O senhor, a senhora viu aí no seu vídeo a corrente dos empresários, mas essa corrente não é somente para você que é empresário dono de seu próprio negócio. Essa corrente é para você que é assalariado, você que é autônomo, você que é lojista, você que está desempregado, você que tem dívidas até porque pastor Vagner, muitas pessoas tem chegado até nós como empregados e até desempregados e através dessa corrente, elas têm descoberto seu próprio talento, descoberto sua própria força, Deus tem mostrado, Deus tem dado suas próprias idéias e hoje são pessoas tem seu próprio negócio, são pessoas que “tão” vencendo com seu próprio talento, até porque perceberam que estavam enriquecendo os outros com seu talento. Muitas vezes a pessoa... ela não entende que as pessoas conseguem trabalhar e prosperar pelo talento dela .... mas ela mesma não consegue usufruir do talento que tem, para ela ter sucesso, para ela ter prosperidade.

É esse o nosso... nosso foco: levar a pessoa descobrir a força que ela tem.

**Pastor Vagner:** Com certeza! Essas pessoas que nos assistem e de repente se acham é... inferiores, é exatamente essas pessoas que Deus quer fazer algo grande, que Deus quer levantar essa pessoa, que Deus quer fazer dela cabeça e não cauda! São pessoas assim que Deus quer se manifestar, são pessoas assim que Deus quer mostrar sua grandeza!

Deus está então convidando, é um chamado para essas pessoas que estão numa situação economicamente difícil ou essa pessoa que diz assim: eu não

tenho nada! Mas vindo na corrente dos empresários, Deus vai se manifestar e ela vai ser então uma pessoa de sucesso!

**Pastor Rodrigues:** Ou até mesmo o senhor, a senhora que percebe e fala: ó pastor eu não “tô” com problemas financeiros, mas não “tá” andando da forma que eu queria que “tivesse” andando, já era para mim “tá” lá na frente. Eu não “tô” com dívida, eu não “tô” com título a protesto, mas eu não “tô” jeito que eu quero estar. Eu preciso de algo maior, mais forte para que eu “posso” alcançar o ideal, o meu objetivo.

Saiba que muitos são aqueles também que vivem perguntando: poxa, mas falta oportunidade para mim, eu até tenho um desejo, um sonho, tenho idéias, vêm na minha mente, mas falta oportunidade para mim chegar... alcançar aquilo que eu almejo na minha vida.

Vamos acompanhar essa matéria que comenta exatamente sobre isso e já voltamos:

#### **Matéria jornalística fala sobre o desemprego no país.**

**Pastor Rodrigues:** Muitas são as pessoas que muitas vezes vêm dizendo para si mesma: poxa, ninguém me dá oportunidade, ninguém me dá uma chance, ninguém me abre uma porta. Porque eu quero mostrar o meu talento, eu quero mostrar o meu trabalho, eu quero mostrar o que eu sou capaz de fazer! Mas o espírito que nós temos passado para todos nessa corrente, pastor Vagner, é exatamente isso, que as oportunidades nós mesmos vamos fazer, nós mesmos vamos preparar, não precisa abrir a porta não, só uma brecha já é suficiente para nós entrarmos ali, colocar a nossa força, colocar a nossa disposição e mostrar que através da fé, nós podemos, nós assim... podemos conquistar !

**Pastor Vagner:** Com certeza! Essa pessoa ela deve então entender que essa oportunidade, uma vez buscada em Deus, vai ser uma oportunidade certa, não uma oportunidade duvidosa, mas uma oportunidade certa, porque Deus não abre portas incertas, Deus abre portas então verdadeiras na vida daqueles que creem.

**Pastor Rodrigues:** e muitas das vezes o senhor sabe que a pessoa até... ela tem dentro dela: não eu tenho que construir minhas oportunidades, eu tenho

que abrir essas portas que estão fechadas, na minha vida! Mas ela fala: pastor, eu sei, mas não sei como? Eu não tenho forças, eu não tenho mais disposição para isso! Pastor Vagner, então fale para essa pessoa o que que ela tem que fazer para que ela encontre essa disposição e assim, ela vença!

**Pastor Vagner:** Essa pessoa que precisa da força de Deus, ela precisa reconhecer a importância dela estar aliada com Deus, uma vez que ela então se alia a Deus, ela deixa de lado a sua própria forma de pensar, de agir, de então idealizar e ela passa a receber a direção de Deus. Isso vai trazer força para ela e capacidade de ela vencer tudo que ela tem de vencer!

**Pastor Rodrigues:** É exatamente isso que o senhor Odair fez. Seu Odair deu esse passo de fé, chegou até nós e alcançou o sucesso. Acompanhe só:

### **17º testemunho**

**Repórter:** Hoje eu vou conversar como Odair. Ele como empregado enfrentou graves dificuldades financeiras, mas hoje como patrão as coisas são bem diferentes. É isso mesmo né Odair? Quais as dificuldades financeiras que o senhor enfrentava?

**Odair:** Eu cheguei “na” igreja não tinha nada, nada mesmo! Eu levava o meu filho de manhã para a escola... eu colocava dois dedos de leite e o resto eu completava com água, com chocolate para dar para ele. Ele falava: pai “tá” fraco isso aqui! Eu “tava” enrolando ele, mas ele tomava e ia. Eu não tinha nada, “chegava” uma situação que ele pedia bala para mim e eu não tinha dinheiro para dar a bala. Não cheguei a passar fome “que” a minha mãe ajudava. Ela trabalhava numa padaria perto de casa, eu passava lá pegava um pão, uma bolacha e ia enrolando meu filho. Não tinha nada, nada, nada! Não tinha onde morar, “que” eu não tinha mais dinheiro para pagar o aluguel. Meu pai ia fechar a garagem da casa dele para eu ir morar lá. Aí eu falei: não, não quero! Daí eu fui alugar uma casa, mas eu não tinha dinheiro, eu tinha um carro. Chegou um mês que eu tirei a roda do carro e “vendia” para pagar o aluguel. Chegou uma situação que eu tirei o rádio do carro para pagar o aluguel! Fui vendendo, fui vendendo tudo que tinha no carro. Chegou uma hora que eu não tinha nada no carro.

**Repórter:** Senhor Odair, o senhor como o provedor do lar, como é que é isso?

**Odair:** É difícil, é difícil... uma situação muito difícil que a gente passa ... um pai de família ... um filho que chegou a falar para mim que a casa da formiga tinha mais do que a minha casa. Então eu passei muita humilhação, todo mundo me humilhava. Eu trabalhava, mas não dava para eu manter a minha casa, não dava para eu manter o meu filho com uma bala, não tinha para dar para o meu filho!

**Repórter:** O senhor trabalhava com que?

**Odair:** Eu trabalhava no ramo de pneu, trabalhava com recapagem na área de vendas. Tanto que eu trabalhava na recapagem com vendas... vendia muito bem, deixava o patrão rico. Eu tinha uma borracharia, eu trabalhava em Taubaté e tinha uma borracharia em São José e ele (patrão) e começou a montar uma recapagem também e eu vendia muito pneu para ele. Ele virou e falou para mim... fez uma proposta se eu queria trabalhar com ele, para ajudar ele montar a recapagem, ajudar a montar a recapagem entre parênteses né, ia deixar ele rico, como eu deixei o outro. Ele tinha duas maquininhas velhas e começou a trabalhar. Eu fui trabalhar para ele. Eu fazia todas as regiões do vale e resumindo, com dois anos ele tinha cinco máquinas zero, ele tinha fazenda, “tava” com chácara e eu continuava cada vez pior, cada vez mais para o fundo do poço, não tinha nada.

**Repórter:** Senhor Odair, quando esse pensamento começou a mudar, o senhor falou: não, cansei dessa situação:

**Odair:** Quando eu comecei ir na reunião dos empresários. Eu ouvi a palavra de Deus, o homem de Deus “tava” lá em cima. Eu comecei a agir aquilo ali, agir naquilo ali tudo, agir na minha fé, daí começou a mudar. Daí eu comecei, daí me revoltei com a situação que eu passei. Não me revoltei com Deus, como muita gente se revolta com Deus, sai da igreja:” não, Deus não faz nada para mim”. Não é que Deus não faz nada para você. Você é que tem que fazer para Deus, para Deus agir na sua vida. Foi aí que eu comecei a me revoltar... que eu tinha um carro que eu falei que eu arrancava ... eu não tinha mais nada. Colocava um peneu no carro ia lá e vendia, comprava mais dois peneus no

carro, ia lá e vendia... e assim foi indo, foi indo que eu consegui comprar uma pampa.

**Repórter:** Então o senhor começou a ter uma nova visão, não vou ser mais empregado, vou ser patrão:

**Odair:** Sim. Daí eu comprei um voyage sem documentação, sem nada. Colocava um, dois peneus que cabia no carro, foi indo, foi indo eu comprei uma pampa que parecia uma maria fumaça ... que eu passava na rua e a turma falava: a maria fumaça tá aí. Foi indo, foi indo, agora comprei uma camionete e foi cada vez melhorando mais. Na segunda-feira eu não falto de jeito nenhum na reunião dos empresários.

**Repórter:** O senhor chegou a enfrentar algumas dificuldades para ir e voltar da reunião....

**Odair:** Enfrentei, enfrentei. Eu vinha a pé, voltava a pé, andava mais ou menos 6 a 7 km a pé. Ia com o carro, tinha vezes que acabava a gasolina e eu tinha que deixar o carro no meio do caminho... ia para a reunião, tentava arrumar dinheiro para por gasolina para ir embora.

**Repórter:** Mas mesmo assim não desistia

**Odair:** Não. Podia ter chuva, sol... chegava visita em casa, eu dizia: dá licença que eu "tô" indo para a reunião. Tinha vez que eu que eles estavam em casa me esperando, tinha vez que não, eu falava: paciência, em primeiro lugar a reunião dos empresários, eu não faltava para nada, não faltava não, eu não falto em hipótese nenhuma.

**Repórter:** E vale a pena esse sacrifício, senhor Odair:

**Odair:** Vale muito a pena! Vale muito a pena você ir lá e agir a fé, não adianta você não agir a fé. Você tem que agir a fé e se lançar, tem que se lançar mesmo, porque se você se lançar vale muito a pena!

**Repórter:** O que o senhor conquistou

**Odair:** Hoje eu tenho um terreno de 340 metros. "Tô" construindo a minha casa, "tô" construindo a minha sede própria do meu depósito, tenho o meu

carro. Antigamente eu tinha um carro que não tinha licença. Hoje graças a Deus, tenho uma camionete. O meu filho hoje em dia ele não fala nada, hoje ele até abusa um pouco, ele entra no num supermercado ele compra tudo! Ele pega o próprio carrinho dele e vai comprando o que ele quer, eu não falo nada, graças a Deus!

**Repórter:** O curioso é que o senhor continuou no mesmo ramo, mas de uma forma totalmente diferente

**Odair:** Sim, daqui para melhor. Hoje eu “tô” com o depósito. “Tô” pensando, “tô” pensando não, eu vou fazer em nome de Jesus a minha loja... que vai tocar o meu filho, a minha esposa vai tocar a loja e ... colocar ele no ramo também.

**Repórter:** A visão que o senhor tem hoje do mercado, a visão empresarial

**Odair:** A visão é cada vez crescer mais né: Eu quero ter... em todas as cidades eu quero ter meu depósito, não só em Taubaté. Eu “tô” visando as cidades todas e ir para fora também.

**Repórter:** Tá ok, Odair, muito obrigada pela sua participação.

**Pastor Rodrigues:** Tanto em Bela Vista como na Vila Galvão, você é nosso convidado todo especial a estar conosco nesta corrente. Deus abençoe e até mais.

No final do programa, há a exibição de belas imagens de paisagens naturais como lagos, rios, cachoeiras, passaros, montanhas.

O programa tem ao todo, 47: 48 min. De duração.

